

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO

JOSÉ VITOR MARCHI PALMA E SILVA

Documentário: a construção de um ícone com os quilombolas de Pedro
Cubas – Vale do Ribeira-SP

Dissertação apresentada à Escola de
Comunicações e Artes da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de
mestre em Ciências de Comunicação

Área de concentração: Estudo dos Meios
e da Produção Mediática

Orientador: Prof. Dr. Gilson Schwartz

São Paulo
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo de pesquisa, desde que citada a fonte.

Nome: SILVA, José Vitor Marchi Palma e

Título: Documentário: a construção de um ícone com os quilombolas de Pedro Cubas – Vale do Ribeira

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Ciências de Comunicação

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

À minha família: meu pai Luiz Palma, minha mãe Ana Maria, meu irmão Pablo e minha irmã Juliana, que me guiam e inspiram com amor, carinho, presença, inteligência e dignidade.

À Deus pela luz da vida.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Gilson Schwartz pela orientação sábia e transformadora, contribuindo para meu crescimento científico e intelectual.

Aos professores das disciplinas que cursei na Universidade de São Paulo durante o curso da Pós Graduação.

À Escola de Comunicações e Artes, pela oportunidade de realização do curso de mestrado.

À CAPES pela concessão de bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

À Comissão de Pós Graduação deste programa pelo apoio e paciência.

Às funcionárias da secretaria de Pós Graduação pelas orientações e apoio.

Aos funcionários da biblioteca da ECA pela agilidade e receptividade.

Aos funcionários da Central de Cópias da ECA.

Aos quilombolas de Pedro Cubas – Vale do Ribeira pelo acolhimento, participação, motivação e respeito.

Ao ITESP pela abertura ao campo e apoio.

Ao ISA pelo apoio.

À todos aqueles que contribuíram durante a pesquisa, incluindo colegas, amigos e pesquisadores da Universidade de São Paulo.

Aos professores das disciplinas que cursei na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo durante o curso da graduação.

Caligrama

"Depois da fugaz passagem pela neblina
O destino em brilho e revelação
Tal qual um espelho em fragmentos
a imbricar vidas, sua mente lambe!

Por um instante o corpo arde
e faz religar seu abstrato coração"

Luiz Palma, 2007

RESUMO

SILVA, José Vitor Marchi Palma e. **Documentário:** a construção de um ícone com os quilombolas de Pedro Cubas – Vale do Ribeira. 2009. 145 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2009.

Desenvolvimento de pesquisa de campo através de métodos etnográficos e produções iconográficas tais como registros filmicos, fotografias e *blogs*, com remanescentes de quilombos da comunidade de Pedro Cubas no Vale do Ribeira, sul do Estado de São Paulo. Busca-se a partir de uma abordagem etnográfica construir um texto interdisciplinar para orientar, de forma colaborativa, a produção documentária de um ícone com as expressões e as tensões da vida cotidiana marcadas pela singularidade de suas origens e lutas históricas.

Palavras-chave: Comunicação; Documentário; Ícone; Remanescentes de Quilombos; Etnografia.

ABSTRACT

Field research development by ethnographic methods and iconographic productions such as film registers, photos and blogs, with people from *quilombos* remains in *Pedro Cubas* community, *Vale do Ribeira*, south of *São Paulo* State, Brazil.

Keywords: Communication; Documentary; Icon; Remnants Quilombos; Ethnography.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Aspectos da ação de regularização fundiária no Estado de São Paulo.....	24
Quadro 2 – Descrição dos personagens.....	69
Quadro 3 – Acontecimentos e Atividades da Pesquisa.....	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 SUJEITO	17
2.1 VALE DO RIBEIRA.....	18
2.2 PEDRO CUBAS.....	20
3 EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO	28
3.1 ENTORNO COMUNICATIVO	30
3.2 NOVOS MODOS DE PERCEPCÇÃO DE LINGUAGEM, NOVAS SENSIBILIDADES E ESCRITAS ; BIOS MIDIÁTICO, CÓDIGOS	31
4 ICONOMIA, TEORIA DO VALOR DOS ÍCONES.....	38
5 A ANTROPOLOGIA VISUAL	45
6 PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE NÃO FICÇÃO (DOCUMENTÁRIO).....	52
6.1 CARTA DE INTENÇÕES: PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE NÃO FICÇÃO COLABORATIVA	56
7 METODOLOGIA	60
8 RESULTADOS.....	68
8.1 EQUIPAMENTOS TÉCNICOS.....	68
8.2 PERSONAGENS	68
8.3 VIVÊNCIA	73
8.4 TRANSCRIÇÕES DO CADERNO DE CAMPO: ANOTAÇÕES ETNOGRÁFICAS.....	77
8.4.1 MAPEAMENTO SOCIAL.....	77
8.4.2 MAPEAMENTO ESPACIAL	77
8.4.3 DINÂMICA COMUNITÁRIA.....	78
8.4.4 APONTAMENTOS SOBRE PROCESSOS COMUNICATIVOS.....	78
8.4.5 FORMAS DE VIDA, COSTUMES E TRADIÇÕES	84
8.4.6 A FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES	84
8.4.7 POLÍTICA E ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA	88
8.4.8 TRAÇOS DE IDENTIDADE	89
8.5 CAMPO 1	91
8.6 CAMPO 2	93
8.7 CAMPO 3	125
8.8 CAMPO 4	128
8.9 CAMPO 5	133
9 CONCLUSÃO	134
REFERÊNCIAS.....	143

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho a rigor não se inaugura neste texto acadêmico. Ele vem de um repertório anterior que nos orientou e de certa forma nos conduziu até a esta formulação ainda carregada de enigmas e interrogações. Desde a graduação em Comunicação Social, Habilitação Multimeios¹, concluída em 2005, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo², nos encontramos envolvidos com as questões da comunicação e de maneira mais influenciadora tocados pelo fascínio dos meios.

A habilitação Multimeios trouxe para o estudante um esperar, àquela acessibilidade e operacionalidades que se promoviam instigantes e que ao longo do curso se manifestaram em disciplinas como Direção de Vídeo; Pós Produção para TV, Vídeo e Mídias Digitais; Sintaxe Visual; Design Digital; Hipertexto; Mapeamento Lógico; Lógica Computacional; Comunicação e Arte da Era da Informação; Teoria da Mídia.

Concomitantemente, e ainda mais fascinante ao graduando em curso, o fervor como foi apresentada a dimensão social da comunicação complementava a habilitação e fazia-se gerador de interesses em disciplinas como Linguagens Imagéticas; Filosofia da Técnica; Futurologia; Teoria e Prática do Documentário; A Poética da Imagem. Estes conteúdos culminaram em referências fundamentais para o nosso trabalho de conclusão de curso (TCC), intitulado “Janelas Suburbanas: a mediação da TV do cotidiano da periferia urbana” - análise do seriado Cidade dos Homens, uma produção da O2 Filmes exibido na Rede Globo de televisão naquele período.

Durante, e daquele período a este, nossas gravações e edições compreenderam muito o terreno da cultura: exposições de artes visuais³, performances, teatro⁴ e música⁵, colóquios⁶, seminários, palestras, workshops.⁷

¹ COMUNICAÇÃO SOCIAL MULTIMEIOS. www.pucsp.br/multimeios

² PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA-SP. www.pucsp.br

³ Especialmente a produção de material de divulgação, filmagens e edições das exposições de artes visuais realizadas pelo Astrolábio Ateliê www.astrolabioateliê.blogspot.com

⁴ Experiência única de oito horas seguidas de registro em vídeo com Denise Stoklos a destacar dimensões do Teatro Essencial entremeados por ensaios filosóficos.

Registros de contratos sociais como por exemplo, cerimônias religiosas de casamento, também fizeram parte de nossa experiência. No entanto as produções que nos debruçávamos com maior afinco, intuição e reflexão concerniam e ainda concernem às nossas indagações diante das injustiças e abismos sociais presentes na sociedade brasileira. Dentre elas destacamos uma experiência de prática documentária com um grupo de Rap da periferia urbana da zona Oeste de São Paulo, no bairro da Freguesia do Ó – iniciativa pessoal compartilhada com um ex-colega de faculdade e, uma experiência de voluntariado em registros de projetos sociais no município de Guarulhos⁵. Essas experiências foram determinantes para a decisão de darmos continuidade aos estudos acadêmicos em um próximo nível.

Prosseguindo nossa trajetória, a partir de 2007 como pesquisador de pós graduação na Escola de Comunicações e Artes – (ECA), Universidade de São Paulo (USP), tínhamos para o nosso ponto de partida, e de maneira mais afirmada, a noção daquilo que gostaríamos de problematizar, a saber, a fricção entre mídias e sociedade, senão ainda com muita clareza como linha de pesquisa mas bem delineada no nosso projeto de ingresso.

No departamento de Cinema, Rádio e TV da ECA, percebemos que o que era um projeto poderia se tornar uma pesquisa. Ansiávamos, e sempre ansiamos, não só por aprofundamentos teóricos, mas por esse imbricar da teoria com a prática social que amalgamados por erupções contínuas da nossa vontade de conhecimento nos levaram a tantas práticas documentais. A partir do nosso interesse primordial e dos percursos que realizamos, sob orientação acadêmica, pudemos avançar nosso trabalho, que descortinaremos neste texto. De forma a recuperar as aquisições intelectuais obtidas durante o percurso acadêmico na pós graduação citamos com ênfase as seguintes disciplinas cursadas: Economia da Informação e Novas Mídias; Análise de

⁵ Intenso making of dos ensaios e das realizações de shows da banda paulistana Maniva www.bandamaniva.com.br

⁶ Registro em vídeo do encontro com o historiador Fernando Novaes no Astrolábio Ateliê sobre uma análise crítica da aproximação entre história e religião na literatura e no cinema a partir do livro de Dan Brown e do filme O Código Da Vinci.

⁷ Registro em vídeo de Seminário Internacional sobre Psicoterapia Corporal coordenado pelo psicoterapeuta Rubens Kignel no SESC Pompéia/SP.

⁸ Urb-AI – Europa – América Latina. Potencialização do uso de sistemas de informação georreferenciados nos projetos de combate a pobreza de jovens na periferia urbana. 2006/2007. Instituto Polis/SP.

Filme, Crítica de Cinema; A Influência das Novas Tecnologias na Linguagem Cinematográfica como Forma de Expressão; Documentário: Fronteiras e Tradições; A Memória das Testemunhas; A Produção Audiovisual de Não Ficção: na Transversal da Imagem; Inconsciente, Oralidade e Escrita: Aproximações Entre Ciências da Linguagem, Psicanálise e Ensino (Faculdade de Educação - USP); Identidades Nacionais e Étnicas na Mídia, Cinema, Memória e História: Formas de Representação Audiovisual; Novas Sensibilidades: entre Urbanias e Cidadanias; O Pensamento Comunicacional na Contemporaneidade; Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC): entre Inovação Técnica e Inserção Social.

Durante o período do pós tivemos duas experiências aplicadas muito marcantes. A primeira, no segundo semestre de 2007, ao participarmos de um curso aberto sobre videoreportagem promovido pela Escola Comunique-se (São Paulo), a fim de nos aprimorarmos para as jornadas de gravações no campo da pesquisa. Nosso trabalho de produção neste curso resultou em um vídeo que intitulamos “Desajambrado” que remonta, através do audiovisual, a um olhar questionador da cidade de São Paulo pautado pela asserção filosófica do caos. Colhemos depoimentos de puxadores de carroças, catadores de lixo, imagens urbanas dos contrastes sociais, depoimentos de transeuntes na Praça da Sé, registramos cânticos urbanos de diferentes espécies - religiosos, reivindicativos, ruidosos, dispostos em um processo de montagem paralela aos conceitos muito precisos e didáticos sobre a teoria do caos, a partir dos depoimentos, expressões e gestos do professor e filósofo Flávio Di Giorgio⁹, nosso amigo poeta e amado mestre.

A segunda experiência se deu em conta por demanda de trabalho final da disciplina “A Memória das Testemunhas” ministrada pela emérita professora Eclea Bosi na Escola de Comunicações e Artes no primeiro semestre do ano de 2008. Naquele período tivemos a oportunidade de produzir um vídeo documental com depoimentos da ativista política Horieta Novais, que remontou entre falas, sorrisos e emoções a história da formação de sua militância com a de sua mãe, Dona Elisa Branco, comunista histórica dos anos cinquenta, única

⁹ Professor aposentado da Faculdade de Filosofia da PUC/SP e do Colégio Santa Cruz/SP.

brasileira laureada com o Prêmio Lênin da Paz pela antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS.

Nossa orientação acadêmica coube ao professor Gilson Schwartz, líder do grupo de pesquisa da Cidade do Conhecimento¹⁰, do qual somos pesquisadores validados. A Cidade do Conhecimento, cujo laboratório integra a partir de 2006 o Departamento de Cinema, Rádio e TV na Escola de Comunicações e Artes de São Paulo, desenha e implementa iniciativas de emancipação digital conectando a Universidade de São Paulo e centros de pesquisas, empresas, instituições públicas e organizações da sociedade civil.

O projeto é associado ao Núcleo de Política e Gestão Tecnológica - PGT¹¹. Mais marcadamente como modelos para esta pesquisa destacaram-se iniciativas como os projetos Rede Pipa Saber e Navegar Amazônia, este em parceria com o cineasta Jorge Bodansky. Outras iniciativas como Gestão de Mídias Audiovisuais para o Desenvolvimento Local e “Anjos de Projetos” - convênio da Cidade do Conhecimento e a União Européia, também nos serviram de referências. De nossa parte seguimos para uma apropriação da complexidade concernente ao nosso campo de estudos a fim de problematizarmos mais substancialmente o conhecimento das ciências da comunicação e da esfera social. Tudo posto e ainda não somado, ao caminharmos pelos acontecimentos urbanos da contemporaneidade com a realização no trabalho de conclusão da graduação “Janelas Suburbanas: a

¹⁰ Inspirada nos modelos de incubação de empresas tecnológicas, a Cidade do Conhecimento é uma incubadora de redes e linguagens. A Cidade do Conhecimento foi oficialmente instituída em agosto de 2001, certificada pela Pró-Reitoria de Pesquisa da USP como um Grupo de Pesquisa na Plataforma Lattes. Pode ser compreendido ainda como um software de design social, com uso predominante de código aberto, ferramentas de gestão estratégica e arquitetura, orientado para serviços. Foi criado e desenvolvido pelo economista, sociólogo e jornalista Gilson Schwartz, como resultado de pesquisas realizadas no Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (NUPRI-USP, 1995-1999) e no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP, 2000-2005). A gestão e licenciamento de projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovação é parte integrante do grupo de pesquisa.

¹¹ Criado por docentes da USP que, com apoio de centros de pesquisa americanos, introduziram no Brasil o então nascente campo da inovação tecnológica. O PGT foi estabelecido em 1981 e, em 1993, formalizado como Núcleo de Apoio à Pesquisa, vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da USP. O Núcleo incorporou as competências do antigo Programa de Administração em Ciência e Tecnologia (PACTo), muito conhecido na América Latina por suas atividades de capacitação, eventos científicos e publicações. Nos dias atuais o PGT é o único centro no País, entre seus congêneres, reconhecido pelo Programa de Apoio a Núcleos de Excelência do MCT (PRONEX).

mediação da TV do cotidiano da periferia urbana” e a seguir para o campo de um Brasil quase mítico, em direção a uma comunidade quilombola, acentuar a pegada da antropologia foi necessário para compreender que

[...] o conhecimento da realidade social contém três princípios: o dialógico, o recursivo e o hologramático. O primeiro instaura um sentimento da religação, o segundo institui o caráter não linear da causa sobre o efeito e, finalmente, o terceiro resgata a utopia de uma totalidade que nunca se reduz à mera soma das partes. Complexos em sua essência esses princípios articulam necessariamente saberes racionais e imaginários. Constituem um ponto de partida fundamental para explicar a magia do cinema. (CARVALHO, 2008, p. 133).

Aqui não nos coube a rigor nos definirmos como um realizador de cinema, mas tal posição não nos afastou dessa magia posta pelo antropólogo sobre esta arte. Isto porque nossa produção intelectual está ancorada na interdisciplinaridade da comunicação e na observação social assim como na arte nos compreendemos poeta, compositor e *videomaker*. Cabe ainda destacar importante aquisição que obtivemos com os conteúdos da disciplina Economia da Informação e Novas Mídias, ministrada pelo nosso orientador, cujo termo técnico é denominado Iconomia, e que incluímos na referência teórica e metodológica do trabalho. Nessa modalidade de economia da informação, os mercados funcionam como sistemas de ícones, vivenciados como experiências próprias à sociedade do espetáculo mas também como novas inteligências amplificadas digital e audiovisualmente. Tempo e espaço se organizam nos indivíduos e redes através de novos modelos de recepção exigentes de uma combinação entre modelos da economia política e hipóteses sobre o modo de articulação entre linguagens, corpos e mercados no capitalismo contemporâneo. A criação de ícones é relevante tanto na política monetária quanto na indústria do cinema.¹²

Ainda que nos encontremos no capítulo introdutório adiantamos que nos foi dado alcançar uma cartografia semiótica gravada com o verbo e escrita com a luz. Fizemos perdurar anseios e promessas pixalizadas, focalizamos arestas, movimentamos telas e lentes, fizemos soar desejos, sonorizamos com o outro,

¹² Trataremos com maiores detalhes sobre o assunto no capítulo teórico no entanto para uma compreensão mais imediata acessar <http://www.cidade.usp.br/blog/aula-gilson-schwartz-26042006/#more-132>

reivindicamos, mas também fizemos proposições. Passamos por momentos sublimes de ornar com científicidades as representações do cinema livre – aquele constituído pela simplicidade da idéia na cabeça e a câmera na mão.

A experiência por vezes nos levou a um grau especulativo como se estivéssemos próximos de uma hibridização de novas mídias, começando por estranhá-las ou temê-las para depois domina-las. Nos propusemos a mover os circuitos, causar aprendizado, colaborar mais do que competir, focalizar os planos e expressa-los – assim pensávamos e assim produzimos planos e escambos a partir de uma postura ética iluminada pela antropologia cultural a nos dizer que

[...] com o cinema, assumimos de vez que nossa dimensão existencial é simultaneamente rubricada pelo tempo e pelos espaços reais e imaginários, locais e universais. São essas as dimensões multidimensionais da criatividade que se encontram presentes não apenas em cineastas e atores, mas em escritores, poetas e em poucos homens da ciência. Somos adivinhos do infinito, ilusionista do real, que tentamos recuperar o tempo perdido, mesmo que essa missão seja de custos, por vezes desestimulante e desanimadora. (CARVALHO, 2008, p. 140).

Fomos pautados ainda pelas idéias da política de reconhecimento da diversidade cultural e assim partimos em direção a uma comunidade constituída pelos remanescentes de quilombos convencidos de que a pesquisa seria realizada tomando-se como hipótese os modos de articulação iconômica, mais precisamente de que trafegaríamos pela borda de duas matrizes do conhecimento científico. A primeira diz respeito à antropologia, uma vez que a chave de compreensão, aproximação e registros da comunidade quilombola serviu-se desse conhecimento. Num primeiro momento conceitual e histórico, para iluminar as origens dos quilombos, a cultura, a evolução e suas características quanto aos seus costumes e formas de organização de vida. E depois no campo, ou seja, na própria comunidade, a partir das premissas de observação e descrição da etnografia como posicionamento não-neutro de subjetividade, um intercâmbio relacional produtor de sentidos e significações.

A segunda matriz enfeixa a comunicação compreendida nos seus amplos campos interdisciplinares, dentre os quais privilegiamos o fenômeno comunicacional – entendimentos relativos a objetos/sujeitos abrangidos pela

experiência e a reflexão sobre os fundamentos do discurso. E de outra parte, a midiatização turbinada pelo avanço tecnológico capaz de afetar as percepções e as representações correntes da vida social e comunitária.

No plano geral a pesquisa buscou como finalidade se localizar na própria atividade de produção de sentidos ao explorar as estratégias de teoria e método com ênfase na reflexividade e nas técnicas potenciais do cinema documentário, no registro das formas de vida, das tradições e dos costumes quilombolas. Na dimensão específica buscou registrar em seu cotidiano a postura e os gestos¹³ da comunidade em sua relação com as manifestações culturais, como música, danças, festas, celebrações, fala, histórias, artesanato, culinária, com a lei, as lideranças políticas, e outras particularidades. Assim o que se pretendeu foi que o “resultante” da pesquisa, o ícone, configurado em documentário pudesse posteriormente servir a objetivos políticos e científicos em reforço da recuperação dessa história ainda de final aberto, sobre a escravidão de povos africanos no Brasil e suas conseqüências. E ainda servir à construção de identidade¹⁴ da comunidade quilombola.

¹³ No texto “Cinema e Antropologia” da teórica Claudine de France a autora nos diz: “O corpo e as operações materiais apresentadas na imagem remetem juntas, em função de sua própria *mise em scène*, aos observadores humanos ou divinos, aos quais é destinada uma tal *mise em scène*. Graças a esta relação de observação potencial, todo gesto é também um rito, e todo rito uma forma elementar de sociabilidade correspondendo a um sistema de valores” (France, pág.42: 1998) Conceituações estas, entre outras que a autora percorre, como a *auto-mise em scène* (da relação do cineasta com o seu objeto) que serão exploradas no desenvolvimento desta pesquisa.

¹⁴ “A identidade destes grupos se define pela experiência vivida e o compartilhamento das versões de suas trajetórias históricas comuns, possibilitando a continuidade do grupo” (Negros do Ribeira, pág. 9: 2000)

2 SUJEITO

O objeto social e humano da pesquisa são os quilombos¹⁵ cujos sujeitos são os moradores da comunidade reconhecidos como Remanescentes de Quilombos - popularmente também chamados de quilombolas, localizados no Vale do Ribeira, região sul do Estado de São Paulo.

A escolha por realizar a pesquisa com esse grupo étnico se deu depois de aproximações com outras comunidades de periferia da região metropolitana de São Paulo e de viagem exploratória em 2007 para contatar comunidades indígenas do Amazonas. Fatores de natureza e relevância histórica, identificação com a superação das injustiças cometidas com os negros e o acesso às comunidades quilombolas, pela proximidade e receptividade, foram determinantes.

Para o estudo, foi tomada como ponto de aproximação e práxis, a comunidade Quilombola de Pedro Cubas por ela apresentar os traços marcantes da história de resistência e luta pela afirmação da comunidade e do direito à posse da terra. Teríamos desta maneira uma possibilidade para construir de forma colaborativa um registro panorâmico do surgimento e dos percalços da comunidade, suas trocas comerciais, sociais e políticas e as outras formas empreendidas pela ação comunitária quilombola.

Foi intensa a nossa preparação e assim nos posicionamos para que estes alcances pudessem se dar de maneira planejada, porém sem deixar de considerar que a pesquisa de campo impõe o ritmo para o pesquisador.

O nosso movimento de aproximação com o grupo quilombola foi pensado como vivência e então pudemos a cada viagem e permanência em Pedro Cubas alcançar novos graus de profundidade relacional, estabelecer vínculos estreitos e assim operar com as densidades dos discursos e das ações registradas.

¹⁵[1] “O quilombo foi, incontestavelmente, a unidade básica de resistência do escravo. Pequeno ou grande, estável ou de vida precária, em qualquer região em que existisse a escravidão lá se encontrava ele como elemento de desgaste do regime servil (...) não era simples manifestação tópica. Muitas vezes surpreende pela capacidade de organização, pela resistência que oferece; destruído parcialmente dezenas de vezes e novamente aparecendo, em outros locais, plantando a sua roça, construindo suas casas, reorganizando sua vida social e estabelecendo novos sistemas de defesas.” (MOURA, 1988, p.103)

2.1 Vale do Ribeira

O Vale do Ribeira possui uma área de 2.830.666 hectares que abrange a Bacia Hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape e o Complexo Estuarino Lagunar de Iguape-Cananéia-Paranaguá. Em toda sua dimensão inclui 31 municípios que contempla o sul do Estado de São Paulo, com 22 municípios, e o norte do Estado do Paraná, 9 municípios, e abriga uma população de 481.224 habitantes (IBGE, 2000).

Na porção do Estado de São Paulo o Vale do Ribeira divide-se geograficamente em três sub-regiões: a Baixada do Ribeira que compreende como principais os municípios de Eldorado, Jacupiranga, Parquera-Açu, Registro e Sete Barras; a Sub-litoranêa que compreende como principais os municípios de Iguape e Cananéia; o Alto Ribeira que compreende como principais os municípios de Iporanga, Apiaí e Ribeira. Dois desses municípios abrigam nove comunidades de quilombos: em Eldorado localizam-se Ivaporunduva, São Pedro, Pedro Cubas, Nhunguara, André Lopes, Sapatu, e Galvão; em Iporanga estão Pilões e Maria Rosa; o revelo predominante na Baixada do Ribeira, região que vamos aplicar a nossa pesquisa, é montanhoso e o clima é quente e úmido.

A ocupação humana no vale do rio Ribeira de Iguape remonta ao período pré-colombiano. A região do Ribeira, foi uma área de passagem para os ameríndios que desciam, no inverno, do planalto para o litoral em busca de pesca. Em 1647 a presença de grupos pertencentes à etnia Carijó é registrada em Iguape e Cananéia. Este momento da conta das entradas sertanistas que perseguiam e escravizavam a população indígena e utilizavam-nos como mão de obra na agricultura e transporte afim de sustentar o desenvolvimento econômico do planalto paulista. Mas,

[...] os principais ciclos econômicos que se instalaram no Vale do Ribeira ao longo da história foram a exploração aurífera, a partir do século 17, e de outros minérios até décadas recentes, e as culturas do arroz, do café, do chá e da banana. Estes ciclos transformaram o Vale do Ribeira em fornecedor de recursos naturais de baixo custo, explorados sem qualquer

respeito ao patrimônio ambiental e cultural e sem geração de benefícios para a população residente.¹⁶

A região destaca-se pelo alto grau de preservação de suas matas e por grande diversidade ecológica. Seus mais de 2,1 milhões de hectares de florestas equivalem a aproximadamente 21% dos remanescentes de Mata Atlântica existentes no Brasil, transformando-a na maior área contínua desse importante ecossistema em todo o País. Nesse conjunto de áreas preservadas são encontradas não apenas florestas, mas importantes remanescentes de restingas - são 150 mil hectares - e de manguezais - 17 mil hectares (ITESP, 2000, p. 60).

As nascentes do Rio Ribeira de Iguape estão localizadas no município de Serro Azul no Estado do Paraná, porém a maior parte dos seus 520 quilômetros situa-se no Estado de São Paulo; dados apontam que sua largura varia entre 100 e 200 metros estreitando-se em gargantas de 40 a 50 metros, onde são formadas as corredeiras pedregosas.

As populações quilombolas estão distribuídas mais precisamente numa área de 72 quilômetros ao longo do Rio Ribeira de Iguape, num total de 21 comunidades ao lado da estrada que liga os municípios de Eldorado Paulista e Iporanga.

Há um contraste bem delineado entre o valioso patrimônio ambiental no Vale do Ribeira. Seus municípios possuem índices de desenvolvimento humano inferiores às respectivas médias estaduais, assim como os graus de escolaridade, emprego e renda de suas populações, entre outros indicadores, são tradicionalmente menores do que os de outras populações paulistas e paranaenses. Historicamente é uma das regiões mais pobres dos estados de São Paulo e Paraná. A busca por empregos e oportunidades estimula a migração de parte da população economicamente ativa e jovem para outras regiões. Além de emprego a busca por estudo é um dos motivos mais fortes - a área de educação está em defasagem, são poucas as opções de cursos, escolas, universidades.

Esses dados reforçam e muito a aproximação de nossa pesquisa nesta região, entre outras características de nossa pesquisa nossa escolha se dá

¹⁶ Dados disponíveis em www.quilombosdoribeira.org

pela possibilidade de aproximarmos os quilombolas da Universidade de São Paulo, mesmo que inicialmente a aproximação se dê pelo trânsito do pesquisador até as comunidades, no caso, a comunidade de remanescentes de quilombos de Pedro Cubas. Nas próximas linhas vamos caracterizá-la com maior propriedade.

2.2 Pedro Cubas

O contato com os quilombolas de Pedro Cubas se deu em outubro de 2007 mediado pelo ITESP¹⁷ e a decisão de prosseguir com eles no desenvolvimento do trabalho de campo foi influenciada pela afinidade e a afetividade¹⁸ manifestadas durante os primeiros contatos, bem como pela existência do InfoCentro no centro da comunidade - construído por iniciativa do ISA – Instituto Sócio Ambiental, em que aplica oficinas de *web* desde a sua criação.¹⁹ Outros equipamentos da comunidade descreveremos nos resultados, na etnografia dos sujeitos, todavia, adiantaremos alguns dados relativos ao território; são dados que estão compartilhados no *blog* da comunidade produzido durante essas oficinas de *web* do ISA que acabamos de citar e referenciar, enquanto propósito os dados foram produzidos pelos próprios moradores, desta forma para nós tornam-se os mais precisos possíveis. Vamos a eles:

A comunidade de Pedro Cubas de Baixo já tem o título de suas terras, num total de 3.806,23 hectares. Pedro Cubas de Cima já foi reconhecida como remanescente de quilombo, a partir de um Relatório Técnico-Científico feito pelo Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP), em 2003. No entanto, seu território, de 6.875,22 ha, ainda não foi titulado por causa da indenização devida a terceiros que se apossaram de sua maior parte. Boa parte do território foi desmatada para cultivo de arroz e para pasto. Por volta de um terço é de mata preservada. Nessas terras existem hoje bananais e áreas

¹⁷ Em especial por intermédio de Lydia Higuchi Hirao e Gabriela Paes da sede de São Paulo. E de Ari Ribeiro e todos os funcionários da sede do ITESP em Eldorado Paulista, região da comunidade Pedro Cubas.

¹⁸ Principalmente pelo senhor Antonio Benedito Jorge e Dona Edvina Tié, pessoas de expressiva liderança nessa comunidade.

¹⁹ O ISA se mostrou favorável a esta pesquisa, e junto aos líderes da comunidade de Pedro Cubas incentivaram o prosseguimento desta pesquisa. O ISA realiza oficinas de blog com os quilombos da região. Saiba mais em <http://www.kilombosdoribeira.org.br/>

cobertas de capoeira, locais de roças antigas onde é possível o uso agrícola tradicional. Com as restrições das leis ambientais algumas áreas de mata já não podem ser derrubadas.

A área preservada tornou-se muito importante, porque constituiu-se num reservatório em uso de materiais de coleta que são necessários para a confecção de artesanato, como pulseiras e colares e outros artefatos de uso diário pelas famílias, tais como pilões, cestas, etc. As cabeceiras do Rio Pedro Cubas estão se tornando sumamente importantes para a continuidade da conservação ambiental das terras da comunidade, assegurando a ela os meios de controle sobre a qualidade das águas do rio. Atualmente o Rio Pedro Cubas já se encontra ameaçado por causa do uso para irrigação (alagamento) de plantio de arroz com uso de agrotóxicos em fazenda vizinha, poluindo a água e matando peixes, além de prejuízo à saúde das pessoas. A derrubada de matas ciliares nessas áreas tem causado o assoreamento do rio.” (Informação verbal).

Para nós a relação das leis ambientais tem implicância significativa, no avanço da pesquisa, não necessariamente nesta primeira etapa, gostaríamos de abordar essas relações, entre a lei e o uso das terras.

Deste universo denominado “remanescentes de quilombos” presentes em diversos pontos do território nacional, no Vale do Ribeira encontram-se as primeiras comunidades a receberem os títulos de propriedade emitidos pelo Estado de São Paulo em 1988.²⁰ Vale ressaltar que apenas algumas comunidades tiveram seus títulos expedidos, outras apenas foram reconhecidas enquanto comunidades de quilombos.

Na tabela abaixo vamos demonstrar a situação dos títulos emitidos às comunidades de Remanescentes de Quilombos do Vale do Ribeira pelo Governo de São Paulo – nossa ênfase, evidentemente, recai sobre a comunidade de Pedro Cubas. Podemos notar que são emitidos títulos para as terras consideradas devolutas. Nos resultados da pesquisa vamos traçar mais detalhes deste processo.

Na tabela fica claro a divisão que se faz entre Pedro Cubas de cima e Pedro Cubas de baixo – nossa pesquisa concentrou-se em Pedro Cubas de

²⁰ Apenas 05 das 21 comunidades da região dos quilombos reconhecidos pelo ITESP – Instituto de Terras do Governo do Estado de São Paulo, receberam o título de propriedade emitido pelo Estado, e são elas: Ivaporunduva, com 70 famílias; Maria Rosa, com 20 famílias; Pedro Cubas com 40 famílias; Pilões com 51 famílias; e São Pedro com 39 famílias. (Projeto Quilombos Vivos, 2006, p. 70)

baixo, região central da comunidade – liderada pelo sr. Antonio Jorge. Tivemos interesse em Pedro Cubas de cima, mas por dificuldade de transporte ficaria muito difícil incluir esta área em nossa pesquisa, toda via, não deixamos de entrevistar alguns de seus moradores, pelo menos, o principal morador entrevistamos, a Dona Diva, liderança de Pedro Cubas de cima. Nos resultados vamos clarificar essa situação.

No quadro a seguir temos a situação da regularização das terras dos quilombos no Estado de São Paulo, segundo o Instituto de Terras do Estado de São Paulo - Itesp.

Comunidade	Município	Número de famílias	Situação	Data
1.Ivaporunduva	Eldorado	70	Titulada apenas parte devoluta	2003
2.Maria Rosa	Iporanga	20	Titulada	2001
3.Pedro Cubas	Eldorado	40	Titulada apenas parte devoluta	2001
4.Pilões	Iporanga	51	Titulada apenas parte devoluta	2001
5.São Pedro	Eldor./Ipor.	39	Titulada apenas parte devoluta	1998*
6.Cafundó	Salto de Pira	18	Reconhecido como quilombo	1999
7.Caçandoca	Ubatuba	19	Reconhecido como quilombo	2000

8.Jaó	Itapeva	53	Reconhecido como quilombo	2000
9.André Lopes	Eldorado	76	Reconhecido como quilombo	2001
10.Nhunguara	Eldo/Ipora	91	Reconhecido como quilombo	2001
11.Sapatú	Eldorado	82	Reconhecido como quilombo	2001
12.Galvão	Eldo/Ipora	29	Reconhecido como quilombo	2001
13.Mandira	Cananéia	16	Reconhecido como quilombo	2002
14.Praia Grande	Iporanga	26	Reconhecido como quilombo	2002
15.Porto Velho	Iporanga	09	Reconhecido como quilombo	2003
16. Pedro Cubas de Cima	Eldorado	22	Reconhecido como quilombo	2003
17. Capivari	Capivari	17	Reconhecido como quilombo	2004
18. Brotas	Itatiba	32	Reconhecido como quilombo	2004

19. Cangume	Itaóca	33	Reconhecido como quilombo	2004
20. Camburi	Ubatuba	39	Reconhecido como quilombo	2005
21. Morro Seco	Iguape	47	Reconhecido como quilombo	2006

Quadro 1 - Aspectos da ação de regularização fundiária no Estado de São Paulo.
Fonte: ITESP.

O fato de Pedro Cubas, e principalmente, Pedro Cubas de Baixo ter sido reconhecida enquanto comunidade de quilombos e ter seu título de terra expedido no ano de 2001 é o que faz com que nosso sujeito ganhe propriedade relevante para a pesquisa, isto é, se torna um sujeito especial em relação as comunidades vizinhas, com *status* diferenciado, apenas semelhantes a algumas – a minoria. Ao mesmo tempo que o IDH se torna um atrativo para irmos para esta região, a aquisição de título de terra por essa comunidade pode funcionar, e para nós opera desta maneira, enquanto um sinal mais esperançoso. Como é muito recente o período de aquisição desta titulação poderemos traçar um panorama desta ultima década, que ainda não se encerrou, se completará em 2011. Como estamos em 2009 poderemos mapear a situação de 2001 até 2009, e depois acompanhar mais de perto de 2009 até 2011. Todavia, essa é apenas uma primeira noção, sabemos que o campo pode trazer novos questionamentos, novas pautas. Mas por ora elencamos alguns questionamentos: nestes oito títulos de propriedade como é que os quilombolas lidam com suas terras? De que maneira economicamente conseguem a partir dela tirar o sustento de suas vidas? É isso que fazem? Existe venda das propriedades? Quais são as leis presentes? O que vigora? Quem são os atores sociais presentes na comunidade? Além das terras que outras conquistas os quilombolas de Pedro Cubas conseguiram?

Uma particularidade culturalmente interessante de Pedro Cubas é que de todas elas é a única comunidade remanescente de quilombos que desde os

tempos da escravidão dá continuidade a uma tradição religiosa, cujo rito é conhecido como “Recomendação das Almas”. Trata-se de uma procissão que sai em direção ao cemitério à meia noite da sexta-feira da Paixão, percorrendo cerca de 10 quilômetros, com cânticos alternados a momentos de silêncio, em saudação aos seus mortos²¹. Tomado como elemento genuíno de cultura e religião parece ser um ritual de força mítica e expressão estética a ser apropriado como uma das possíveis dimensões do documentário final do estudo, adiantando, tendo sido acompanhada e registrada pelo pesquisador e pela comunidade nesta pesquisa como uma das atividades de produção colaborativa de iconografias.

Do ponto de vista antropológico tomou-se como estatuto científico a reforçar a vontade de fazer com os quilombolas a compreensão que considera que remanescente de quilombo

[...] é condição definida a partir da consolidação dos elementos de identidade e território, com respeito ao legado cultural e material e o compartilhamento de valores e práticas que geram um referencial, um sentimento de pertencer a um lugar específico. É a mais alta expressão de identidade étnica e territorial, conquistada pela resistência de camponês com suas especificidades negras, como por exemplo, a tradição oral, que mantém viva a comunidade através dos ‘causos’ e contos que perpetuam a razão de ser dos quilombolas, de geração em geração. (Projeto Quilombos Vivos, 2006, p. 53)

Outras festividades ligadas a cultura local são a festa da Bandeira do Divino e a Festa de Santa Catarina. Recorremos aos dados compartilhados pelos próprios moradores em atividade de blog realizada pelo ISA – Instituto Sócio Ambiental no Info Centro da comunidade.

A Festa do Divino, realizada em julho na cidade de Eldorado, é feita em homenagem ao Divino Espírito Santo. No mês de junho, o festeiro manda a Bandeira do Divino para a comunidade, para que sejam pedidas as oferendas para a festa. Em um sábado e um domingo, se reúnem na Igreja da vila. São cantadas músicas específicas, acompanhadas com violão, zabumba e triângulo. Caminham cantando e tocando até a residência de Joaquim Brás, que é a última casa de família católica em direção a Pedro Cubas de Cima. Pela tradição, deve começar pela casa mais acima para depois

²¹ Ver por exemplo “A Recomendação da Almas” na Comunidade Remanescente de quilombo de Pedro Cubas” (PAES: 2007).

passarem pelas casas na direção oposta. Pedem oferenda para o dono da casa para realizar a festa, cantam agradecendo e o dono da casa, se quiser pode fazer uma promessa diante da bandeira e dar um nó em uma das fitas penduradas nela. Assim vão passando por cada casa da comunidade. Se anoitecer antes que tenham terminado, a Bandeira dorme na última casa e é retomado no domingo. Depois de passar por todas as casas, a Bandeira e as oferendas são levadas em lombo de burro para a Igreja de Batatal, que é a comunidade mais próxima.²²

Do momento descrito em que a Bandeira do Divino chega em Pedro Cubas vinda de Eldorado, Adão é o festeiro religioso que a recebe e faz as primeiras oferendas ao Divino Espírito Santo na Igreja da comunidade. Dali todos seguem de casa em casa comandados por ele que acompanhado de outros músicos toca o seu violão a entoar o canto tradicional. Será acompanhado e registrado no desenvolvimento desta pesquisa. Talvez não apareça necessariamente nesta primeira etapa, mas está selecionada, inclusive como vontade do Sr. Adão.

Santa Catarina é a padroeira da comunidade. A festa em sua homenagem é realizada no mês de novembro. À tarde é celebrada missa e procissão. Após a missa é feita uma festa com barracas de comidas e bebidas, baile com aparelho de som e forró começando no início da noite do sábado e indo até o amanhecer do domingo.²³

A festa da padroeira, evidentemente, está selecionada para ocupar dimensão significativa na produção que queremos, e muito mais, que eles querem, pedido que já nos foi feito, de inclusão e registro da festa, no entanto nesta primeira etapa da pesquisa ainda não acompanhamos a festividade, mas queremos e faremos nas próximas etapas.

Conforme adiantamos, essas descrições que percorremos faz parte de um primeiro mapeamento do nosso sujeito. Consideramos fundamental fazê-lo. Outras dimensões, mais qualitativas, estarão descritas nos resultados, na etnografia dos sujeitos pesquisados. Muitas outras, todavia, estarão presentes na própria descrição fílmica e fotográfica. E coerentemente algumas propostas e ambições aqui declinadas se frustraram no decorrer do processo.

²² Disponível em www.quilombosdoribeira.org.br/comunidades/7/40

²³ Disponível em www.quilombosdoribeira.org.br/comunidades/7/40

Partiremos agora para o corpo teórico, complementar aos primeiros apontamentos que fizemos na introdução.

3 EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

Para posicionar nossa abordagem em Ciências da Comunicação dada à efervescência de conceitos cambiáveis entre níveis de convencimentos, repetições, esvaziamentos, densidades e performances, próprio das ciências humanas e, nos pautarmos pelas principais discussões contemporâneas, de unânime, para o nosso referencial sobressai a asserção da dificuldade em definir epistemologicamente a Comunicação. Entendemos como pesquisadores acadêmicos que essa característica nos favoreceu muito mais do que pudesse em princípio parecer problemático, pois a vimos como abertura para os caminhos interdisciplinar orientadores do campo e do texto pesquisados. Sobre essa questão, para trazer mais clareza e propriedade recorreremos a Maria Immacolata Vassalo Lopes, que diz:

Uma das marcas distintivas dos atuais estudos no campo da comunicação é o aumento das análises auto-reflexivas, ou seja, das críticas à própria prática de pesquisa. Estas não são apenas úteis mais indispensáveis, uma vez que traduzem a reflexão de uma ciência sobre si mesma, esclarecendo seu campo de atuação, seus procedimentos, o valor de seus resultados e o âmbito da suas possibilidades. Se, por um lado, essas análises são sinais de amadurecimento do campo da comunicação, do outro, manifestam uma insatisfação generalizada com o estado atual da pesquisa do campo e a urgência de repensar seus fundamentos e de re-orientar o exercício de suas práticas de pesquisa. Em vista disso, é preciso avançar nas discussões reflexivas e no trabalho sistemático de reconhecimento das condições concretas específicas de nossa prática científica, feitas de tensões entre tradições e inovações intelectuais, de convergências e divergências entre categorias, esquemas conceituais e noções, de perspectivas multi, inter e trans-disciplinarárias, da consciência crescente da complexidade do objeto da comunicação. (LOPES, 2003, p.10).

É frente a este objeto da comunicação por excelência complexa, que esta pesquisa situa o seu eixo e no aporte teórico epistemológico busca suas bases para de certa forma explicitar que “não estamos diante de um objeto definido por uma disciplina” (BARBERO, p. 156) e ademais

[...] acredita-se ser impossível atribuir a uma disciplina o conjunto de saberes que o estudo dos processos de comunicação mobiliza; não é possível dizer que a psicologia é

a mãe da comunicação, nem a psicologia behaviorista norte-americana, nem sequer outras teorias cibernéticas. Depois disso, passamos para a semiótica, porque é mais rica em conteúdo, vínculos. Mudamos para uma maior complexidade para colocar o qualitativo onde não havia mais que o quantitativo. Nada disso tem a capacidade para abarcar sequer dez das dez mil variáveis que existem hoje na comunicação. Reafirmo que a comunicação é um campo de conhecimento e que jamais foi uma disciplina. (BARBERO, p. 156).

Desta maneira, não se limitando em ser uma disciplina e com seu status abrangente de campo de conhecimento, sobressai ainda compreender exatamente o que pode esse campo abarcar. Quais seriam seus eixos mais pertinentes? Quais poderiam ser as instâncias que agem sobre ou com ele? Muitas hipóteses são possíveis de evocação seja por livre associação ou recursivamente ao nosso repertório particular, mas Munis Sodré, em especial, apresenta uma fina pertinência ao explicitar que “a ciência da comunicação se dá, na crise do paradigma vigente das ciências sociais, como uma espécie de “acontecimento” a partir de uma oportuna “intervenção” do pensamento e da pesquisa numa situação que problematize, no interior das mutações culturais da sociedade contemporânea, as contingências da imbricação ou da tensão entre a relação societária e o vínculo comunitário (SODRÉ, p. 25). Ainda assim o autor ressalta que isso não basta para configurar uma unidade teórica para o campo da comunicação, e que ela “não pode ser dada apenas pela dimensão “lógica” de uma epistemologia.” Para Sodré “é o poder quem responde, em última análise, pela autonomia científica das disciplinas do pensamento social: gerência e cátedras de grandes universidades, no caso da sociologia; administração de territórios coloniais e pesquisa universitária, no caso da antropologia; Estado e avaliação de comportamentos, no caso da psicologia.” E sobre a comunicação Sodré afirma que as condições epistemológicas de base já estão dadas, e ressalta que “resta determinar o grau de interesse ou de desinteresse das instituições competentes ” (SODRÉ, p. 25).

A propósito desta problemática comumente pautada nos encontros acadêmicos, desde os mais informais até aqueles estritamente convencionais, Lopes (2003), nos aponta que diante das conjunturas atuais da universidade tem sido enormes os desafios de se fazer pesquisa teórica e empírica em ciências da comunicação. Pois são para além dos fatos, as constatações

reflexivas de estudiosos da matéria que nos revelam a preocupação vigente sobre a formação dos mestres e doutores no campo da comunicação. Do ponto de vista quantitativo constatamos que há uma grande leva de pesquisadores para os quais a linha tecnológica se sobrepõe de maneira acrítica ao trabalho, e que “muitas vezes os professores em formação tem uma visão idealizada e conhecimentos reduzidos perto do desafio político, social, econômico” ressaltando que “em matéria de pesquisa o principal é garantir e situar nosso trabalho”, mesmo que em um curto prazo (tempo do programa), mas que “instigue conhecimentos duradouros”, para Lopes o que é importante e nos cativa é “inscrever nossas questões em volta de questões que não sejam só questões atuais, talvez a ênfase seja convencer, convencer de seu interesse”. Atentando ao fato de que “é preciso fazer que o que nós produzimos perdure” e conclui: “temos que interiorizar a pesquisa na universidade.” (LOPES, 2009)

3.1 Entorno Comunicativo

O que desponta em evidencia concreta quando refletimos a comunicação é que estamos mesmo diante de um campo abrangente de conhecimentos: sociológicos, semióticos, antropológicos, políticos, etc., dos quais as tensões mais marcantes, e não exclusivas, são aquelas que reverberam nos eixos das transformações tecnológicas e transformações globais, sejam elas econômicas, identitárias, educacionais, etc., como melhor nos elucida Barbero (p. 159):

[...] estamos passando de uma visão predominantemente instrumental, ainda que adornada de aspectos sociais ou culturais, para uma visão mais densa de comunicação, densa culturalmente, densa socialmente [...] que insere a comunicação nas práticas, nas transformações que afetam todas as dimensões da vida. Isto é, a comunicação é a grande metáfora desta categoria que foi tão importante dentro do marxismo, a categoria da “troca”. E eu quero recuperar essa categoria de troca [...] A sociedade é feita de trocas. As categorias que hoje deviam ser retomadas para se pensar comunicação são “troca” e “interação”. Hoje mesmo quando falamos de tecnologias estamos nomeando uma mediação simbólica, cada vez mais estamos falando de um “ecossistema” comunicativo, falamos do conceito de “entorno”. O primeiro entorno ecológico, é o mundo vegetal e animal; o segundo, o

institucional, onde se situam as cidades, as instituições políticas, os impérios, os estados, juntamente com a sociedade. Agora vivemos também um entorno “comunicativo”, esse entorno técnico-comunicativo com suas linguagens, escrituras e gramáticas novas. E assim a concepção de comunicação vai se tornando muito mais capaz, “epistemologicamente”, de dar conta do que ocorre na vida social, com as tecnologias de comunicação transformando-se de instrumento pontual em ecossistema cultural.”

3.2 Novos Modos de Percepção de Linguagem, Novas Sensibilidades e Escritas ; Bios Midiático, Códigos

Dada as referências das definições de “ecossistema comunicativo/cultural”, “entorno técnico-comunicativo” é preciso ainda ampliar alguns entendimentos constitutivos e complementares destes referenciais para nos guiarmos como pretendemos nesta abordagem, para tanto, é com o auxílio de prospecções de Lúcia Santaella que vamos buscar mais clareza para a dimensão analítica do trabalho em questão.

Santaella (p. 76) retoma a importância das linguagens, e sobre seus postulados reconhece que

[...] subjacente à multiplicidade manifesta dos sistemas sógnicos – escrita, linguagem oral, teatro, pintura, fotografia, música, dança, cinema, jornal, vídeo, televisão, hipermídia etc, há apenas três matrizes lógicas, a partir das quais, por processos de combinações e misturas originam-se todas as formas possíveis de linguagem e processos de comunicação. Essas matrizes são: a sonora, a visual e a verbal.

E nos diz “é evidente que os meios de comunicação nos quais linguagens são codificadas e veiculadas são fundamentais para se compreender a maneira como as mensagens são produzidas, transmitidas e recebidas.” (SANTAELLA, p. 77). Mas enfatiza que mídias são simplesmente meios, veículos, tecnologias que estariam esvaziadas de sentidos não fossem as mensagens que nelas se configuram, e que há um fetichismo em tona, reforça ainda que o que McLuhan assinalou com sua célebre provocação “o meio é a mensagem” era muito mais uma ênfase de que a mensagem é muito mais determinada pelo meio do que pelas intenções do autor.

Para tanto Santaella nos faz entender que processos comunicativos e formas de culturas que se realizam nas mídias devem pressupor os diferentes sistemas sógnicos e linguagens que se configuram dentro das mídias em consonância com os limites e potencial de cada uma delas, chamando atenção especial para as mídias híbridas como televisão, cinema e a hipermídia, nos quais esses potenciais e limites são elevados, segundo a autora, a níveis exemplares. A autora reconhece desta maneira, e não minimiza com sua reivindicação, das linguagens ante os meios, as múltiplas conseqüências do que chama de saturação mediática na sociedade contemporânea, e esclarece para nossas pretensões práticas, que mediações simbólicas são leis, linguagens, artes, etc., que estão presentes em todas as culturas, enquanto interação é a forma operativa do processo mediador. Adiante disso Santaella nos apresenta, e contextualiza com autores que refletem a cerca dessas conceituações, aquilo que chama de saturação mediática,

[...] ou seja, aquilo que Sodré vem chamando de “midiatização”, pensada como um novo *bios*, que se acrescenta às três formas de existência humana (*bios*) na polis, formuladas por Aristóteles na sua * tica a Nic maco*: vida contemplativa, vida política e vida prazerosa. A quarta esfera existencial seria agora a da midiatização . [...]   uma ordem de mediações socialmente realizadas – um tipo particular de interação, portanto, a que poderíamos chamar de tecnomedia  es caracterizadas por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada *medium*. Trata-se de um dispositivo cultural historicamente emergente no momento em que o processo da comunicação   técnica e mercadologicamente redefinido pela informação, isto é, por um produto a serviço da lei estrutural do valor, também conhecida como capital [...] no campo da articulação hibridizante das múltiplas instituições (formas relativamente estáveis de relações sociais comprometidas com finalidades humanas globais), com as várias organizações das m dias, [...]  m de culturalmente afinadas com uma forma ou um código semiótico específico. (SANTAELLA, p. 79)

Seja pelas inclinações latentes de Barbero a cerca das revoluções tecnológicas como um novo modo de produzir - o que também nomeia como novas sensibilidades e escritas que compreendem em si novas relações entre a constituição do cultural pelos processos simbólicos e as formas de produção e distribuição de bens e serviços. Seja ainda pelo que extrapola para chamar

de novos modos de percepção de linguagem, que segundo o autor também se confundem com o novo modo de se comunicar, assim também pelos predicados de Santaella na ênfase da primazia dos processos sígnicos – os quais são constitutivos às mídias²⁴ em relação ao que chama de saturação mediática. Assim as proposições de Munis Sodré sobre *bios* midiático, complementam o que afirma ser uma nova tecnologia perceptiva e mental, um novo tipo de relacionamento do indivíduo com as referências concretas e com a verdade, uma outra condição antropológica. Todos esses parâmetros nos tornaram mais assertivos para deslindar o mapa do nosso caminho no âmbito da comunicação. Também nos alertaram para a necessidade de compreensão do risco reducionista de tomar a mediação somente imbricada aos meios e tê-la como suas extensões. Um alerta para o fato de que são tecnologias de linguagens em que as transformações principais incidem na percepção, com influências inclusive nas mediações cognitivas, no continuum das interações comunicativas dos atores sociais – entendimento preponderante para o empenho de nossa prática.

Com finalidades de síntese, compreendendo que de certa maneira percorremos uma digressão teórica inicial sobre conceitos que consideramos relevantes para a nossa abordagem, queremos reforçar, no fechamento deste capítulo, nossa aquiescência com o questionamento e a própria solução que Barbero produziu ao conceder entrevista a revista FAPESP, datada do segundo semestre do ano de 2009:

Como assumir então a complexidade social e perceptiva que hoje reveste as tecnologias comunicacionais, seus modos transversais de presença na cotidianidade, desde o trabalho até o jogo, suas intrincadas formas de mediação tanto do conhecimento como da política, sem ceder ao realismo do inevitável produzido pela fascinação tecnológica, e sem deixar-se apanhar na cumplicidade discursiva da modernização neoliberal – racionalizadora do mercado como único princípio organizador da sociedade em seu conjunto – com o saber tecnológico, segundo o qual, esgotado o motor da luta de classes, a história teria encontrado seu substituto nos avatares

²⁴ A título de explicitação, verificáveis em uma tradução intersemiótica que se dá na operação de uma transcrição de formas de linguagens, buscando minuciosamente iluminar os procedimentos que regem a tradução de signos à outro.

da informação e comunicação? Esta é a mudança, para mim. E isto é o que nos situaria no presente.

Tal formulação e localização temporal de Barbero foram de certa forma provocadas por considerações da comunidade de pesquisadores desta área de que percebiam a investigação agora não mais sobre as matrizes culturais da comunicação, mas sobre as matrizes comunicativas da cultura – asserção presente no mesmo trecho da entrevista, e no qual neste seu formulário Barbero se põe concordante. De nossa parte, também concordantes, acerca deste presente localizado, assim guiamos nossa prática em todo o processo constitutivo do trabalho, longe talvez de retornar com as respostas que a teoria enseja, mas certos de que este é o espírito do nosso tempo.

Traçamos esse percurso de compreensão e de reconhecimento das transformações – tais quais as revelamos, para que pudesse servir de base para as nossas hipóteses e orientação para a prática. Evidentemente sabemos que estas considerações levam em conta a força e a presença da *web* e da incessante inovação tecnológica nas mídias. Cuidamos na pesquisa, de incluir o uso da Internet na produção de um ícone, sobretudo pela capacidade que esta comporta de acessibilidade, exibição e armazenamento de conteúdo. Na conclusão vamos retomar esta questão com mais asserções e localizações teórico-analíticas. Cabe a nós sistematicamente asseverar que a abordagem interdisciplinar durante o processo de pesquisa prevê uma trama articulatória de conhecimentos que supera a exibição enciclopédica e estabelece firmes conexões conceituais sobre o objeto em questão, no entanto não se detém propriamente em aprofundamentos genealógicos.

A vantagem da Internet 2.0, que em pouco galgará outros valores de potência, em relação a Internet 1.0 concerne em sua característica mais marcante o fato de que usuários comuns possam se tornar muito mais do que simples usuários interativos – de uma programação pré-estabelecida, tal qual de certa maneira estava mais acentuada na internet 1.0. Agora os usuários podem se tornar interatores, produtores de conteúdo em uma rede de produção assimétrica de informação – uma vez que a permissão não é restringida a nenhum dos usuários, portanto podemos entendê-la como mais produtora ou aquela que pode ser capaz de atingir graus de acessibilidade e produtividade

muito mais intensos. Fica claro que o princípio é o de que cada nó da rede pode produzir seus próprios conteúdos sem ser refém de uma central de comando, tal qual podíamos imaginar em relação às mídias de massa, da relação de produção de um para muitos, predominante em período anterior a este *boom* informacional das redes. O conceito basilar de rizoma, de produção assimétrica, no entanto descortina muitos questionamentos acerca deste “poder também fazer” que englobaria todos os usuários. Muitos autores indagam sobre se essa maneira de se comunicar não estaria fadada necessariamente às programações pré-estabelecidas, ou seja, restringida por filtros de linguagens, codificados de tal sorte que nos fazem pensar em produção livre quando de fato estaremos sempre presos a algum tipo de limitação ou condicionamento posto pelo meio. Se confirmada a preponderância programática imaginada esta liberdade de produção e da própria comunicação aberta fica em cheque. Em outra medida a questão da produção capitalista em rede põe-se também em discussão, ou seja, estariam estes modos de produção também cerceados pelo poder do capital? O peso das grandes companhias tecnológicas sobre a rede global não incidiria sobre parcelas ou agrupamentos de outros atores? Aqui temos uma questão paradoxal a enfrentar porque a rede tem por princípio a não-centralidade na produção de conteúdos e fluxos, uma concentração velada ou dissimulada de poder operativo abaterá em pouco tempo a utopia de liberdade que ela ainda carrega.

Barbero, durante a entrevista (citada anteriormente) produz apontamentos sobre a visibilidade que possuímos na rede, tal qual ela se apresenta em sua versão 2.0. São noções que nos parecem coincidir com as observações que fizemos no parágrafo, deflagradas por ele a partir da impossibilidade de entrarmos na rede sem sermos vistos, rastreados, codificados, pelo código IP – Internet Protocol. O que ocorre é que nós – os interatores, movimentamos conteúdos em sites, *softwares* – proprietários ou não, e nos envolvemos em uma série de situações em que o código e a liberdade são colocados em questão: onde vão parar esses conteúdos

produzidos? Quem mantém controle sobre esses códigos? Já foi cunhada a expressão rede panóptica²⁵ para expressar essa condição de controle e dúvida.

Não nos caberia avançar mais sobre este problema, mas como esclarecimento julgamos necessário trazer para o texto também alguma saída, lembrando a possibilidade oferecida pelos chamados *softwares* livres, com níveis de escolhas e autonomias maiores e transparentes. Uma vez posicionadas estas questões e apontados os embates e debates caudalosos que as animam novamente reafirmamos nossa escolha por uma prática justificada mais pelo princípio do “poder fazer também”, dito de outra forma, nossa aposta é a possibilidade aberta na e pela rede. A possibilidade de produção colaborativa, de armazenamento e visibilidade – a mesma ferramenta que pode nos controlar pode viabilizar a atenção dos destinatários que queremos alcançar com nossa pesquisa.

Frente a estes pontos percorridos, durante o processo tomamos uma decisão, e ela se deu como solução de continuidade da pesquisa. Foi uma decisão embasada na experiência uma vez que ao mesmo tempo em que produzíamos ao longo das atividades de aplicação teórica e de campo um *blog*²⁶ – que para nós tinha e tem como função operar tal qual um caderno de campo alocado na rede, um caderno de campo digital, o fizemos em um servidor proprietário, que nos implica considerar que estes conteúdos tornaram-se também em alguma medida propriedade daqueles que o hospedam, que detém os códigos. No entanto avançando nestas questões com as características que expusemos anteriormente, abrindo a seguinte equação: já que não apagamos o conteúdo alocado no servidor proprietário e nem

²⁵ O panóptico de Jeremy Bentham é uma composição arquitetônica de cunho coercitivo e disciplinatório: possui o formato de um anel onde fica a construção à periferia, dividida em celas tendo ao centro uma torre com duas vastas janelas que se abrem ao seu interior e outra única para o exterior permitindo que a luz atravessasse a cela de lado a lado. Na torre central deve-se colocar então um vigia e em cada cela trancafiar um condenado, louco, operário ou estudante: através do jogo de luzes, torna-se impossível ao detento, escolar ou psicótico saber se naquele ponto central está ou não alguém à espreita. Isolados, os condenados ou doentes ou os alunos são hora após hora, dia após dia expostos à observação dos mestres do panóptico, mas sem saber se a vigilância é ininterrupta ou não, quem os vê ou o que vêem. A incerteza da vigilância intermitente adentra.

²⁶ CADERNO DE CAMPO DIGITAL. www.etnologocineastaeosquilombos.blogspot.com

deixamos de produzir naquele ambiente, uma vez que os códigos não são de nosso pleno domínio, vamos dividir nossa produção, alocando nossos conteúdos nos servidores da Universidade de São Paulo. Dentro destes servidores ficamos menos receosos quanto a possibilidade de manipulação dos conteúdos e de que outras finalidades não previstas por nós, possam ter algum caráter perverso.

Assim sendo esta medida nos levou para um caminho que consideramos mais apropriado para o alcance de nossos objetivos. Pensamos em desfrutar de um filtro mais adequado à pesquisa acadêmica. Nos resultados, bem como na conclusão e apontamentos finais retomaremos esta nossa escolha nomeando e exibindo nossos caminhos.

No próximo capítulo vamos discorrer sobre a teoria do valor dos ícones – que de certa forma considera também todas essas dimensões que expusemos.

4 ICONOMIA, TEORIA DO VALOR DOS ÍCONES

A propósito desse patamar teórico e prático que descortinamos do campo comunicacional rico em conceitos abertos e nomenclaturas como *mediatização*, *bios* mediático, *tecnomediação*, *ecossistema comunicativo/cultural*, vamos agora inserir uma outra característica que se pode pensar também como constitutiva. Trata-se em específico da relação da informação/valor com a produção cultural através de processos simbólicos e formas de produção e distribuição de bens e serviços. Por similaridade de preceitos – ao trazer à tona o viés econômico da comunicação, vamos agrupá-las às proposições da disciplina Iconomia.

Iconomia, grafada com i, é o novo paradigma gerado pela economia do conhecimento e da cultura. A expressão foi cunhada pelo economista americano Michael Kaplan. Surgiu pela primeira vez num documento acadêmico que tentava interpretar o discurso de Alan Greenspan, então presidente do banco central americano. Cada fala de Greenspan foi por anos monitorada milimetricamente por analistas e investidores ávidos de sinais sobre o cenário futuro dos juros. Kaplan usou no seu *paper* o termo "*Iconomics*". No artigo, Kaplan batizou uma nova vertente da economia, uma maneira inovadora de olhar o mercado por meio de seus ícones (preços são sinais). Inovadora porque, desde Adam Smith, a economia guiou-se por teorias de molde mecanicista. Isso funcionou até o final da era industrial e urbana (...) Na era industrial, esses recursos humanos – fonte de competitividade – nem entravam nos balanços das empresas ou nas contas nacionais. (SCHWARTZ, 2008).

Ao ministrar esta disciplina Schwartz elucida que a “economia dos ícones” é entendida, como adiantamos na introdução, sobretudo como uma economia política da sociedade do conhecimento favorável a hipóteses sobre o modo de articulação entre linguagens, corpos e mercados no capitalismo contemporâneo na medida em que tempo e espaço se organizam nos indivíduos e redes através de novos modelos de recepção que já não revelam comportamentos de um “*homo economicus*” e passam a exigir uma antropologia do novo “*homo iconomicus*”.

Então aqui indagamos será que como resultante das análises científicas

do nosso tempo, não diante de uma condição mesmo que verificável a grosso modo, de uma exigência que se impõe, capaz de nos sugerir a aproximação conceitual da antropologia do “homo iconomicus” do estatuto da Iconomia e aquilo que Munis Sodré chamou de uma nova condição antropológica do estatuto da midiatização?

Em caráter de exemplo Schwartz (2008) ressalta que assim que a imagem do *iPhone* surgiu na tela estrelada por Steve Jobs as ações da *Apple* dispararam sem mesmo o aparelho ter chegado as lojas até aquele presente momento e já era considerado como um salto revolucionário. A evidência proposta ou revelada é que a encenação mediática de Jobs teve um efeito material instantâneo no bolso dos acionistas da empresa. Deste modo existiriam mais semelhanças entre o discurso de Greenspan e a imagem da *Apple* do que diferenças, pois ambos teriam colocado em jogo uma economia de ícones que afetou o valor de ativos e de capitais.

Essa primeira designação, ou conceituação emergente mas necessária, fruto da exigência científica a que esses novos modelos incorrem sobre os indivíduos traz de forma mais madura para o *corpus* desta pesquisa o olhar das ciências econômicas em suas convergências com os processos comunicativos e às práticas antropológicas, e instiga, em detrimento desta ótica ampliada, reavaliarmos os nossos objetivos primeiros (datados do início desta prospecção, mais precisamente do ano de 2007) – da produção do documentário na comunidade de Remanescentes de Quilombos de Pedro Cubas, e aguça nosso repertório metodológico e imaginativo ao reformularmos nossas hipóteses para uma adequação de sentidos/modelos. Assim sendo, percorrer novos conteúdos desta designação/conceituação é preponderante para sermos diretivos.

Nesta antropologia do novo “homo iconomicus” ou no campo da iconomia destacam-se dimensões antes mal consideradas, fatores intangíveis e imateriais que pesam cada vez mais na criação de riqueza de nações e empresas – da credibilidade das metas monetárias ao capital humano, sem esquecer as marcas comerciais. Segundo Schwartz (2008)

[...] a iconomia tem seus novos indicadores, sua iconometria, novas formas de visualização do desenvolvimento econômico e do desempenho de indivíduos, empresas e países que levam em consideração não apenas os tradicionais PIB e juros, mas também o investimento na formação de analistas simbólicos – profissionais preparados para levar mais longe sua capacidade de ler sinais e investir, inovar e criar valor (...) o Banco Mundial classifica países segundo o "Indicador da Economia do Conhecimento", leva em conta o incentivo à produção, a educação, a qualidade das redes digitais e a capacidade de inovação. Bancos públicos e privados já olham com redobrada atenção os ativos intangíveis de cada empresa, setor ou país antes de investir numa operação.

Com a apropriação dos conteúdos da iconomia prenhe em nosso raciocínio científico a indagação que mais fortemente retomamos na reformulação dos nossos primeiros objetivos recai sobre as possibilidades de mudanças mais significativas sobre o sujeito de pesquisa - cogitando transformações no processo de elaboração do ícone pelas práticas audiovisuais de não ficção. Quando nos referimos as mudança e as transformações, melhor caracterizando-as, queremos saber da implicação econômica, política, social, e por um certo aspecto, do desafio educacional que se abre.

Em momento anterior - quando o que hoje chamamos de pesquisa ainda se configurava como um projeto tínhamos a intenção de fazer uma produção audiovisual de não ficção basicamente sustentado pelas teorias do cinema e da antropologia. O que tínhamos naquele momento como resposta era que a mudança mais substancial se dava com o próprio pesquisador, ou o próprio documentarista. Seu status de realizador/criador, principalmente em festivais, prevaleceria sobre o próprio sujeito da pesquisa. Isso frustrava nossas expectativas cidadã, bem como nossos anseios de pesquisador iniciante.

Nesta etapa, já configurada na pesquisa, com empenho ético e considerando o entendimento dos ícones enquanto unidades de valor cuja característica fundamental é existirem como “ativos intangíveis” (imagens, marcas, patentes, códigos, mapas e genes) nos recolocamos sob um certo peso de frustração e ideal desafiado. No entanto o questionamento ainda permanece e recobre nossas indagações: a produção colaborativa audiovisual de não ficção será capaz de mudar o sujeito pesquisado? Incluímos em nossa

indagação iconômica o fator colaborativo, que para nós terá implicação no espectro das mudanças que se quer presenciar - somando às mudanças descritas na etapa anterior, para esta, possibilidades de aprendizado – cogitando também a implicação educacional, políticas de atenção, geração de renda, etc.

Destarte e na continuidade de nossas hipóteses de pesquisa essa asserção interrogativa é o que há de mais substancial. É exatamente a cerca desta problemática que centralizamos nossa abordagem. A iconomia aglutina nosso ponto de partida. E mais ainda: é possível, levando em conta a definição contemporânea do desenvolvimento humano que se apóia em três eixos, tais quais, informação, valor e propriedade - romper as barreiras das desigualdades e prover esse desenvolvimento local na comunidade de Remanescentes de Quilombos de Pedro Cubas?

Caminhamos, nesta aglutinação, em uma direção teórica, empírica e audiovisual, que implica mostrar, fazer mostrar. Mais adiante, ao revelarmos nossa carta de intenções da produção colaborativa audiovisual de não ficção em relação ao nosso sujeito definido - Remanescentes de Quilombos de Pedro Cubas, localizaremos este caminhar com maior detalhamento. Por outro lado, nas linhas que se seguem revelaremos passos de nossa estratégia.

Este nosso desafio, como o classificamos, é o que nos permite inserir a produção desta produção audiovisual de não ficção dentro de uma estratégia acadêmica iconômica que contemple: criação, desenvolvimento e regulação iconômica, melhor dizendo, produção, distribuição, *design* e mensuração de ativos intangíveis em processos de desenvolvimento social, econômico, técnico e cultural. Todavia, com os pés no chão e a câmera nas mãos, só nos abrimos à essa idéia na cabeça porque segundo Schwartz (2008)

As universidades são, por excelência, incubadoras onde esse tipo de contradição se resolve na recriação das matrizes. Serão possíveis “cidades de conhecimento” apenas na medida em que cada sociedade, cada arranjo econômico e empreendimento mobilizar energias mediadas por pólos de tecnologia, educação e cultura para produzir ou nivelar, a cada momento, essas assimetrias. A universidade é um celeiro de ícones de inteligência que se manifestam como corpos digitais. A garotada agora milionária que saiu de Stanford para criar o YouTube que o diga (...) A economia política da sociedade da

informação é sempre uma resultante da gestão criativa do conhecimento.

No entanto ao formularmos nossa estratégia iconômica é preciso avançar um pouco mais neste celeiro de ícones, que se pretende de inteligência, e que nossas leituras apontam para o fato de que a combinação adequada desta gestão deve operar em uma relação de base triádica - que contempla engenharia, economia e comunicação, cujo resultado seja triádico e apresente uma dimensão material, imaterial (intangível) e icônica (que é uma síntese dos dois fatores anteriores). Mas ainda é preciso entender como operam esses fatores.

Para deixar mais claro temos que considerar que a engenharia está associada a tecnologia, que pressupõe uma calculabilidade (referente a quantidades e qualidades dos processos). A economia por sua vez está associada ao valor do ícone – sendo ela própria uma síntese do tecnológico, econômico e semiótico, e também quando nos referimos a propriedade. E a comunicação, nesse caso, associada ao contrato social.

No esquema a seguir pretendemos dar uma visualização mais concisa destas relações. Este esquema para nós será o nosso modelo, com implicação ao método.

$$\begin{array}{c}
 \text{Engenharia} \rightarrow \text{cálculo} \rightarrow \text{tecnologia} \\
 + \\
 \text{ICONOMIA} \\
 \text{Economia} \rightarrow \text{valor} \rightarrow \text{teoria do valor dos ícones/propriedade} \\
 + \\
 \text{Comunicação} \rightarrow \text{Contrato social} \\
 = \\
 \text{Ícone} \rightarrow \text{visualidade (material) + visibilidade (imaterial, intangível)}
 \end{array}$$

A questão para nós sempre recorrente implica em saber de que maneira integrar essas disciplinas? Como operar com essa tríade em que a tecnologia, negócios e informação aumentam a competitividade de cada empreendimento e acenam para um potencial emancipatório humano?

Essas indagações gradativamente foram ganhando corpo e entendimento, não exatamente de solução final, mas, sobretudo de substância das asserções envolvidas ao nos debruçarmos sobre o “como” e o “de que maneira?” Esse exercício foi favorável na medida em que seus resultados recaíram sobre o método “mostrar, fazer, mostrar”. Como dissemos anteriormente, teórico, prático, audiovisual. Todavia, se até aqui consideramos a iconomia como um ser aglutinador teórico, em outras palavras, localizadas em um campo de hibridismos teóricos, invariavelmente seu método não foge ao lugar das tangibilidades. Pretendemos avançar neste ponto nas etapas concernentes a antropologia visual, bem como no capítulo da metodologia, em que pretendemos dar mais densidade aos nossos pressupostos.

Longe de sermos conclusivos, mas sem descurar do tino observador, o que em parte vivenciamos e em outra medida apreendemos de nossas leituras e anotações é que na “caixa de ferramentas” dos ícones da iconomia podemos encontrar imperativos como inovar, interagir, improvisar, inventar, interrogar, imaginar e iluminar, lustrados de instabilidade e incertezas.

Ao cogitarmos a emancipação, sem a redundância do digital – que é inerente a iconomia, chegamos finalmente a um encaminhamento, ou melhor dizendo, a um processo de síntese que conduz nossa estratégia:

A inclusão no conhecimento, ou seja, em processos de produção de conhecimento, é portanto vista como condição necessária para que se possa vislumbrar percursos de emancipação pelo digital, sem que se trate necessariamente de processos integralmente vividos ou executados no meio digital. A rede é entendida como ator-rede e, nessa perspectiva, a emancipação digital é um processo de intensificação das inteligências tanto da infra-estrutura (tecnologia digital), quanto da riqueza de linguagens (conteúdo comunicacional) e da criação de valor (mercados eletrônicos ou híbridos).” (SCHWARTZ, 2006.)

Assim sendo, podemos compreender que na Iconomia o conhecimento é poder quando tem marca - na lógica em que o acréscimo valorativo se dá na produção ou exploração das assimetrias de informação, sejam elas naturais ou forjadas. Neste caso qual o valor de produzir um sentido que seja reconhecido pelos outros que não esteja pautado pela força do gosto médio da política comercial? Ao interagir no campo de nossa pesquisa, qual é o processo que

surge? Quantas vozes genuínas vão se fazer ouvir? Apenas considerar ou constatar que existem assimetrias dos arranjos comunicativos entre o global e o local e ignorar suas conseqüências é também cair na ilusão da colaboração em ambiente de competição. Colocando os pingos nos “ís” nos imperativos da nossa caixa de ferramentas, iniciamos esse trabalho com a intenção e o interesse imbricados na história da comunidade de Remanescentes de Quilombo de Pedro Cubas e prosseguimos abertos ao imponderável da experiência real sem no entanto rebaixar o instigante desafio a que nos propusemos.

5 A ANTROPOLOGIA VISUAL

Para situar nosso encadeamento conceitual, já demonstrado, cabe recuperar que empreendemos uma aproximação dos propósitos da economia, da midiatização e da Iconomia.

Contudo, uma nova aproximação se faz necessária - e nos parece intercambiável às demais, e neste sentido não seria uma nova, e sim um estender de espectros, agora se trata de tocar a questão do audiovisual, e tudo o que este abarca. Com a finalidade inaugural de alcançarmos maior clareza recorreremos a Claudine de France:

Existe, há quase um século, uma proliferação de produções audiovisuais de caráter etnográfico [...] essas produções diversificadas evoluem numa zona movediça e ambígua que vai da ciência à arte, do esboço à obra acabada, do documentário à ficção [...]. No entanto todas elas tem em comum o fato de tomarem como ponto de partida a observação do real [...] fica-se então tentado a perguntar-se como essa abundância de filmes de todos os gêneros pode conduzir à criação de uma verdadeira disciplina [...] a antropologia fílmica, de preferência a antropologia visual [...] que submetendo-se a reflexão lance um olhar crítico sobre os próprios procedimentos [...] e seu objeto: o homem tal como ele é apreendido pelo filme, na unidade e na diversidade das maneiras como coloca em cena suas ações, seus pensamentos e seu meio ambiente. (FRANCE, 2000, p. 17).

Diante de tal constatação nos parece necessário resgatar de maneira sucinta o papel histórico do audiovisual como construção valorativa de imagem científica, antes, ou afim de, nos aprofundarmos na antropologia visual.

Se há no entendimento de *bios* midiático uma orientação de uma nova condição antropológica e na Iconomia uma orientação da necessidade de uma antropologia do novo “homo iconomicus”, entendemos que essas orientações perpassam, ou melhor, estão intrincadas a uma orientação, também da ordem contemporânea, do reconhecimento na antropologia do novo “homo visualis” à luz da antropologia visual, ou antropologia fílmica, como também nomeia Claudine de France. Chegamos ao grau dessas associações tendo como

referência questionamentos levantados em especial por Etienne Samain²⁷ do Departamento de Multimeios da UNICAMP, quando diz: Quando, como e em função de que vamos reavaliar e considerar que os meios audiovisuais, podem ser meios autônomos de pesquisa antropológica e não apenas co-adjuvante técnicos ilustrativos?

Esta questão parece abordar um avanço, assim entendemos, proposto pela antropologia visual, daí o caráter de independência do questionamento, em relação a antropologia social. Apenas como alusão, para cogitar também a partir deste mesmo questionamento, lançamos as seguintes indagações: porque nos cursos de cinema não temos como resultantes finais, não apenas o texto escrito e imagens como ilustração, mas o vídeo e ou o filme, como meios autônomos da pesquisa antropológica? Será que por si só, pelo hibridismo das linguagens, estes recursos não poderiam agregar toda informação e dar conta dos percursos teóricos percorridos? São questões teóricas metodológicas que deixaremos para ser explorada em uma outra etapa.

Para Samain,

[...] descrever com efeito um cocar indígena, os motivos de uma pintura corporal, as fachadas de uma rua comercial de São Paulo ou o vestuário de um *dark-neo-punk* metaleiro não significa necessariamente que se tenha esgotado o poder signifiante das realidades antes de mais nada mostradas, capazes de serem vistas e pertencendo a um universo sócio visual.

E faz três apontamentos de princípios:

- 1 - Repensar o conjunto metodológico que a Antropologia nos ofereceu até o momento, face às especificidades que a Antropologia Visual pode também nos proporcionar;
- 2 – Procurar criar um espaço no trabalho antropológico que permita a experimentação de um novo fazer gerando subsídios necessários à elaboração de metodologias específicas do uso dos multimeios nesse campo;
- 3 - Tal elaboração não poderá ser desvinculada de uma profunda reflexão sobre a lógica do visual, a qual não pode ser equiparada de antemão à lógica da escrita e da oralidade.

A partir destes apontamentos, Samain desenvolve seus argumentos e fala sobre o olho-novo:

²⁷ <http://www.iar.unicamp.br/docentes/samain/index.htm> Perfil online.

Descobrir-se-á que não é mais e apenas o olho humano que capta e tenta reproduzir, numa língua escrita, o que viu; descobrir-se-á também que o olho mecânico, ao termo de um registro direto, possibilita rever – com os filmados ou à luz de novas teorias – de modo crítico e quase que infinitamente os dados e documentos recolhidos, descobrir-se-á que não é mais e apenas o olho humano que capta e tenta reproduzir, numa língua escrita, o que viu; Descobrir-se-á ainda que esse olho permite descrever ordens de fatos que dificilmente expressáveis pela palavra (...) Serão ainda os produtos deste olho novo que, por ter conseguido preservar para a posteridade aspectos de nossas culturas em constante mutação, não somente tornarão possíveis uma leitura dinâmica sócio-cultural dos povos, mas servirão de meios e canais para um intercâmbio cultural mais amplo entre os próprios grupos envolvidos.

Ao pontuar sobre o “olho-novo” Samain elencou os seus princípios, dos quais já localizamos o primeiro e o terceiro, entre os três considerados fundamentais da antropologia visual. Adiante pretendemos dar mostra de que com algum fôlego nos ocupamos também do segundo.

Ora, nessas elucubrações nos percebemos um pouco redundantes, mas talvez seja necessário assim proceder pelo caráter enfático que pregamos de um ângulo ao outro sobre o mesmo objeto. Entre panorâmicas e *close ups* de certo não estamos tão errados assim. Mais uma vez, France (2000, p. 36):

encruzilhada de saberes especializados, às vezes mal integrados uns aos outros, a antropologia fílmica aparece, no final das contas, como uma disciplina ambígua, generosa, mas um pouco desordenada, cuja gênese é difícil porque a embarcação está demasiadamente carregada. Contribuem para sobrecarregar seu movimento: a amplitude do campo estudado e o controle imperfeito de um instrumento novo, ele mesmo objeto de estudo; a rejeição da escrita e a necessidade de ajustar, se não na prática, sempre na teoria, a questão dos status respectivos da linguagem e da imagem, no seio de um tipo de pesquisa dividida entre a preocupação de fazer algo novo usando coisas antigas (como integrar e repensar a linguagem no contexto da apreensão audiovisual?) e fazer algo antigo usando coisas novas (como integrar a apreensão audiovisual no contexto de uma pesquisa clássica estruturada pela linguagem?). A isso vem juntar-se a preocupação em agradar, frequentemente incompatível com as exigências de uma pesquisa em grande parte fundamentada na paciente descrição individual dos fatos sensíveis.

France (2000) chama atenção para o fato de que por trás dessa aparente desordem, e graças a ela (a desordem), desenvolvem-se todas as condições de uma disciplina do sensível, e enfatiza a antropologia fílmica como sendo uma disciplina do sensível por excelência, porque está profundamente arraigada ao terreno e é a mais bem aparelhada para uma descrição das maneiras de ser do homem, à altura do olhar humano. Nos orienta que se este caminho foi considerado por muitos como ingrato demais e ficou abandonado, que devemos ver uma razão a mais nisso para segui-lo, pois lá, onde o terreno está livre, não se deve temer cultivá-lo, e nem preocupar-se com o benefício imediato. Também nos posiciona, e de certa forma nós já nos apercebemos disto, quando diz que é fecunda a perturbadora novidade do instrumento como fomentador de aprendizado e de transformação das atitudes metodológicas que suscita ao mesmo tempo interrogações e experimentações ousadas que, em certos momentos, colocaram a enquete fílmica dos etnólogos na ponta da pesquisa em ciências humanas. Enquanto elucidação aponta que à medida que continuam a filmar os seres humanos e a experimentar seus instrumentos, os antropólogos-cineastas devem afrontar novas tarefas que solicitam, mais uma vez, os serviços de sua paciência e de sua imaginação, e isto é válido para nós, para nossos propósitos de sínteses quando recorremos, como um novo autor, a tais designações,

[...] a antropologia visual apresenta-se como um campo de investigação e de desenvolvimento de práticas que constituem um desafio aos estudantes e às instituições universitárias no âmbito das atuais mudanças do ensino superior. Constitui-se como amplo campo interdisciplinar entre ciências sociais e as artes, as ciências e as tecnologias da comunicação. Institui-se um processo simultâneo ou complementar de investigação e produção escrita, audiovisual, multimídia, hipermídia. Desloca-se das temáticas tradicionais de investigação em antropologia para temáticas atuais, sem nos entanto deixar de tratar de toda tradição antropológica e, simultaneamente, recuperar arquivos documentais das práticas anteriores, criando assim uma relação próxima e mais implicada (da disciplina e da universidade) na vida social. (RIBEIRO)²⁸

²⁸ Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. Jose da Silva Ribeiro. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012005000200007&script=sci_arttext

Com todas essas configurações postas sobre uma disciplina do sensível nos sentimos motivados e cada vez melhor preparados para o enlace teoria-prática. Mas foi por isso que recorremos a antropologia fílmica e assim sendo gostaríamos de compreender um pouco mais quais são os procedimentos metodológicos que a caracterizam, ou estão em processo de caracterizá-la, enquanto uma disciplina, tal qual sugerem, postulam e reivindicam Samain, France e Ribeiro.

France (2000) nos ajuda a compreender que como toda disciplina a antropologia fílmica também possui a sua gama de métodos, mas que estes muitas vezes não são explícitos, e se são discutidos, no mais das vezes eles permanecem implícitos, até mesmo negados, e que neste caso os antropólogos-cineastas preferem demonstrar a existência do movimento, movendo-se. Desta maneira, para alguns, a experiência do cineasta concerne mais à arte do que à ciência, no entanto France (2000), no firmar da disciplina e seus “núcleos duros”, nos revela 3 princípios destinados a pesquisa básica da disciplina.

O primeiro princípio diz respeito ao *destinatário* deste tipo de filme. France afirma que se existe um destinatário *imediato* ele tem a característica de se confundir com o próprio pesquisador, uma vez que este último participa da comunidade dos pesquisadores que, anteriormente, já contribuíram para a descoberta do objeto, ou que, posteriormente, poderão beneficiar-se das descobertas atuais e levar a investigação mais adiante. De toda forma, existe também um destinatário *longínquo* que é constituído pelo público mais amplo de espectadores ao qual o filme de pesquisa será apresentado. Assim, uma das conseqüências deste primeiro princípio dão conta de que por definição qualquer e toda realização de filme etnográfico está fadada à exploração por uma observação diferida daquilo que produziu, tendo por vocação serem examinados com vistas ao aprofundamento do real (o filmável), afinal o que importa é o conhecimento ou a descoberta do objeto observado.

O segundo princípio aborda a *disponibilidade temporal* do antropólogo-cineasta durante as diferentes etapas da pesquisa. Antes de mais nada o antropólogo-cineasta é, de mais a mais, um acompanhador das pessoas

filmadas por um tempo indeterminado. France (2000) nos orienta que pouco importa se o período de inserção preparatório à filmagem seja longo ou curto, que o essencial é que o pesquisador esteja pronto para enfrentar o tempo de inserção que as pessoas filmadas lhe impõem, ao invés de impor-lhes o seu, pois, em matéria de inserção, as pessoas filmadas ditam as leis. Em contrapartida, o pesquisador impõe-lhes alguns sacrifícios, perturbando sua rotina e levando-as a revelar o não exprimido. Em relação ao tempo de registro, em que a cooperação se intensifica e atinge o seu auge, é preciso estar atento não somente para os tempos fortes da atividade humana (estados de crise, dramas conflituosos, clímax das cerimônias), mas que se dedique em restituir igualmente os tempos fracos (atos repetitivos anódinos) e tempos mortos (silêncios, ausência de atividade aparente).

Sobre esse princípio o importante é que se estabeleça uma relação de cooperação livremente consentida entre o filmador e o filmado, no qual o tempo é um elemento chave. A disponibilidade temporal aparece, às vezes, como uma restrição dificilmente compatível com as condições materiais ou financeiras presentes na realização de filmes documentários de caráter etnográfico. Por essa razão, o realizador opta pela solução mais prática. A disponibilidade temporal pode ser considerada uma atitude metodológica do pesquisador, para que ela se manifeste plenamente, deve ser colocado à sua disposição um conjunto de procedimentos, dentre os quais figura a *descrição* – o terceiro princípio da pesquisa básica em antropologia fílmica.

No entanto toda descrição fílmica, mesmo a mais detalhada, sendo, repetimos, uma *mise en scène*, não é nada mais que uma transposição realista das coisas submetidas em primeiro lugar às leis cenográficas de exclusão e de saturação tal como elas se impõem no cinema documentário. Se, conforme prega a lei de exclusão, mostrar uma coisa significa esconder uma outra, simultaneamente, e se, conforme estabelece a lei de saturação, mostrar uma coisa significa mostrar uma outra, simultaneamente, então nenhuma descrição, por mais fiel que seja, é exaustiva ou totalmente controlada no que se refere à precisão. A todo momento, o antropólogo-cineasta deve efetuar um compromisso sutil entre as duas tendências opostas da descrição. Uma o força necessariamente a saturar a sua imagem com elementos aparentemente exteriores a seu propósito (preocupação com a riqueza), a outra a eliminar desta mesma imagem os elementos aparentemente não

essenciais (preocupação com a precisão). Tal compromisso traduz-se em escolhas de *mise en scène* (enquadramentos, ângulos, duração dos planos, etc.) que pouca importância tem se são mais ou menos subjetivos, ou mais ou menos conscientes. O essencial é que o pesquisador saiba que toda precisão na descrição é inevitavelmente acompanhada de uma *margin de imprecisão*, da qual ele pode tirar proveito no campo cognitivo.(FRANCE, p. 31).

No próximo capítulo daremos continuidade ao nosso trajeto, com vistas ao aproveitamento cognitivo, àquilo que queremos para esta pesquisa enquanto descrição fílmica, sobretudo diante do paradoxo instaurado pelas afirmações de France nesta exposição do terceiro princípio da antropologia fílmica.

6 PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE NÃO FICÇÃO (DOCUMENTÁRIO)

Recapitulando para melhor sermos compreendidos, firmamos em nossos objetivos o propósito de realizar uma produção audiovisual de não ficção (documentário) junto a comunidade de Remanescentes de Quilombos de Pedro Cubas no Vale do Ribeira com a finalidade de construção colaborativa de um ícone. Para um contingenciamento teórico final, aqui trazemos a abordagem do cinema, cinema documentário, convergências tecnológicas e os formatos híbridos.

Fizemos esta seqüência de posicionamento porque queríamos antes de tocar nestes pontos, traçar o mapa do caminho da nossa pesquisa em relação às outras disciplinas que consideramos de certa maneira “convergentes” aos estudos do cinema e que, inevitavelmente, recairiam sobre nossas reflexões. Nos capítulos anteriores esperamos ter revelado as interferências com maior grau de implicação para esta pesquisa.

Nos permitimos identificar tais convergências não enquanto trânsito de vetores definidos – daqui para lá, de lá para cá, e sim enquanto bordas, zonas de atrito, confluências. Nos sentimos a vontade em traçar esse percurso pois

[...] uma teoria do cinema não é “sobre” o cinema, mas sobre os conceitos que o cinema suscita, e que estão também em relação com outros conceitos correspondentes a outras práticas, a prática dos conceitos em geral não tendo nenhum privilegio sobre as outras, do mesmo modo que um objeto também não tem sobre os outros. É no nível da interferência de muitas práticas que as coisas se fazem, os seres, as imagens, os conceitos, todos os tipos de acontecimentos.” (DELEUZE, ano apud MACHADO, ano, p. 18)

De certa forma agora nos sentimos preparados para lidar nas próximas linhas com as dimensões que envolvem o cinema, que para nós longe de remontar historicamente todos os seus veios, nossa modesta pretensão é a de balancear algumas noções a fim de que sirvam de referências à nossa carta de intenções de produção audiovisual de não ficção colaborativa.

O primeiro destaque que queríamos dar ao cinema é a capacidade que este tem em aludir o imaginário. Tampouco, porém, é esta uma questão

exclusiva do cinema, uma vez que “o cinema das sombras era uma potencialidade que animava o imaginário das sociedades passadas” (ROSSINI, p. 165)

Rossini, por sua vez, recorre ao autor Arlindo Machado para nos explicar que os historiadores da imagem em movimento geralmente procuram datá-las privilegiando algumas das técnicas constitutivas do cinema, principalmente aquelas que permitem uma pontuação cronológica. Para Machado se o desenvolvimento técnico é datável então a idéia de uma imagem síntese que pudesse ser movimentada já vinha literalmente desde os tempos das cavernas. Continuando, a autora Rossini (p. 166) afirma que

[...] se não havia ainda uma técnica para dar vida àquilo que se imaginava, o resultado do que se queria estava lá: antes do filme, propriamente dito, já havia um filme mentalmente idealizado; a busca por uma imagem síntese.

Essa condição por sua vez teria sido classificada por Eisenstein como imagicidade: quando as condições técnicas são propícias em dar conta da aventura de se dar forma àquele sonho na exteriorização de uma vontade. Toda via lembramos, e completamos, que em sua relação íntima de captação de imagens em movimento a câmera de filmar dá continuidade a um ideário constituído por outros suportes, dos quais muitas ilações são ressonâncias da corrida da pintura e da fotografia em direção ao impressionismo: “a idéia da inscrição de uma impressão instantânea em algum tipo de suporte”.

Registros feitos entre 1896 e 1910 como “A Saída da Fabrica”, “A Passagem do Trem” e o “Café do Bebê” dos irmãos Lumiere ilustram o correr do tempo e o movimento da vida dos homens, com a magnífica invenção do cinematógrafo, de fundamental importância para toda a história posterior do cinema; o cinematógrafo precipita no passado o instante presente capturado e depois restitui esse instante como atual durante a projeção, no escoar da duração o movimento da passagem do tempo, que vai do passado para o futuro, através do presente.

O que sabemos é que a exibição pública e em tela grande, causou impacto na sensibilidade e na subjetividade, no mercado de consumo e no modo de vida dos expectadores e que por conta disso foram experiências

capazes de revelar tendências de uma audiência ávida por imagens de vestígios da realidade, complementando, ao exibir com qualidade de presença em suas projeções os registros do tempo que se esvai com sua textura mais íntima a revelar cenas cotidianas.

Em 1922, *Nanook*, o esquimó de Roberty Flaherty aparece nas telas. Apesar de revelar certa atração por terras longínquas, de parecer apenas um filme de viagem (que eram mais atentos a gestos do sagrado), trazia em si a visão do observado para as telas, na representação de seus gestos, neste caso os profanos, como autenticidade de seu cotidiano. Pode-se dizer, uma etnografia do observado. Enquanto os filmes de viajante, a citar os registro dos irmãos Lumieres, dos desfiles da cavalaria, por exemplo, uma etnografia do observador.

Neste panorama percorrido percebemos que a noção de documentário nem sempre existiu - ela foi construída posteriormente por comunidades interpretativas, em festivais, revistas acadêmicas, progressivamente, no agrupamento dos filmes, em certas épocas, e o que temos de lá para cá é a criação de fronteiras e tradições, e até hoje o embate continua: é difícil definir isto é um documentário, ou isto não é um documentário.

O que se tem é uma leitura, muitas vezes previamente já aspirada por seus produtores, em ser documentarizante: uma leitura de um contrato entre expectador e enunciador supostamente real, de uma realidade pressuposta, muitas vezes pelo discurso oral e verbal, como legendas e voz em *off* de seu narrador, que pode se alterar o seu sentido, mas não pode contestar a sua existência. É o testemunho do e pelo registro.

É possível perceber esses contratos em registros como “*O Triunfo da vontade*” (1934), um filme de propaganda política da cineasta alemã Leni Riefenstahl, documentando o Congresso do Partido Nazista de 1934 em Nuremberg. É um dos filmes de propaganda política mais conhecidos na história do cinema, com grande reconhecimento das técnicas utilizadas por Riefenstahl, que depois passaram a influenciar filmes, documentários e comerciais.

Este é um exemplo de um filme que propõe ao expectador uma leitura documentarizante, suas legendas põem o filme para ser tomado como documento, quando na verdade tem um perfil muito mais propagandístico, no entanto não deixa de ser documental, não deixa de ser registro.

Em 1925 Eisenstein com “*O Encouraçado Potemkin*” falando de injustiça e do poder coletivo das revoluções populares ao retomar a rebelião de 1905 de marinheiros de navio de guerra, em 1929, Dziga Vertov em “*O homem com uma câmera*” registrando o cotidiano de cidades Russas principalmente Moscou, e Cidadão Kane de Orson Welles de 1941 baseado na vida de um magnata, revelam e exploram o poder dos mecanismos de montagem dos filmes na criação de sentidos. Não vamos esquecer de citar o cinema verdade de Rouch e Edgar Morin na década de 1960 com “*Crônicas de um verão*”, e o cinema direto de Wiseman com “*Primárias*”. Basicamente são essas as tradições – acreditamos todavia que um purista não se contentaria apenas com nosso histórico, mas novamente, não temos intenção de recapitular massivamente toda historia do que entendemos por práticas documentarias, e sim nortear a nossa produção. Rouch, neste sentido, poderia ganhar uma amplitude maior pelo trato ao seu objeto que a nós é de alta relevância, o fato de não estar aqui esmiuçado é claramente coerência ao método que escolhemos. Continuando, as fronteiras, estão no decorrer do tempo até a contemporaneidade, que percorre toda produção internacional e nacional, em catálogos de filmes que tem em si aspectos em comum: do documental - e que muitas vezes em sua exibição percebemos que se conforma em fronteiras: propaganda, ficção, documentário, e mais recentemente, animação. Gostaríamos de destacar os cineastas brasileiros de nossa predileção: Glauber Rocha ao registrar o enterro do seu amigo Di Cavalcanti em *Di Glauber* (1976) – pela introdução reflexiva do autor e do uso da metalinguagem; Eduardo Coutinho no conceituado *Cabra marcado para morrer* (1964-1984) – em que enfatiza a relação do documentário no estatuto de fundar uma memória; Jorge Furtado com “*Ilha das Flores*” (1989) – por seu caráter social e por explorar as fronteiras com a ficção; João Moreira Sales em *Notícias de uma guerra particular* (1999) – por sua temática ao explorar o aumento de homicídios no

Rio de Janeiro e sua relação com o tráfico de droga nos morros; Sandra Kogut com *Passaporte Húngaro* (2003) e Kiko Goifman com 33 (2004) – documentários de busca.

6.1 CARTA DE INTENÇÕES: PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE NÃO FICÇÃO COLABORATIVA

Vamos a partir de agora traçar as intenções que recobrem a nossa produção audiovisual de não ficção colaborativa recuperando um pouco noções que já foram apresentadas na introdução e nos capítulos anteriores, mas que estarão, de alguma maneira, aqui com o foco mais ajustado.

A primeira intenção que vamos explorar tornou-se inerente a pesquisa, e até de maneira redundante vamos retomá-la, mas que basicamente dá conta do referente que partimos, mais especificamente isto quer dizer que esta produção acadêmica ambientou-se nas atividades da Cidade do Conhecimento cuja influência mais pregnante em nossa pesquisa é da Iconomia - como classificamos anteriormente, nosso aglutinador, que nos sugere, como já havíamos antecipado, um vetor de processo: teórico, empírico e audiovisual, que também pode ser entendido pela tríade - mostrar, fazer, mostrar. Conforme nos comprometemos vamos delinear nosso caminhar.

O primeiro mostrar, entendemos, também é um fazer: daquilo que traçamos até aqui no campo teórico até a inclusão de todas as intencionalidades -detalhadas no corpo deste texto, sistematizadas inicialmente na forma de um projeto. Para ficar mais claro, esta mesma carta de intenções que gradualmente estamos revelando, fruto do nosso percurso teórico, só teve validação junto a comunidade na medida em que foi mostrada – é este o nosso primeiro mostrar. No capítulo dos resultados este “primeiro mostrar” será considerado no Campo 1.

O fazer, entendemos, dá conta de todas as atividades no campo, isto quer dizer, a parte prática da pesquisa, de aplicação dos métodos, da produção material das visualidades que se quer colaborativa, dos manuseios, dos equipamentos atrelado às concepções que o concernem, ou seja, ao primeiro

mostrar. No capítulo dos resultados este “fazer” será considerado no Campo 1, Campo 2, Campo 3, Campo 4, Campo 5, e também na conclusão.

O “segundo mostrar”, entendemos, dá conta da soma dos resultados obtidos nos outros dois processos estabelecidos como programa, isto é divididos por etapas, e será capaz de traduzir-se no ícone, o audiovisual de não ficção colaborativo finalizado – o próprio segundo mostrar, e este por sua vez podendo à luz iconômica, mais precisamente ao auferir a sua iconometria, validar as dimensões restantes – não alcançadas na totalidade no “primeiro mostrar” e no “fazer”, que inclui a visibilidade, geração de renda, etc. acabando por cumprir os objetivos. No capítulo da conclusão este “segundo mostrar” será considerado nos apontamentos.

O que pudemos notar é que entre “fazeres” e “mostras” também acabamos por circundar as bordas entre um e outro. Adiantamos também, de certa forma, a nossa localização no que diz respeito as etapas da pesquisa. Seguiremos na continuidade de nossas intenções que remonta o vôo do “primeiro mostrar” ao “fazer”.

Quando trazemos a noção de colaboração da produção audiovisual de não ficção o que estamos fazendo também é em parte perder a ingenuidade da manipulação dos elementos. Consideramos a articulação, mais fortemente no que diz respeito a captação e montagem, como um dos elementos de seleção possíveis dentro deste campo, em outras palavras atuamos dentro de um paradigma articulatório. A preponderância deste paradigma está conformada em todo percurso teórico que traçamos até este ponto - referente as convergências, as bordas mais propriamente falando. A atualidade da pesquisa estimula os métodos. Longe de querer dar a nossa prática um poder supranatural, encaramos que o que de mais significativo podemos fazer, justamente é, na construção colaborativa do nosso ícone carregá-lo de informação de uma cultura constituída. E isto pode vir a se dar de fato na medida em que valores éticos estejam afinados no campo expressivo, ou seja, no tratamento criativo, nas subjetividades do pesquisador e da comunidade. E mais, no emergir ideológico das condensações e deslocamentos como riqueza perceptual, reveladora de uma presença ausente e única, que remonta os

encontros, os movimentos de câmera, as profundidades de campo, as indexalidades no cunhar estético e valorativo.

O filme funciona no ambiente psicológico, particular e intransferível. Contemplação, interação, estranhamento, interferências inter cruzadas de experiências e tangibilidades fazem parte. Queremos transformar nossos sujeitos, nossos destinatários, os próximos e os longínquos - tal qual o definimos nos capítulos anteriores. Melhor pontuando, provocar uma transformação do estado original do destinatário que ao entrar em contato com a obra seja por ela tocado, em alguma medida, transformado. Queremos atingir a sua percepção e reação, imaginamos que assim a comunicação se efetivará e nosso ícone ganhará potência. Queremos trazê-los para o nosso lado. A política da atenção sempre presente. O reconhecimento da alteridade e da troca mútua como condições imprescindíveis. Sabemos que somente com o filme finalizado esta comunicação poderia alcançar êxito. O que comunicar, também termina por ser fruto da produção coletiva. As temáticas estarão abertas ao devir dos acontecimentos, aos privilégios que se elencarem, naturalmente, ou pela força de um desejo do grupo. Acreditamos, e assim partimos para sua realização, na capacidade que a devolutiva teria de promover novos aprendizados, ou seja, teria uma função de encerramento de um processo com viés educativo. Assim partimos para o retorno de campo, com rigor conceitual e acadêmico.

Ademais vamos apresentar algumas predileções que também possuímos nesta prática. Rememoramos aqui dois filmes, “500 almas” (2006) de Joel Pizzini e os 10 programas da série da TV Cultura “O Povo Brasileiro” (2000), baseada na obra homônima do antropólogo Darcy Ribeiro, dirigida por Isa Grinspum Ferraz. O primeiro nos chama atenção pelo processo de montagem e por sua característica etnopoética ao trabalhar com verbetes da língua indígena Guató. O filme diz no silêncio de uma fala e em planos parados faz movimentos. Grava o verbo, não meramente observador, entranha-se, não é ilustrativo mas evocativo. E o segundo tem como eixo a constituição da mestiçagem no Brasil. Sua concepção e montagem são exímias, tanto na ordenação dos planos, como na qualidade dos depoimentos, leituras e banco

de imagens. Atentamo-nos para este fator, em relação a nossa produção, para a importância do material de arquivo como um dos elementos articuladores de discurso, ainda mais por se tratar de uma comunidade que teve recentemente seus direitos mais cruciais reconhecidos – a questão do reconhecimento e da titulação das terras e que ainda assim deve lutar com tenacidade para alcançá-los. Desta forma, consideramos o híbrido como possibilidade, isto quer dizer que dada as insurgências das decisões coletivas do campo, se for necessário faremos re-encenações, gravação de documentos históricos, utilização de recursos de pós produção - como modelação de imagens em 3D (computação gráfica) etc.

Neste percurso fizemos vários exercícios sobre a nossa prática recorrendo aos campos teóricos e metodológico que nos orientam. Pensamos que não poderia ser diferente frente aos objetivos que nos propusemos, às exigências acadêmicas, às orientações docentes e as interrogações propiciadas pela conjugação teoria e campo.

Nas próximas etapas, relativas aos métodos e aos resultados, afim de mantermos coerência e reciprocidade com a teorias, avançaremos no processo analítico.

7 METODOLOGIA

Se as conjugações da experiência e da reflexão ensejaram desafios, neste percurso há nos parece, uma necessidade de ordenamento quanto aos procedimentos, a fim de alcançarmos uma distinção didática requerida para a clarificação da estratégia metodológica.

Para o mapa do nosso caminho partimos do entendimento em concordância ao de Hélio Godoy (2002)²⁹ que a realização documentária é composta por fases, e são elas: pré-produção, produção, pós-produção e distribuição. Nos orientamos para que a localização da fase alcançada na pesquisa se delimite ao longo da apresentação e análises dos resultados, bem como, na conclusão e nos apontamentos finais. Para nós interessa para este momento uma breve descrição dos elementos que estão envolvidos em cada uma destas fases.

A pré-produção é uma fase de planejamento. São desenvolvidas as pesquisas necessárias à conformação da estrutura do filme, o desenvolvimento da carta de intenções - seu recíproco no filme ficcional seria o roteiro, todavia em documentário para nós é mais adequado utilizar a carta de intenções, uma vez que não se tem um controle absoluto sobre os acontecimentos, e o planejamento técnico de produção.

A pesquisa de pré-produção inclui o levantamento de todas as informações disponíveis sobre o assunto enfocado: dados bibliográficos, informações obtidas em entrevistas pessoais, imagens de arquivo, visitas a campo, etc. [...] A roteirização permitirá organizar-se as idéias e alguns dos resultados da investigação preliminar no formato de uma história [...]. O planejamento de produção inclui visitas aos locais determinados, contatos com pessoas a serem entrevistadas, seleção da equipe de filmagem e do equipamento” (GODOY, 2002, p. 268).

Godoy nos alerta que nesta fase “surtem questões que precisam ser analisadas para que possam gerar um plano de trabalho que associe as reais condições existentes onde se dará a produção com as condições previstas no roteiro.” Para nós, reafirmamos, quando lemos roteiro e roteirização

²⁹ Helio Godoy é licenciado em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biociências da USP, mestre em Cinema pela ECA-USP e doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

relacionados ao documentário, como na citação de Godoy, nós interpretamos como o procedimento da carta de intenções.

A produção é um período de intensa atividade e organização disposto em categorias de filmagens como os fatos e acontecimentos; as entrevistas e as re-encenações. O planejamento rigoroso é fundamental para que certos fatos e principalmente os que acontecem uma única vez, não sejam perdidos, tais como os ligados a fenômenos biológicos ou rituais.

“Cuidados técnicos, de linguagem e investigativos devem ser observados (...) formas adequadas para entrevistar sem dirigir, movimentos de câmera, iluminação, tipos de lentes” (GODOY, 2002, p. 270).

A pós-produção geralmente esta associada ao término das filmagens, momento em que todas as imagens selecionadas na pesquisa e todo material resultante das filmagens devem estar disponíveis e organizados para o procedimento de montagem/edição. É preciso notar que para nós atrelar e generalizar o início da pós-produção ao término das filmagens pode ser feito evidentemente por estarmos nos referindo ao cinema documentário, que tem uma imprevisibilidade maior que o filme de ficção, e que a nós implica em uma postura fidedigna para com a comunidade envolvida. Cogitamos que neste caso os níveis de manipulação devem ou deveriam ser menores do que em um filme de ficção. A pós-produção é mais fortemente nos filmes de ficção é também e de certa maneira uma pré-produção e a própria produção, uma vez que algumas escolhas, como por exemplo o da captação das imagens serão fundamentais para que no processo de edição elas possam servir aos propósitos traçados, geralmente com recursos de efeitos especiais.

A distribuição está associada evidentemente ao filme finalizado. Um documentário pode ter sido previsto, inicialmente, para ter uma distribuição em atividades educacionais, acadêmicas, ao passo que outros podem ter uma pretensão internacional ou outras finalidades. Sobre estas decisões os aspectos técnicos como formatos e tempo na finalização dos filmes estão presentes e são preponderantes.

Tomamos a consciência - não somente enquanto conclusão e apontamentos finais que o faremos de forma mais coesa adiante, mas antes

disso pré-campo, enquanto entendimento do método documentário, que os procedimentos possivelmente se alternam (em maior ou menor medida) em cada uma destas fases de realização documentária. Para nós, alternância privilegiada pela qualidade de conformação do processo que se quer emplacar, isto quer dizer que os atos de tomada de decisão e de escolhas estão comprometidos com o alcance que se quer dar às demandas da realização documentária. Neste sentido para nós o auxílio de outras disciplinas torna-se preponderante.

Para tanto é na interdisciplinaridade das ciências humanas (además aquelas descritas do campo teórico) que recorreremos às outras. São elas a sociologia e a antropologia.

Definimos uma pesquisa do tipo qualitativa, mais especificamente pela assunção da etnografia, da descrição filmica (detalhada no capítulo da antropologia visual) e da pesquisa-ação.

A pesquisa qualitativa é aquela que pode revelar certos elementos característicos da natureza humana ao buscar os dados em seu ambiente natural. Geertz (1989), ao enfatizar o caráter essencialmente semiótico da cultura presta-se a iluminar um foco importante dessa pesquisa no que diz respeito à compreensão desse conceito

[...] sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.

Com o foco iluminado fica claro que nenhum povo ou nenhuma cultura foram ainda exaustivamente descritos, de modo que qualquer pesquisador pode realizar trabalho útil na área em que se encontra.

A utilidade da descrição nas distintas áreas do conhecimento faz com que nos posicionemos - e de certa forma mais uma vez, que a pesquisa parte do estudo das Ciências da Comunicação. Como caráter exemplar de método a etnografia quando acionada no enfoque da antropologia social compreende que entre outras demandas uma longa permanência do pesquisador em campo é desejável, no entanto os fatores adaptativos não necessariamente invalidam

o método quando esta condição não é observada. Preferimos afirmar que não estamos fazendo etnografia em seu sentido estrito, e sim estudos “de tipo etnográfico”. Uma adaptação, um aproveitamento parcial, mas crítico e consistente desta abordagem. Essa mesma compreensão e cuidado estendemos para as outras técnicas utilizadas.

A pesquisa etnográfica pode ser compreendida como a descrição e a interpretação de um grupo ou sistema cultural, ou social, a partir do exame dos padrões de comportamentos observáveis, tais como os costumes, por exemplo. Desta forma não é neutra de subjetividade, pois é uma prática *nas* e *sobre* relações humanas, relações estas que permitem distinguir sentidos e significações; à medida que o indivíduo interage com o outro mediado pela interpretação o “modo como” se desenvolvem significados é o que podemos chamar de interacionismo simbólico.

Este “modo como” próprio do interacionismo simbólico faz emergir a noção de *self* (meu eu) que é a visão de si mesma que cada pessoa vai criando a partir da interação com os outros em um processo de construção social. Como os outros a percebem, ou seja, como ela interpreta as ações e os gestos que lhe são dirigidos pelos outros, fator que influi na forma como cada um percebe a si mesmo.

Melhor caracterizando

[...] a percepção que um indivíduo tem de si mesmo e de sua individualidade depende de estruturas cognitivas, esquemas corporais, afinidades comuns e outras qualificações inscritas num quadro que emerge somente no decurso de interações com os membros do seu grupo de pertença e dos outros grupos sociais. Em outros termos, a própria capacidade de um indivíduo de se pensar como indivíduo e definir as qualificações desta individualidade é amplamente determinada por suas interações e experiências sociais. (SEMPRINI, 1999, 101).

Ainda mais, e concluindo, Semprini (1999) afirma que “não pode haver consciência de si fora de uma estrutura dialógica – e portanto social - que a faça emergir”. Sentimo-nos frente a essas afirmações do autor que de certa forma observamos no trabalho de campo as articulações ativas presentes nas interações sociais com implicância na permanente construção do *self* individual.

Segundo relato de Spradley (1980), para Malinowski esse é o principal objetivo da etnografia, pois se torna “possível entender a comunidade através do ponto de vista de seus membros, e descobrir as interpretações que eles dão aos acontecimentos que os cercam”.

Para o registro exaustivo a que se propõe a etnografia há uma lista das muitas possibilidades e exigências do método: o registro etnográfico inclui notas - das observações, e também dos *insights* teóricos e metodológicos, mapeamentos, busca e leitura de documentos e entrevistas de diferentes tipos e tempos. No que diz respeito as entrevistas, nos orientarmos tecnicamente a partir de algumas fontes mas alcançamos uma acepção mais completa deste processo na disciplina “Memória das Testemunhas³⁰”, da qual fixamos as orientações tomadas em aula que a seguir reproduzimos, para nós sem sombra de dúvida, asserções muito elucidativas:

Nas ciências humanas usamos o método da entrevista para saber sobre a manifestação histórica da cultura popular ou história da instituição. Para isso usamos o recurso do depoimento da testemunha ocular, do partícipe. Para ser testemunha não basta estar presente e sim ter um ponto de vista ético, estético, econômico. A constituição do ponto de vista, tem que ser sempre uma configuração atenta, responsável. É preciso saber que para a testemunha fica um consciente ideológico. Têm testemunhas que são sentinelas do seu tempo, guardando verdades que não revelam à sua época. Neste sentido é importante estar atento para a questão da veracidade da testemunha. Tem depoimentos que são incertos: “parece que”...“eu acho que era”, surgem mentiras certas, afirmativas, e verdades incertas. Assim existe um parâmetro da qualidade da testemunha em crenças e experiências que influem nas nossas percepções. A presença corporal testemunhante é infalível. O fato da testemunha correr perigo de vida não revela somente a qualidade da testemunha enquanto sobrevivente, mas pode revelar também o seu destino.

Um questionamento: a emoção facilita ou dificulta a experiência testemunhada, a memória? A testemunha é uma intersecção entre a experiência individual e coletiva. O depoimento depende do grau de

³⁰ Disciplina ministrada pela professora Eclea Bosi no primeiro semestre de 2008. ECA-USP.

participação, subjetivação do relato. Há a fase de retenção: lembranças deturpadas, figura da memória em transformação, turbulências. A destruição do espaço biográfico da vítima afeta a memória, o desenraizamento, a mudança da paisagem.

Sobre a dúvida: nos primeiros anos de formação recebemos a informação como verdade: “Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil”. Em um processo o juiz interroga, escuta, é verdade ou não. A testemunha está sobre influência? Medo? Interesses? A vida coletiva depende da confiança, a verdade na vida social é uma virtude. A testemunha é o prolongamento do drama, um elo entre a percepção e a memória, e a memória e a verdade - recepção, retenção e depoimento. Isso revela que a importância de falar vale à pena, ao trazer informações para uma consciência coletiva e presente.

A arte da verificação depende da pessoa, variações, fisionomia, tons, gestos: “no meu fórum íntimo eu achei tal coisa”. A testemunha envolve nossa questão de ver, uma cumplicidade, a nossa memória esteve antes na cabeça de outro e a incorporamos. Uma palavra dita no espaço público pode ser desmentida, mas não apagada, foi fato. A testemunha faz emergir no espaço público algo oculto que se torna objeto de investigação. A desconfiança desvia o ponto do tricô. Caímos em um binarismo moral (ou você é amigo ou não é), e o ator social confia na interação e tem que se guiar pelo respeito do vínculo social.

Desta maneira temos que disciplinar a imaginação, ouvir com responsabilidade, a escuta não é passiva, ela sacode a nossa indiferença. O verdadeiro é problemático, a memória é perigosa. Pontos opacos são reveladores da história. A decisão sobre justo e injusto depende de encarar os fatos. Só por escutar as testemunhas nos tornamos testemunhas de segundo grau. O papel das ciências sociais: descobrir e ser guardião, buscar o que há de possível verdade daquilo que chegou até nós.

Com essas asserções postas nos sentimos prontos para demonstrar nossos resultados e verificações; afirmamos isto pois o próprio ato de transmissão destas referências - enquanto informações que queremos explorar

e conhecer, foi realizado pela transmissão oral - no formato daquilo que conhecemos como o ato de ditar, o ditado.

Evidentemente neste processo uma informação ou outra escapou às nossas anotações, mas tomamos como principal e fruto da nossa escolha metodológica apresentá-las como fizemos enquanto uma sistematização das anotações, um modelo a percorrer, a se guiar, mas longe de ser exclusivo e fechado, e sim, para nós, norteador do percurso, do processo. Da forma que está apresentada temos a possibilidade de sempre que necessário for – e adiantamos que em nossa prática o fizemos por muitas vezes, de retomarmos a sistematização como um todo a fim de fazer uma assimilação gradativa das concepções, uma espécie de treinamento para as nossas abordagens. A outra opção que tínhamos seria diluí-las preenchendo o campo da pesquisa em forma de citações, mas pela qualidade e sobretudo pelo esclarecimento que nos implicou optamos por apresentá-las da forma explicada.

Continuando, é preciso pontuar que não se pode prescindir do diário de campo, através do qual se registram as observações da forma mais minuciosa possível, os acontecimentos ocorridos em campo, assim como as impressões subjetivas decorridas destes acontecimentos.

Como estímulo para a observação pertinente, o valor da teoria é plenamente reconhecido pelos antropólogos. Todo investigador experimentado se orienta no trabalho de campo por meio de hipóteses provisórias. Ele pode sofrer influência de determinada escola de pensamento e isto influirá na sua maneira de encarar a investigação, bem como na sua escolha dos problemas que devem ser pesquisados, visto que o estudo completo da natureza e das atividades de uma sociedade foge às possibilidades de um observador isolado. (Manual antropologia, p. 45)

Sendo assim nossa maneira de encarar a investigação compreende que é preciso combinar a pesquisa-ação nos campos da tecnologia, da economia e da comunicação porque são essas as nossas influências mais marcantes na construção do ícone - que compõe os nossos objetivos pautados pelo vizez da iconomica.

No que diz respeito à tecnologia, as ferramentas utilizadas no processo, a pesquisa-ação pode se dar na medida em que os quilombolas tornaram-se

sujeitos no movimento de realizar construções coletivas de valor narrativo, ou seja, aquilo que compreende a visualidade de sua produção material.

No que diz respeito à economia - valor do ícone quilombola, a pesquisa-ação pode se dar na dimensão antropológica da produção cultural com elevada capacidade produtiva de uma nova economia da atenção e da experiência coletiva. Emancipar a comunidade significa antes de mais nada adquirir visibilidade ou visualidade.

No que diz respeito à comunicação - contrato social do pesquisador da Universidade com os Remanescentes de Quilombo, a nossa observação participante como uma das estratégias da pesquisa-ação, pode referenciar-se pelas formas mais comuns da comunicação inter-pessoal e também pelas posturas e gestos da população comunitária.

Para que essa pesquisa alcance uma implicação coerente e ética³¹ ao agir no intercâmbio de sentidos, fazem-se necessárias considerações sobre os procedimentos aplicados em campo, sobretudo para que nosso material resultante tenha a especificidade documental – para nós preponderantes, no método e por finalidade, não exclusiva, mas possível.

Em última ou primeira análise afim de nos situarmos³² temos que nossos registros são tácitos em revelar o *encontro* entre o pesquisador e os membros da comunidade de Remanescentes de Quilombos de Pedro Cubas.

³¹ Em texto de apresentação da 7ª edição da Conferência Internacional do Documentário ocorrida no Itaú Cultural em Março de 2007, Maria Doura Mourão e Amir Labaki afirmaram: “a Conferência enfrenta uma questão crescentemente reconhecida como central para o documentário hoje: sua relação com a ética. No último Visible Evidence, Michael Renov (teórico importante) sustentou não haver tema mais urgente e em palestra recente, João Moreira Salles (importante cineasta brasileiro) argumentou que o específico do documentário se encontra no terreno da ética.”

³² – na ordem dos acalorados debates por nós presenciados que pautam o dualismo entre os vídeos de não-ficção (documentários) atestarem seu caráter ficcional ou não ficcional.

8 RESULTADOS

8.1 Equipamentos Técnicos

- Câmera de vídeo digital da marca Sony, modelo: DCR-HC42 - Digital Vídeo Câmera Recorder, NTSC.

Recursos da câmera:

1CCD, lente Carl Zeiss, zoom óptico 12x, digital 480x, não tem luz e nem entrada para luz, mas possui um efeito de compensação das cores chamado *nighthot plus* que produz um leve “esverdear esbranquiçado” para gravar no escuro. (efeito similar ao utilizado no filme *Bruxas de Blair*); bateria 200 minutos - recarregável.

- Fitas mini-dv virgens compatíveis com a câmera, opção 60, 90 minutos cada uma. Em média um pacote de 5 fitas por incursão, não necessariamente todas eram utilizadas.

- Máquina fotográfica digital da marca Sony

Recursos da câmera: 3 Mega pixels.

Capacidade do memorycard: 2 GB

- Computadores e Internet: possibilidade de acesso no InfoCentro da comunidade.

8.2 Personagens

Os personagens são os moradores da comunidade que até este momento mais nos aproximamos e, portanto considerados significativos. Eles têm revelado para a pesquisa as suas formas de vida, abrindo o espaço de aproximação e conversação. Pelo viés dos aspectos sociológicos do método no encontro com a comunidade de Pedro Cubas são estes que estão se confirmando como interlocutores principais: mostram-se interessados pela pesquisa com consciência do discurso para o registro, revelando o entendimento da participação na pesquisa proposta pelo pesquisador da Universidade de São Paulo.

Nas nossas descrições de campo são a eles que recorreremos, porém um ou outro aqui descrito por enquanto talvez não apareça nas primeiras imagens, mas pela seleção feita mostram-se potenciais personagens dispostos a proferir-nos depoimentos, por isso já os encaramos desta maneira. A caracterização já está condicionada a pesquisa, fruto de nossas anotações, observações e até participações nas atividades. Vamos acentuar as características mais marcantes. Não seguiremos um padrão descritivo entre um ou outro, até gostaríamos, mas muitos dados para serem trazidos careceriam ainda de novos encontros.

PERSONAGENS	
Senhor Antônio Jorge, 62 anos	
<p>Liderança masculina da associação, representando Pedro Cubas de baixo; ele comanda a Recomendação das Almas; Tem por volta de 1,65; Sua corporalidade relata a descendência indígena como a mais marcante; Atua como vigia de sua comunidade; Trabalha na associação dos moradores e na roça, Trabalhador; aplicado; positivo, responsável; valoriza a honestidade; persistente; Já morou e trabalhou em São Paulo, retornou para comunidade para lutar pelo que é da sua comunidade. Seu sonho é se formar numa faculdade de direito, mas por enquanto contenta-se em cursar Ciências Sociais na Faculdade Metodista de Eldorado Paulista, que cursa através do ensino à distância por videoaula e teleconferência. Mas quer participar de novos cursos; No momento escreve em um caderno toda a história de sua vida, o seu próprio livro, traduzindo seu discurso oral para a escrita. No encontro Quilombos em São Paulo promovido pelo ITESP no dia da Consciência Negra, dia 20 de novembro de 2007 esteve presente e deu um depoimento para esta pesquisa.</p>	
Carlinhos, 28 anos	
<p>Filho de Sr. Antônio Jorge e pai de Maicon, 13, Larissa, 10 e Guilherme, 6. Por volta de 1,75 ; casado, salienta a importância da natureza e de sua preservação, tem um rico conhecimento geográfico da região.</p>	

<p>Incomodado com sua atual situação, mas persistente. Jardineiro da praça no centro de Eldorado; Guia Turístico; Trabalha para a associação de moradores como agricultor. Responsável; Seu sonho é ter uma empresa de turismo para promover passeios pela região, e seu objetivo imediato é ter uma estamperia, para fabricar camisetas, utilizando para isso estampas fotografias da sua comunidade e região.</p>
<p>Maicon , 13 anos</p>
<p>Estudante da escola de Batatal, diz que quer ser policial quando rescer. Adora jogar futebol e internet. É o que detém maior conhecimento de navegação na web, é o responsável por criar as contas do <i>Orkut</i> de seus colegas, que a todo instante o procuram para que ele possa orientar. Gosta de fotografar e encantou-se com a câmera de filmar.</p>
<p>Dona Diva, 65 anos</p>
<p>Liderança feminina da associação, representando Pedro Cubas de cima. Cursa Ciências Sociais na faculdade Metodista de Eldorado Paulista junto com o Sr. Antônio Jorge. É casada. Ligada à religião e a culinária, tendo os doces de banana como uma de suas especialidades. No encontro Quilombos em São Paulo promovido pelo ITESP no dia da Consciência Negra, dia 20 de novembro de 2007 esteve presente e deu um depoimento para esta pesquisa.</p>
<p>Adão, 73 anos</p>
<p>Por volta de 1,78, Músico, compositor, contador de histórias. Trabalha para a associação de moradores como agricultor na roça descendente da miscigenação de negro com índio segundo ele, e não sabe explicar a origem dos olhos azuis; Seu sonho é gravar um Cd de música com todas suas composições e interpretações de músicas tradicionais. Quer reencontrar os filhos, com os quais perdeu o contato, motivado pela perda de sua esposa há uns 30 anos atrás. Naquela ocasião diz ele não teve condições para cuidar das crianças e as deixou com uma enfermeira. Depois de um tempo conseguiu contato com uma das filhas, mas em seguida perdeu porque ela</p>

mudou-se.	
Dona Cassilda, 65 anos	
Por volta de 1, 64m, cabelos sempre presos. Cozinheira da associação; Muito comunicativa, adora falar, bom humor, romântica-emotiva, mas também rigorosa. Sente-se feliz por ter casado os dois filhos, isso a enche de emoção. É esposa do Seu Adão.	
Neusa, 34 anos	
Mãe de Natan. Já morou em São Paulo. Tem uma irmã com aneurisma, passou 6 meses no hospital com ela, tem 34 anos, aparenta mais. Mora com seus filhos Natan de 6 anos, e Jéssica de 11. No momento da devolutiva, esperançosos por reencontrar Natan que protagonizou uma atividade, descobrimos que ela atualmente mora na cidade de Eldorado. Mas segundo dona Diva logo ela volta. Suspeitamos que essa mudança tenha a ver com emprego que ela possa ter conseguido na cidade.	
Natan, 6 anos	
Comunicativo, brincalhão, gosta de cantar, sorridente. É participativo, ágil e demonstra ser muito inteligente. Teve intensa participação na pesquisa. É filho de Neusa.	
As crianças da escolinha de Batatal	
14 crianças que expressam os elementos da infância, a brincadeira, o lúdico. As crianças brincando defronte a igreja, no gramado, em sua comunidade. Dão estrelas, plantam bananeira, correm, dão muita risada e pontapés.	
Padre Ari, aparenta ter 40 anos.	
Alto, Olhos claros, comunicativo. Membro da igreja Católica Romana. Gosta de Chico Buarque.	

Edna, 17anos	
Cabelos e olhos pretos, Comunicativa. Para ela a amizade é uma das coisas mais importantes. Na festa do casamento se magoou com algumas amigas, mas depois ficou tudo bem e se divertiu. São palavras dela mesma no blog.	
Juliana, 24 anos	
Jovem de forte liderança política. Cabelos e olhos pretos. Comunicativa, interessada, participativa, participa regularmente de encontros de jovens no Brasil e em outros países.	
Juliano, 18 anos	
Adora jogar futebol. É surdo, mudo e muito comunicativo, seu olhar, seus gestos hiperativos, sua garra e semblante fazem dele um indivíduo carismático.	
Juarez, 18 anos	
Cabelos e olhos pretos. Adora capoeira, é professor de Capoeira do Grupo Guerreiros de Zumbi; Dá aula pras crianças e outros jovens. Seu objetivo é participar de encontros de capoeiras, de imediato um encontro no Rio de Janeiro ainda este ano. Adora jogar futebol. Quando participou de oficina do blog comentou que em seu texto estar solteiro era uma informação importante.	
ELIAS, 21 anos	
Filho adotivo de Dona Cassilda e Adão. Era filho de uma sobrinha de Dona Cassilda. É o noivo no casamento.	
Kelli, 16 anos	
Mora no bairro vizinho, 10 quilômetros de Pedro Cubas. É a noiva no casamento.	
Leide maria de miranda jorge, 57 anos	
Esposa do sr. Antonio, trabalha na roça, fiel da igreja católica da comunidade.	

Maria Rita Silvério da Costa, 69 anos
Maria é puxadora de reza e trabalha na roça. Fiel da igreja católica da comunidade.
Bertolino Silvério, 70 anos
Trabalhador da roça e é membro da associação de moradores.

Quadro 2 – Descrição dos personagens.

Fonte: Próprio autor.

8.3 Vivência

Para a visualização das vivências vamos apresentar a seguir uma tabela que revela os períodos das nossas incursões em campo, os acontecimentos e as atividades desenvolvidas durante a pesquisa.

CAMPO	PERÍODO (Mês/Ano)	ACONTECIMENTOS	ATIVIDADES
1	Outubro, 2007	Cotidiano ; Reunião de técnicos do ITESP com a comunidade ; Primeira incursão do pesquisador	ITESP: Acompanhamento da titulação das terras. Pesquisador: Reunião com as lideranças comunitárias sobre a vontade de realização de pesquisa no local ; produção iconográfica.: Fragmento 1
2	Março, 2008	Cotidiano, ritual Recomendação das Almas	ISA: Reunião sobre plantio na

		; Reunião de técnicos do ISA com a comunidade ; trabalho do pesquisador	mata ciliar ; Pesquisador: Produção iconográfica coletiva: Fragmento 2; 3; 4; 5; 6
3	Abril, 2008	Cotidiano, Casamento tradicional ; visita do pesquisador	Pesquisador: Produção iconográfica coletiva: Fragmento 7 ; 8
4	Setembro, 2009	Cotidiano ; Visita do pesquisador	Pesquisador: Devolutiva e exibição do material iconográfico; produção iconográfica coletiva: Fragmento 9
5	Janeiro, 2010?	Cotidiano; Visita do pesquisador	Pesquisador: Agendamos a devolutiva da dissertação e a exibição do material iconográfico.

Quadro 3 – Acontecimentos e Atividades da Pesquisa.

Fonte: Próprio autor.

Nas linhas que se seguem vamos abordar de maneira mais expansiva os encontros e as atividades iconográficas coletivas, campo a campo, segmentá-las em fragmentos de forma mais coerente com os métodos etnográficos, da observação fílmica e da pesquisa-ação. Cada fragmento destes abarcará idêntico propósito referente aos nossos objetivos da produção

do documentário, de modo que a segmentação se dá naturalmente pela disposição temporal e técnica do registro. É possível que uma mesma temática, aspecto ou dimensão apareça em registros diferentes, o que julgamos ser substancial, ou seja, carregada de sentidos. O conjunto amplia e complementa possíveis lacunas.

É preciso ressaltar que para nós tornou-se desafio metodológico o desejo da não estagnação dos equipamentos durante as atividades, isto quer dizer que em todas as produções iconográficas tivemos uma produção por pares, dada no mesmo instante-momento, em suma enquanto o pesquisador fazia seus registros e entrevistas com a câmera de gravar, necessariamente os participantes locais produziam com a máquina fotográfica, e vice-versa - também no sentido de troca dos equipamentos - se eles gravavam o pesquisador fazia fotografias. Não delimitamos áreas, por exemplo, enquanto o pesquisador realizava uma determinada entrevista não era obrigatório fotografá-la, mas também não era proibido, o que nos importava era a ação conjunta, colaborativa, principalmente no que dizia respeito a assimilação da pesquisa.

Mais adiante na descrição do campo esperamos tornar isso mais claro, adiantando, mais precisamente no Campo 2, fragmento 2, sob o título de “início da produção iconográfica colaborativa”. Vamos identificar um denominador comum que perpassa todas as atividades da pesquisa e acaba por reforçar essas nossas estratégias.

Continuando, dada a aproximação em campo ao núcleo familiar do Sr. Antônio Jorge – escolha influenciada por métodos da antropologia que privilegia o núcleo familiar como ponto de partida sede do pesquisador para se relacionar com a comunidade, e as afinidades conquistadas neste núcleo elegemos exatamente o seu neto, o garoto Maicon, 13 anos, para operar como o primeiro jovem em nossa pesquisa na construção iconográfica coletiva. O critério da demonstração do seu interesse em participar foi determinante, assim como a aprovação de seus pais, e também de seu avô, líder da comunidade. Nossa intenção era que esse jovem funcionasse como um catalisador e facilitador aos outros jovens de Pedro Cubas. Ao longo dos fragmentos e das

iconografias produzidas vamos nomeando estes partícipes produtores, mas adiantamos que na maioria das atividades Maicon esteve presente.

Na decorrer descritivo vamos nos permitir algumas análises pontuais par-e-passo quando julgarmos pertinente no que diz respeito aos objetivos e a metodologia da pesquisa em cada um dos fragmentos. Todavia, a análise dos processos envolvidos ao longo da pesquisa, que também implica justificativas das nossas intenções e práticas, se dará na conclusão e nos apontamentos finais. Envidamos esforços para que descrições aparentemente mais vagas se enquadrem assertivamente nestas etapas aqui designadas.

No entanto antes de partimos para as descrições e análises das imagens campo a campo optamos, metodologicamente, por fazer a revelação e transcrição das anotações etnográficas produzidas durante as incursões formatadas no que se conhece como caderno de campo. Como dissemos, fizemos uma experiência de caderno de campo digital formatado enquanto *blog* da pesquisa - que de certa maneira replicava ou complementava as anotações deste caderno, se assim podemos caracterizá-lo, de propriedade mais física, isto é, não abdicamos em ter um caderno com folhas de papel acompanhado de uma boa caneta em mãos; o resultado destas anotações é o que vamos revelar nas próximas linhas; entendemos que elas podem nos ajudar na contextualização das descrições e análises que se darão no próximo passo, todavia, ressaltamos que diferente das descrições e análises sobre as imagens e o processo, essas anotações tem uma propriedade mais solta, são mais livres – metodologicamente cumprem com aquilo que lhes cabem como registros.

Ressaltamos que apenas nestas anotações preferimos usar a primeira pessoa do singular, diferente do que estamos usando durante todo o texto da pesquisa; esta escolha de exposição de certa forma reafirma a posição mais liberta das anotações e pode aproximar impressões mantendo-as como transcrições fidedignas às originais.

As anotações estão dispostas na seguinte ordem: mapeamento social; mapeamento espacial; dinâmica comunitária, apontamentos sobre processos comunicativos; formas de vida, costumes e tradições; a formação da

associação dos moradores; posturas e gestos; as relações humanas; política e organização comunitária; traços de identidade.

Muitas dimensões das anotações estão nas bordas destas categorias - ou poderiam até ser aglutinadas, por exemplo, traço de identidade, entendemos, é um mapeamento social, e assim por diante entre as demais, porém vamos exibir as categorias de escrita que fizemos em campo.

8.4 Transcrições do Caderno de Campo: Anotações Etnográficas

8.4.1 Mapeamento Social

A comunidade é composta de duas porções territoriais com uma denominação complementar que as identifica como “de cima” e “de baixo”.

Pedro Cubas de Baixo tem em torno de 40 famílias, enquanto Pedro Cubas de Cima tem 22, num total de 62 famílias. A divisão de trabalho comunitário é discutida em conjunto e as ações se encaminham visando o bem coletivo da comunidade. As hierarquias estão mais acentuadas na associação dos moradores, e na relação entre adultos e crianças.

8.4.2 Mapeamento Espacial

Para uso comum a comunidade de Pedro Cubas conta com um grande galpão equipado com cozinha, dispensa, biblioteca, Infocentro e um vão livre com máquinas de costura. Em outro espaço, uma área coberta é destinada para festas e reuniões. Há ainda uma outra cozinha da associação ao lado do galpão, uma quadra de futebol - que necessita de reparos, um campo de futebol também com necessidades de reparos, muitas roças de diferentes cultivos, das quais foram visitadas nesse período a plantação de quiabo e de maracujá.

Há na vila, onde está boa parte das casas, um bar e casas novas construídas pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano – CDHU, que estão prestes a serem ocupadas legalmente, embora algumas já estejam habitadas mesmo antes da entrega oficial.

Há alguns riachos próximos, dentre eles o rio Pedro Cubas que dá nome à comunidade. Na região os declives são acentuados e parte dela compõe-se de uma área de preservação ambiental.

No recorte principal da vila há um posto de enfermagem bem construído, mas sem equipamento, uma igreja pequena e uma escolhinha infantil.

As casas possuem energia elétrica, porém as ruas não são iluminadas o que deixa a população às escuras para a circulação noturna.

8.4.3 Dinâmica Comunitária

O fluxo de pessoas externas à comunidade parece ser freqüente, principalmente pela presença de técnicos e colaboradores do ITESP e do ISA.

A rotina de seus moradores adultos é feita das lidas no campo, das atividades domésticas, de viagens a Eldorado Paulista em busca de serviços públicos (principalmente saúde), aos bens do comércio local, e de outros pequenos afazeres.

As crianças menores freqüentam a escola local e as maiores e os jovens deslocam-se para as escolas da cidade. Suas brincadeiras e peladas de futebol animam o ambiente com um vai-vem constante e ruidoso. Parte deles ajudam nos trabalhos domésticos e também se envolvem com as atividades laboriais.

8.4.4 Apontamentos sobre Processos Comunicativos

Os quilombolas gostam da comunicação, falam de si facilmente e escutam atentamente seu interlocutor. Orientam-se em campo pela localização do seu posicionamento geográfico e dos seus pares, seja isso nas trilhas e caminhadas ou na lida da roça. Uma senhora fez em seu depoimento uma

referência a essa forma de orientação espacial, em campo aberto ou em mata densa e fechada, dizendo ser comum que quando alguma distração ocorre, perde-se por alguns instantes a noção do lugar e uma sensação labiríntica toma conta da pessoa. Uma noção de rua sem saída, não saber onde se está exatamente, foi a sensação que tive ao chegar, de certa forma perdido, pela primeira vez na comunidade, pronto para conhecer aquelas pessoas, entender suas rotinas, inseri-los nas atividades de fotografias e registros fílmicos. Senti também nas clareiras do campo aberto e nas roças que estive que a luz explodida do sol também aparece como algo perturbador, esquenta muito, dá vertigem, produz imagens muito claras. O clima é quente. Sensação é compensada depois pelo por de sol que muda lentamente a luz e as cores, e o próprio som da mata, os ruídos. Depois refresca o corpo e parece abrir a nossa mente para os mistérios da noite.

Percebi nos momentos em que meus equipamentos passavam para as mãos deles que essas informações da natureza os afetavam também, ou seja, eles percebiam também as alterações de luz e cores. Fotografar e gravar é mesmo como escrever com a luz e eles assim faziam. O garoto Maicon num movimento particular colocou a câmera de fotografar na função vídeo e registrou o movimento das crianças dentro da igreja, no dia seguinte ao casamento de Elias (filho de Dona Cacilda) e Kelly. Na oficina eu o motivei e a todos a fazer fotografias, mas não falei sobre colocar na função vídeo na máquina fotográfica, ou seja, ele mesmo mexendo no equipamento colocou na função e fez um vídeo que é o próprio testemunho de estar fazendo um vídeo e não fotos. Ele repetia inúmeras vezes para suas amigas e primas que não era foto e sim vídeo. Maicon é filho de Carlinhos e neto do Sr. Antônio Jorge. Ele tem acesso ao galpão onde está o Infocentro, pois seu avô é quem detém uma das cópias da chave do local e desta forma utiliza a internet com muito mais frequência que todos os outros garotos da comunidade, de maneira que já domina muitos códigos na rede, faz buscas no Google, possui Orkut, participou da oficina de blog deste projeto e fez o blog da sua comunidade, fez a comunidade Pedro Cubas no *orkut*.

Os desdobramentos dos fatos e dos primeiros contatos aproximaram da pesquisa e de minhas ações uma das famílias - a do Sr. Antônio Jorge, e as linhas sucessórias para seu filho Carlinhos que por sua vez é pai de Maicon.

Essa aproximação com gerações diferentes de uma família foi muito positiva, todos participaram. Maicon participou da oficina de blog, fotografias e partiu espontaneamente para o vídeo. Depois, Carlinhos, seu pai, animado com a possibilidade de fazer um vídeo com suas informações de guia local e colocar no *Youtube*, e o patriarca Antônio Jorge, mostrou-se comprometido com o documentário e interessou-se por fazer suas declarações e depoimentos, demonstrando um grau muito favorável de aceitação da minha presença na comunidade, fato que deverá contar positivamente para o alcance dos objetivos do projeto. Todos falam comigo mas a câmera gera em alguns uma timidez, de certa forma esperada, quando estão sendo gravados. Já em outros, ao contrário não desgrudam, querem saber de tudo, querem ser gravados e querem gravar. A vontade de dar entrevista, gravar ou ser gravado é algo que suscita reflexão, afinal de contas a questão do conhecimento e do acesso às tecnologias digitais está presente na pesquisa. Até esse momento foi impossível dar conta da quantidade de interessados em tocar os equipamentos ou por eles se fazerem atores ou personagens de si mesmos, porque só utilizo uma máquina fotográfica e uma câmera de filmar. No entanto a qualidade do contato humano e da inter-relação de interesse genuíno de conhecer e trocar experiências têm sido muito favoráveis. Isto tem animado uma saudável disputa de todos para gravarem no mesmo instante – e soam ao fundo dos enquadramento os gritos: _ “não agora é minha vez!”, “não agora é vez do fulano e não a sua!”. Posso compreender essas manifestações como aproximação e garantia de que eles estão participando, de que também se interessam pelo que estou propondo e abrem-se para isso. Gravar em lugares desconhecidos requer muita atenção, de imediato não se pode sair gravando tudo, é preciso fazer conquistas, ganhar confiança. Minha apresentação, assim como a introdução nesse grupo, foi muito feliz por ter sido conduzida pelo Sr. Antônio Jorge e Dona Diva em especial, que são pessoas importantes na comunidade. Nas duas vezes que estive – vivência (considerando que a

primeira vez CAMPO 1 permaneci apenas um dia inteiro) em março e em abril, me alojaram no Infocentro da comunidade localizada no galpão. Ficar neste espaço do galpão com os computadores ao lado de prateleiras recheadas de livros, e livros muito bons, foi algo que me motivou bastante, comecei a pensar em processos de catalogação com uso de *softwares*, de oficinas de biblioteconomia, com cursos no local cujos livros e as bibliografias já estão ali aproveitando a diversidade dos títulos.

Os moradores de Pedro Cubas demonstram um potencial de crescimento muito forte em educação. Todos são muito motivados a aprender e demonstram atenção e curiosidade pelos mais variados assuntos que vou introduzindo nas conversas e entrevistas.

Na medida em que foram utilizando os equipamentos era notável a alegria de realização, de também ter conseguido fazer, de contar para o amigo como fez e saber como o outro fez, tudo se tornou uma grande animação. Há nestas imagens elementos peculiares sobre suas próprias vidas e sonhos. Para esse projeto é importante o olhar do sujeito sobre sua condição – essa “pegada” deve fazer grande diferença para realização do roteiro documental e fílmico sobre esse grupo “quilombola”. Já cheguei a pensar no final em editar o vídeo só com as imagens que eles produzem durante a pesquisa, mas também me restringe de produzir um conteúdo para além da comunidade, com interatores do ITESP, do ISA, de outros pesquisadores. Outra hipótese é fazer o meu documentário autoral e produzir outros em que meus personagens sejam os autores. São escolhas a depender das revelações do campo, ou dos veios mais emergentes e ricos capazes de subverter o planejamento e as estratégias previamente definidas, obviamente sem distorcer os objetivos pretendidos e perseguidos. Algo como um princípio do que se diz chamar o real, aquilo que é o acontecimento das coisas, que atua forte sobre essa relação. Também a minha presença e a intermediação dos equipamentos mudam a ordem destes acontecimentos, isso quer dizer que, o audiovisual não dá conta de trazer registrar a vida na sua plenitude, faz sim uma representação, de imagens e sons, e cria então um sentido outro, faz reaparecer um novo significante.

Observei e procurei me orientar na aproximação com as pessoas pela forma como se comportam - mais inibidas, mais inquietas e extrovertidas. Dona Cacilda em especial, tem algo de romantismo nas suas ações, ela traz no olhar uma aura talvez de sua sabedoria de vida, de sua verdade, certa poesia que ela revela no seu discurso, não que todos os outros não possuam, mas nela em específico isso é muito marcante. Têm muitos que me olham nos olhos, ou melhor, todos olham, mas com alguns a sensação é de uma tentativa de contato profundo. É como se eles quisessem dizer alguma coisa ou que eu os escolha, os entreviste também. Me olham com expressão de emoção, e do mesmo jeito que percebo sinto que eles também me traduzem ou tentam me decifrar mais fundo. E como sou o “diferente” ou o dono dos “equipamentos” cabe a mim fazer ou estimular as escolhas ou a ordem de participação - “você agora”, “não, é a vez do outro, você já foi”. E essa dimensão entre o não e o sim flui dessa maneira. Alguns revelam um certo abandono quando você responde que não é a sua vez, mas melhor e gratificante é o sorriso de quando se entrega a câmera em suas mãos, como eles ficam mesmo procurando uma cena, e vão para um lugar e aí não tiram a foto, depois mudam, ou passam muito tempo tirando foto num mesmo lugar e melhor ainda o momento em que trazem por fim a sua fotografia e querem me mostrar, mostram para os outros, reverberam toda aquela história.

Com o passar dos dias muitas pessoas voltaram, ou não voltaram, na verdade elas estão sempre ali, sou eu o novato que ainda não pude entender esse movimento de vir e desaparecer.

Cada pessoa tem lá suas inserções e afazeres, individuais ou em grupo. Tem o grupo da capoeira, tem o grupo das cozinheiras, tem o grupo dos trabalhadores do campo, tem o grupo do futebol, o grupo do churrasco, o grupo das confeitadeiras, e o grande grupo, em que todos juntos criam e recriam o permanente fluxo de movimento da comunidade Pedro Cubas.

O transporte conta com bicicletas, carros, motos, ônibus, assim como o caminhar é uma prática freqüente de locomoção, mesmo para distâncias maiores. Até aí tudo normal, se não fosse o fato do ônibus ter um horário restrito, entre manhã, almoço e fim do dia, horário em que o ônibus leva e traz

as crianças na escola que fica em Batatal, no bairro próximo a comunidade. Este mesmo trajeto é feito diariamente por muitas pessoas. Na relação de distancias entre perto e longe eles possuem um referencial particular, eles andam muito. Existe nessa idéia do andar muito algo de instigante, eles podem me levar para algum lugar que só eles sabem, algum topo de montanha, caverna, cachoeira, rio.

Carlinhos, filho do Sr. Antônio Jorge – liderança comunitária, é guia turístico na região, além de ser jardineiro, ele tem um conhecimento de toda a comunidade e região. O que pensando na fotografia do documentário é excelente. Tudo bem que possa existir um núcleo, mas imagens do entorno, da região, serão fundamentais. Da mesma maneira a Dona Cacilda tem receitas que só ela sabe fazer, alguns preparos típicos, numa idéia dos ingredientes, dos elementos em cena, de quais personagens farão parte do conjunto final, além do Seu Adão contador de histórias, músico, compositor. Contou-me que quatro dos seus filhos estão desaparecidos na vida. Ele é o comandante da comunidade na festa do Divino. Assim os registros vão se sucedendo, isto é, cada um deles traz para a convivência suas múltiplas facetas e domínios, mostram através da intervenção do registro da câmera a presentificação de que são na vida e naquela comunidade, nesse lugar do estudo.

Existem expressões faciais deles e emoções que eu consigo ver, observar, mas que com a câmera eu não consigo registrar, exatamente porque elas não ocorrem no momento da gravação, a gravação ativa outras expressões faciais, ou seja, outras emoções que vem à tona no rosto, nos gestos. Uma solução para isso seria me esconder e gravar de longe num formato “paparazzo”. Justamente por entender que a imagem é uma representação, um conjunto de signos, uma idéia é tentar flagrar esse momento mais do que real, mas que na verdade é impossível e não se sustenta. O fidedigno da representação parece mesmo ser fruto desta troca transparente, se algum *take* tiver necessidade de ser distante que seja com o consentimento deles, ou que haja um ponto de encontro no trajeto, numa cena de plano seqüência, por exemplo. Até agora a maioria das imagens estão em plano seqüência, poucos planos parados, motivada por esse desconhecido,

desta necessidade de fixar no registro audiovisual a continuidade dos fatos, ou de um fato determinado. Encontro-me em pleno processo de campo e registro. Vivencia e indagações, portanto ainda gravar, registrar, é muito necessário.

8.4.5 Formas de Vida, Costumes e Tradições

Os moradores da comunidade praticam o seu discurso oral sem inibições. Os momentos de silêncio em grupo são raros. É interessante como os adultos falam com as crianças e estas com os adultos, e a forma como flui toda a relação entre eles. Cada qual com sua personalidade e trajetória de vida impõem-se e aceitam-se mutuamente.

A procissão da Recomendação das Almas neste sentido trouxe muitos elementos dessa força, garra e determinação dos membros dessa comunidade. Essa minha experiência da caminhada de 20 quilômetros durante uma chuva e vento constantes, trouxe para o campo da reflexão uma idéia de que o próprio ritual implica fazer doer o corpo e que a superação, é uma forma de aproximação ao Senhor Deus, à Sua misericórdia e presença.

Uma vez vivido e registrado esse ritual, com fotos e vídeo, apresentado para os seus participantes e outros membros da comunidade certamente ensinará novas revelações e outras histórias. Esse recurso de ver no grupo os registros certamente ajudarão a aprimorar a primeira observação, trarão provavelmente percepções mais minuciosas, com análises mais fidedignas.

Ainda assim o fazer junto implicará em escolher caminhos, mas escolher participativamente é a pedra de toque do método e parece ser o melhor caminho para alcançar os objetivos pretendidos.

8.4.6 A Formação da Associação dos Moradores

“Estar em comunidade é organizar, trabalhar e colher, é compactuar do mesmo espírito de sobrevivência e cumprimento de tarefas. É partilhar de convenções que surgem por necessidade da vida na roça, parece que assim se formou o grupo da associação.”

Essa é minha observação feita no dia que cheguei à comunidade no mês de março. De chegada fui convidado a almoçar na associação de moradores. A minha atenção voltou-se então para aquele momento da alimentação, e de como esse conceito alimento está imbuído na noção da comunidade, na capacidade de produzir e partilhar.

8.4.7 Posturas e Gestos

Falar sobre as relações humanas e convívio no campo de pesquisa traz para esse texto inicial ainda algumas frases mais soltas, das percepções do caderno de campo. Uma linguagem melhor elaborada depende também de um tempo maior de entendimento e interpretação dos dados, neste contato a reflexão se amplia para muitas dimensões da própria vida. Uma situação é refletir sobre as teorias, outra bem diferente é campo de pesquisa, onde estão os sujeitos.

8.4.8 As Relações Humanas

Os encontros com os quilombolas são como corredeiras dos rios, são as fontes para o tratamento criativo das representações mediáticas, a semântica de sentidos é densa.

Os moradores de Pedro Cubas têm o senso comunitário e de respeito apurados. Ao encontro daquele que chega com intenção de estudá-los são gentis, o que torna a pesquisa muito motivadora.

Transitar pela comunidade significa percorrer distâncias e significa também estar sobre o crivo do olhar dos outros, do conjunto, isso faz com que determinadas convenções se estabeleçam e imperem no modo de agir, numa afirmação coletiva.

Todos gostam muito de falar e é uma disputa por atenção. Querem se apresentar e logo identificam em mim um ponto de confidências. A comunicação ocorre intensamente, sabem que você é o documentarista da Universidade, e o discurso oral ganha fluidez. Isto parece ser uma evidência

forte de confiança e credibilidade, outras vezes sou guiado pela minha própria curiosidade, de passo em passo. A comunidade é muito grande, imensa, e as perguntas surgem: “o que é aquilo?”, “quem é aquele ou aquela?”, “o que aquilo significa?”, “mas isso sempre foi assim?”, “você sempre morou aqui”, “e mais ali adiante o que tem lá?”, etc.

O campo traz novos elementos e chaves de análises, essa relação humana é intensa e vívida. Não é uma observação apenas, e sim uma imersão. Um partilhar junto de momentos. Eu estou com eles e no mais das vezes intermediado pela câmera de filmar e a máquina fotográfica. Os reconhecimentos e projeções se estendem nas imagens destas representações.

Todas as emoções vêm à tona, os sentimentos são difusos, estes são elementos perceptivos da criação do roteiro, ora em cenas daquela maravilhosa paisagem de preservação ambiental, o rio Ribeira de Iguape, o rio Pedro Cubas, as montanhas, a terra fértil com as plantações de quiabo, palmito, maracujá, banana e muito mais. O sorriso do sr. Antônio Jorge carregando sua caixa de quiabo, feliz pelo seu dia de trabalho. E o vai e vem da comunidade na sucessão dos dias, ora com cenas de carência financeira e suas conseqüências presentificadas em seus corpos. O traço árduo do trabalho visível nas posturas da coluna, no jeito de andar que informa deficiências e carências. Mas também vigor e capacidade, virtudes e orgulho transparecem.

Isso ativa o sentimento altruísta do projeto, não apenas de compaixão mas também de respeito e crença na força da história. Vontade de construir junto assalta meu espírito crítico, uma ânsia de fazer com que o projeto perdure e possa de fato trazer algum retorno para eles, para além da minha passagem e da experiência trocada.

Fazendo uma analogia entre a roça e este documentário, e de maneira inversa, ou seja utilizando o vocabulário deles que já apreendi e do vocabulário das novas mídias digitais que eles podem aprender comigo, pode-se dizer que o projeto está na seleção das sementes, no momento da escolha. Numa produção convencional poderíamos dizer que este seria o momento do *casting*. A escolha dos atores - quem serão os personagens? Regá-las e cultivá-las em

terra fértil seria a idéia das primeiras tomadas, das primeiras impressões, o que significa reconhecê-los. Perceber a potencia que carregam em si, assistir novamente ao material, decifrar elementos dos registros, fazer apostas e motivar o interesse participativo da comunidade. Acompanhar o nascimento dos primeiros galhos e folhas que podem ser vistos o que significa produzir, envolver a tecnologia de produção de sentidos digitais no arquivamento de acontecimentos a eles relacionados com resultantes de livre acesso: um banco de imagens de fotos e vídeos. Depois colher os frutos, ver a produção local de imagens da comunidade interagindo globalmente.

Há um sentimento belíssimo de vivência, de desfrutar do seu cotidiano, de ser convidado para seus rituais, em especial senti muito forte a minha participação na Recomendação das Almas, e também no casamento do filho de Dona Cacilda. Participar de suas celebrações, seus êxtases, frenesis e transes.

Por outro lado, há um sentimento frustrante de não poder levar na mala de viagem na data da próxima visita a solução para todos os problemas deles. Essa oscilação de sentimentos qualifica o tratamento criativo do audiovisual por apresentar esses parâmetros bem definidos de referência.

Quando precisei acordar muito cedo para fazer gravações e abrir a oficina de fotografia a garotada toda ia me acordar no InfoCentro. E aqui pode se imaginar o interesse deles em participar da oficina, fascinados pela máquina fotográfica e a câmera desse moço da universidade.

No casamento pude ver o quanto eles gostam de dançar. Adoram o forró e dançaram na festa de casamento a noite toda. A dança traz movimento para o processo de composição do filme, na dança dos *layers* no quadro pictórico. O sr. Bertolino Silvério, agricultor da associação de moradores, de 70 anos foi o que mais dançou, como disse o outro “cumpadi” ficou agarrado na cintura da moça a noite toda.

As crianças adoram os movimentos de capoeira, cambalhotas, plantar bananeira e estrelas.

8.4.7 Política e Organização Comunitária

Localizado ao lado do ambulatório e defronte ao barracão a associação de moradores de Pedro Cubas revela a relação que Pedro de Cubas de baixo tem com Pedro Cubas de cima, uma divisão inicialmente geográfica dos territórios, mas com representação de lideranças na figura de Antônio Jorge (de baixo) e Dona Diva (de cima).

Na política comunitária ambos compartilham de mesma aceitação pelos quilombolas e encaminham pactos e ações diferentes com seus inter-atores, que mesmo quando convergentes perseguem o bem comum.

Existem projetos de pesquisa de Universidades (é comum na região estudantes da Unesp, Unicamp e USP) geralmente na área de gestão ambiental, agronomia e saúde, o que motiva esse projeto a explorar nessas comunidades a prática de mídias digitais, educação, arte, etc.. Muitos fixam seu objeto em um, ou outro território, o que não quer dizer que muitos projetos da relação com o ISA e com o ITESP e das universidades não abranjam toda a comunidade.

Entre os jovens chamou muito minha atenção Juliana de 24 anos, que participa de diversos encontros de jovens, discussões comunitárias, raciais, territoriais, etc. É uma jovem muito animada e entusiasmada. Reforça a participação dos demais e se felicita com a possibilidade desta representação de sua região. Em ocasião recente de oficina de blog promovida pelo ISA na comunidade, foi ela quem me enviou um *scrap* no Orkut com a programação da oficina. É pessoa atenta com o seu papel de liderança e isso parece se estender pela maneira como rege sua vida e influência a vida de outros jovens. Fatos como este podem abrir discussões sobre identidade, participação, liderança, formação política, etc.

8.4.8 Traços de Identidade

Percepções de um núcleo familiar:

Família de Antônio Jorge na extensão para família de seu filho Carlinhos.

Partindo da referência do meu olhar enviesado de morador de centro urbano, mais especificamente da cidade de São Paulo, local onde nasci e vivo, e partilhando da vivência dos moradores da Comunidade de Pedro Cubas em dias de suas vidas, a sensação de acolhimento e gentilezas de imediato foram perceptíveis. Traços primeiramente reconhecidos nos mais velhos, talvez por conta da experiência de vida e que aos poucos aparecem também nas crianças e por último nos jovens. São elementos da dignidade da comunidade. E isso parece estar ancorado nas famílias.

Na família de Carlinhos, 28, filho do Sr. Antônio Jorge, isso é notado. Ele tem boa convivência com seus 3 filhos, Maicon, 13 anos, Larissa, 10 anos e Guilherme 6 anos e com sua esposa.

Todos conversam com todos e partilham em comunhão a maioria de seus interesses quando estão juntos. Impera o discurso oral na solução de problemas e mediações para a sobrevivência material com harmonia e alegria. A hierarquia está presente mas a audição está afinada para uma escuta interessada e afetuosa.

Essa troca de informação é fundamental, por exemplo, para mapear o deslocamento geográfico pela comunidade, ex: “alguma ponte quebrou, se caiu algum tronco de árvore na estrada, etc”.

Carlinhos conta de sua família sempre com orgulho e como chefe de família que quer uma colocação profissional que lhe garanta mais recursos para o sustento. Por algumas vezes ele já fez referências a parentes em Angola. Por enquanto fica claro como isto faz parte também de algo desconhecido para ele, mas o que importa é que a informação está ali. Mesmo sem muitos detalhes de qual região, de como se deu todo esse processo de deslocamento da África para o Brasil. Importa é que reconhece uma

descendência de Angola e isso se torna forte em sua pronuncia, se torna afirmativo no seu discurso. É seu verbo, revelador de um dos traços da identidade – a origem afro, negra.

Seus avós, pais de Antônio Jorge e Dona Neusa também eram da região do Ribeira, mas por muitas vezes foram expulsos por grileiros e fazendeiros da região. Se hoje eles desfrutam de reconhecimento de sua própria identidade, em outros tempos isso era ainda mais complicado, até que finalmente em 1988 o reconhecimento das terras foi estabelecido constitucionalmente: “Aos Remanescentes das comunidades dos Quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo ao Estado, emitir-lhes os respectivos títulos.” No estado de São Paulo o ITESP passou cuidar do reconhecimento das comunidades e da expedição de títulos de propriedade, o que fez com que muitos quilombolas espalhados pelo estado e mesmo de outras regiões do Brasil, em busca de condições mais favoráveis de vida, retornassem para cá.

Daí surge uma outra questão: muitos quilombolas retornam, recebem o título de suas terras, vendem e vão embora. Estes fatos tornam-se um desafio a mais para aqueles que ficam com intenção de evoluir com e na sua comunidade. É fonte de muita discórdia e conflito, um dado que poderá seguir como temática a aprofundar no documentário.

Aqui a questão de afirmação de identidade é imprescindível para o acesso à terra. Vale lembrar que a titulação das terras está em processo, não são todas as glebas e famílias que já receberam o título de propriedade. Legalmente não há problema ter o título e vender a propriedade. A questão está mais afeta a uma ética de reconhecimento e perseverança de origem e etnia forjada no espírito de resistência e vida comunitária.

Mas esta questão surge sempre quando eu pergunto: “Você é daqui?” a resposta geralmente é assim: “sou daqui, nasci e me criei aqui e morei 20 anos em São Paulo, mas eu sou daqui”. É uma informação dúbia e confusa. De fato, tudo bem, a pessoa nasceu e teve um início de juventude na comunidade, mas depois partiu para outro lugar, construiu uma vida por 20 anos e retornou. Cabe

a este projeto entender a diferença na identidade daquele que ficou e daquele que saiu.

De maneira mais complexa e amarrada cabe ao INCRA fazer a desapropriação das terras dos fazendeiros ilegais e só então o ITESP poderá fazer um laudo e conceder a titulação. Isso politicamente é uma disputa muito acirrada na região, que já causou muitas mortes e causa ameaças constantes aos moradores da comunidade. Aqui é um outro viés que o documentário pode tomar, explorar esse conflito.

Disto fica definida aqui uma posição política da importância da associação dos moradores, a idéia base é que em grupo ganham mais forças para lutarem pelos seus direitos.

Mas há algo forte nesse coletivo que em primeira observação parece ser traço identitário. Aquilo que está na família, nesta união, que vai de quilombo em quilombo, na alegria e na dor que carregam, na generosidade e na hospitalidade com aqueles que estão com eles.

Caberá no tempo de convívio também desmistificar isso, mas por hora não parece existir nenhuma rixa interna relevante na comunidade.

8.5 Campo 1

Outubro de 2007

Fragmento 1: Primeira incursão ao campo

Percurso: Centro da comunidade em Pedro Cubas de Baixo partindo para a residência de Dona Diva em Pedro Cubas de cima.

Iconografias produzidas:

Pesquisador → fotografias

Comunidade → se deixaram ser fotografadas.

Chegados de carona com os funcionários do ITESP, tivemos como figura principal nessa aproximação a senhora Lydia Higuchi Higaró, coordenadora de projetos do Itesp, e conhecemos os líderes da comunidade. Sr Antonio Benedito Jorge e Dona Edivina Tié. Primeiramente, no centro da comunidade, conhecemos o sr. Antonio e com ele traçamos nossas primeiras intenções que surtiu com prestígio aos olhos do líder. Em seguida fomos

almoçar na casa da liderança de Pedro Cubas de Cima, Dona Edvina, mais conhecida como Dona Diva. Entre doces de banana, e um arroz com feijão inesquecíveis com frango caipira, nos apresentamos referenciados pela Universidade de São Paulo, da Escola de Comunicações e Artes, do departamento de Cinema, Rádio e TV, no laboratório da Cidade do Conhecimento munidos de nossa carta de intenções e objetivos. Ficamos sabendo e já tínhamos sido anunciados por Lydya, que muitos pesquisadores atuam naquela comunidade, geralmente as pesquisas são voltadas para a área de gestão ambiental, mas não só, ficamos sabendo que naquele mesmo dia e nos anteriores a pesquisadora de história da universidade de São Paulo Gabriela Paes havia participado do Ritual a Recomendação das Almas. Em nossas prescrições tínhamos tido a informação de tal prática, mas pudemos ao encontro dos sujeitos especular um pouco mais. Entre histórias e opiniões passamos a considerar de partida, junto com eles, a possibilidade de que uma das dimensões do documentário pudesse ser justamente o acompanhamento do pesquisador deste ritual munido apenas de uma câmera, sem equipamentos de luz, afim de não comprometer a prática. Dali em diante todas as outras dimensões seriam dadas pela continuidade das aproximações e interlocuções. Agendamos para o início do outro ano, ou seja, 2008, começar efetivamente o trabalho das gravações, este tempo nos serviria para os planejamentos adequados, metodologicamente, bem como em avanços teóricos. Até esta presente data tínhamos que faríamos um documentário com uma comunidade tradicional, seja indígena, periférica, caiçara, e acabamos por contato que fizemos junto ao ITESP - atores social desta comunidade, conhecendo os quilombolas, no caso, de Pedro Cubas. Passamos com o ITESP por outras comunidades da região mas Pedro Cubas nos capturou, como nós a eles: uma dupla captura.

8.6 Campo 2

Março de 2008.

Fragmento 2: Neusa e Natan

Percurso: Da casa de Dona Neusa até a plantação de quiabo.

Iconografias produzidas:

Pesquisador → Vídeos e fotografias de Neusa, Natan, plantadores de quiabo e família de Neusa

Comunidade → Natan faz fotografias e vídeos.

Começamos a entrevista na casa de Dona Neusa. Em momento que antecedeu a gravação estamos no centro da comunidade, no barracão, quando Neusa sugeriu que fossemos até a casa dela, que ela gostaria de contar a história da vida dela. Como foi um pedido, não recusamos e para lá partimos. Nossa intenção primeira era entrevistar o sr. Antonio Jorge, líder da comunidade, mas não podíamos recusar um convite destes. Chegando em sua casa Neusa logo pegou a foto emoldurada para mostrar o batizado do filho Natan, 6 anos, que ao lado dela estava encantado com a câmera e sorria muito. Enquanto Neusa nos contava seu histórico de vida, que já saiu da comunidade, agora retornou. Natan queria participar a todo instante, queria fazer fotografias, vídeos. Neste momento estávamos do lado de fora de sua casa, apoiados na janela gravando Neusa e Natan no quarto, na parte interna. Neusa se dispôs a nos ensinar como ela ligava a fogão a lenha. Disse que usava plástico para acender o fogo. Depois nos mostrou o cultivo de plantas medicinais até que a conversa nos levou para o campo de plantação de quiabo, neste trajeto Natan muito participativo nos pediu para gravar, pediu a câmera, não hesitante demos a câmera em sua mão. Logo ele começou a narrar o que estava gravando dizendo “olha ali o rio”, “olha aquele é meu tio” e apontava. Foi uma experiência muito interessante, um garoto de apenas 6 anos protagonizou a ação e seu registro é o próprio testemunho disso. Muitos detalhes nesta cena. Preferimos fazer essa descrição mais corrida, para as imagens, como descrição fílmica, possam dar conta dos outros detalhes. Mas o principal que gostaríamos de chamar atenção é que enquanto Natan estava

com a câmera, nós estamos com a maquina fotográfica fazendo fotos dele nesta ação. E o contrario também foi verdadeiro, enquanto nós retomávamos a câmera, Natan ficava com a máquina fotográfica nas mãos. Saindo da plantação de quiabo partimos para a casa da mãe e irmã de Neusa. Sua irmã teve aneurisma cerebral e estava de repouso na cama. Neste instante da gravação queríamos chamar atenção que ao mesmo tempo que estamos ensinando Natan a fazer fotografias não estamos deixando de retratar um elemento importante e de dificuldade na comunidade, que é justamente a dificuldade de acesso a saúde. Por traz do lúdico que empenhamos na cena trazemos essa dimensão da doença, de certa maneira, da precariedade de apoio hospitalar naquela comunidade. Deixamos que a cena revele isso mais fortemente. Outro ponto que gostaríamos de destacar é que enquanto estamos fazendo essa atividade de trocar os equipamentos Natan consegue ter uma compreensão melhor do que é gravar e ser gravado, em uma certa altura ele tem essa percepção e começa a fazer repetidas fotos de nós, dizendo que estava fazendo aquilo porque nós estávamos gravando ele, então ele também iria fazer fotografias nossas. Este é um ponto importante para a pesquisa, Natan alem de participar conseguiu elaborar melhorar a noção da própria atividade que estávamos pesquisando com ele. Esse é um elemento muito relevante que nos serve de modelo para próximas experiências, nossa postura ética, e sobretudo de querer ensinar despertou o interesse na criança que apos sua elaboração, naturalmente, foi contar para a sua mãe a percepção que teve. No fim da atividade a bateria da maquina fotográfica termina e Natan também pode ter a noção da atividade como um todo, passando por todas etapas, até por essa, de que a bateria não dura o tempo todo, que uma hora ela termina e é necessário recarregá-la. Contudo antes do termino da bateria da câmera aviso que vou finalizar a gravação e peço para que ele de um tchau para a gravação. Neste momento quisemos enfatizar com ele a gravação. Foi o único momento que dirigimos a sua ação, para reforçar a noção que ele já havia elaborado.

Fragmento 3: inicio da entrevista com o Sr. Antônio Jorge, liderança de Pedro Cubas e início da produção iconográfica com o garoto Maicon.

Percurso: No terreno da residência do Sr. Antonio Jorge.

Iconografias produzidas:

Pesquisador → produção de vídeo da entrevista.

Comunidade → Maicon e colegas produzem fotos dos ambientes e das pessoas - incluindo o pesquisador, o líder da comunidade, e uns aos outros

Instantes antes ao momento do início da gravação sugiro ao Sr. Antônio Jorge no quintal de sua residência se aquele poderia ser o momento para iniciarmos nossas atividades da produção do documentário, como compactuamo-nos no Campo 1. Ele me diz que está trabalhando, me autoriza começar a gravação e se compromete a realizar o seu depoimento após o termino de suas atividades laborais.

Identificamos neste acordo a nossa primeira postura metodológica. Recorremos ao segundo princípio da antropologia visual que elege que o pesquisador esteja pronto para enfrentar o tempo de inserção que as pessoas filmadas lhe impõem, ao invés de impor-lhes o seu, pois, em matéria de inserção, as pessoas filmadas ditam as leis. (FRANCE, 2000)

Dou início a gravação. O sr. Antônio Jorge está em cima do seu carroto empilhando os caixotes vazios para que no dia posterior possa preenche-los com as colheitas da comunidade e enviá-las pelo frete que contratam para o Seasa em São Paulo.

Atentamos para o fato de que nossa descrição fílmica revela em primeiro plano o sr. Antônio e os caixotes mas ainda não nos traz essas informações sobre o que eram aqueles caixotes, seus conteúdos e destinos. Mesmo que a descrição fílmica em linhas gerais possa parecer de fácil dedução esses dados só foram revelados pelo sr. Antonio durante a entrevista e completados por nós na sistematização do parágrafo.

Identificamos neste fazer descritivo verbal uma composição metodológica de cunho etnográfico: da possibilidade “de entender a comunidade através do ponto de vista de seus membros, e descobrir as interpretações que eles dão aos acontecimentos que os cercam”, que segundo Spradley (1980) para Malinowski esse é o principal objetivo da etnografia. Nos referimos como composição metodológica de cunho etnográfico para pontuar

operações que percorremos como o ato de gravar, ato de escutar durante a gravação, o ato de assistir o vídeo, ato de assistir novamente e anotar aquilo que se vê e ouve e o ato de sistematizar no parágrafo.

Na continuidade deste mesmo plano o sr. Antonio conversa com seu neto Maicon pedindo ajuda com os caixotes. Maicon prontamente o ajuda. Neste plano que revela o diálogo e concomitante manuseio dos caixotes por avô e neto identificamos o terceiro princípio da antropologia visual que diz respeito a descrição fílmica por nós já destacados no capítulo da teoria e que recorremos nesse momento para a exposição da nossa postura metodológica: partimos do entendimento e reconhecimento da nossa *mise en scene* enquanto “cineasta”, *videomaker*, isso quer dizer que por mais ou menos detalhado este plano possa parecer, seja pelo enquadramento aplicado, pela duração e ângulos e subjetividades, invariavelmente

[...] não é nada mais é que uma transposição realista das coisas submetidas em primeiro lugar às leis cenográficas de exclusão e saturação (...) o essencial é que o pesquisador saiba que toda precisão na descrição é inevitavelmente acompanhada de uma margem de imprecisão, da qual ele pode tirar proveito no campo cognitivo. (FRANCE, 2000)

Seguindo para o plano, como Maicon já estava preparado para a atividade da pesquisa ele já dispunha da máquina fotográfica localizada em sua mão esquerda, enquanto com a direita levantava os caixotes. Dada a dificuldade da ação ele se dirige a nós e pede que seguraremos a máquina afim de que ele possa ajudar seu avô com as duas mãos. Maicon o ajuda e logo recupera a máquina fotográfica. O sr. Antônio desce do carro e nos diz: “ – vamos prá lá então”, se referindo que poderíamos dar início a atividade da entrevista. Maicon olha para nós e faz a sua primeira pergunta sobre a máquina fotográfica e diz: “- o flash é esse aqui?”. Estávamos acompanhando o Sr. Antônio Jorge que neste momento que com a pergunta do Neto também olha para ele, foco o garoto e ele repete a pergunta no mesmo instante em que aponta para a função fazer vídeo - provavelmente por tentativa e erro na procura pelo flash já tinha posicionado na função fazer vídeo. Explicamos para ele o posicionamento de algumas funções básicas da máquina como função fazer vídeo, função fotografia, função para ver o material registrado. E ele torna

a perguntar sobre o flash “- mas e o flash?”. Respondemos para ele que está de dia e que não irá precisar, mas antecipando-se ele diz “Não, eu sei, mas a noite...” então dizemos a ele que ensinaríamos e assim o fizemos mostrando a função flash na máquina. Maicon parece dar sinais de compreensão e comprometimento com a pesquisa, olha para nós, olha para a máquina, olha pra frente, levanta a máquina fotográfica em um gesto de simulação de enquadramento mas não dispara a fotografia - essa sequência de movimentos deste plano nos sugere pensar em uma espécie de treinamento individual do Maicon, pode também revelar o ato do querer fazer, querer fotografar. Metodologicamente identificamos neste plano o primeiro princípio da antropologia visual que diz respeito ao destinatário deste tipo de filme: enquanto destinatário imediato poderíamos confundir como sendo nós mesmos e nossos pares - pesquisadores deste objeto no que se refere a prática documentaria e pesquisadores deste sujeito no que se refere ao estudo das comunidades de Remanescentes de Quilombos. Enquanto destinatários longínquos poderíamos identificar o público preferencialmente acadêmico da rede social STOA e IPTV-USP onde vamos disponibilizar os vídeos em nossa conta acadêmica. Para todo efeito isso nos leva a compreensão, partindo do enfoque deste plano de Maicon aos demais, de que por definição do princípio nossos registros filmicos estariam, aqui estão e serão futuramente fadados a observação com vistas ao aprofundamento do “real”, ou seja, o filmável, “afinal o que importa é o conhecimento ou a descoberta do objeto observado.” (FRANCE, 2000) Neste sentido a nossa descoberta, ou se assim podemos chamar, a nossa linha de investigação à luz iconomica, poder-nos-ia identificar na interação com Maicon acessada pelo registro filmico (por este plano em questão) a nossa postura metodológica de pesquisa-ação, em específico, no que diz respeito a dimensão tecnológica. Acreditamos que isso se dá na medida em que o jovem Remanescente de Quilombo torna-se o sujeito no movimento de realizar a potência de construção coletiva de valor narrativo, ou seja, aquilo que compreende a visualidade de sua produção material – por ora as fotografias, mas adiante como vamos descrever na gravação de um vídeo. Poder-nos-ia também a partir do registro filmico, na continuidade do plano em

que Maicon faz as fotografias e não somente simula gestos, sugerir-nos à luz desta e de outras teorias, da semiótica por exemplo, ir ao encontro desta produção do jovem para uma análise mais sistematizada de toda sua produção, foto a foto, conjuntos de fotos, etc. Entendemos que neste mesmo plano, reduzido ou estendido, os outros fatores das conjugações iconômicas nos moldes que a disciplina sugere - a citar a comunicação e a economia, também estariam presentes, mas demos destaque para a tecnologia pela pertinência da ação gestual. Em seguida Maicon abaixa a máquina e continua andando. Perguntamos a ele, afim de motivá-lo para a experiência, se ele vai fazer muitas fotos a partir de agora (daquele momento) e também quantas fotos ele já fez naquele dia. Para a primeira pergunta ele responde que sim e para a segunda ele responde que já fez “umas dez ou mais ainda”. Estamos nos dirigindo para a casa do seu avô, o Sr. Antônio Jorge está na porta nos aguardando e acompanhando a conversa de Maicon conosco, quando nos aproximamos mais o sr. Antonio entra em sua residência e diz que podemos entrar. Enquanto caminhamos em direção da casa Maicon pede nos solicita uma permissão: “vou tirar umas fotos ali embaixo?!”. Respondemos positivamente e lhe “concedemos um status”: “- claro, você é o fotógrafo agora!”. Identificamos nesse diálogo outra postura metodológica que adotamos, naquilo que descrevemos no capítulo anterior referente aos métodos como o interacionismo simbólico. Maicon está sendo reconhecido pelo pesquisador enquanto fotógrafo na interação com as atividades da pesquisa, mais propriamente na interação com este pesquisador. Pensamos nós que nesta relação ele adquire uma nova característica antes suspensa ou inexistente sobre a sua própria pessoa dada em forma de um adjetivo que se acopla durante a atividade na construção do seu self. Embora Maicon não tenha usado a palavra “posso” sua entonação e aproximação corporal nos sugeriu pedido de permissão. Procedendo desta maneira esperávamos que reconhecido por esse “novo status” concedido pelo pesquisador que Maicon assimilasse algumas características práticas sobre o que ele considerava ser um fotógrafo, ou seja, do ponto de vista pragmático reforçar a sua ação de disparos com a máquina afim de cumprirmos os nossos objetivos de

construção colaborativa. Não tivemos, Maicon e eu, anteriormente nenhuma discussão técnica sobre como fazer fotografias, isso fica muito claro quando inclusive ele nos pergunta informações técnicas sobre a máquina. Acreditamos que tanto na reunião com os líderes da comunidade no firmamento de avanços da pesquisa de produção colaborativa de documentário no local realizada no Campo 1 como no momento em que seus pais autorizaram a sua participação no Campo 2 que Maicon possivelmente tenha elaborado um imaginário de como isso ia se dar de fato, talvez longe das complexidades aqui atribuídas, mas em relação a própria atividade e ações desenhadas: a possibilidade de participação dos jovens na produção, na idéia de “vamos fazer fotografias participando de uma pesquisa da USP” ou “vamos fazer vídeos”, ou a grosso modo: “vamos participar disso”. Continuando, Maicon caminha quintal abaixo com a máquina fotográfica em punhos e em disparate e avançamos dois passos e nos apoiamos na janela da residência ao encontro do Sr. Antonio. Enquanto Maicon desceu, ou seja, manteve-se no entorno (no quintal, ou nos fundos da casa) mas saiu daquele quadrante mais próximo percebemos que ele nos traria, evidentemente, visualidades da comunidade que ainda não tínhamos por nós mesmos explorado, e tivemos a sensação de colher frutos: aquele pequeno exercício por si só já estaria dando conta dos propósitos da pesquisa, pelo menos para os definidos para aquela etapa. Em especial no que diz respeito ao movimento do sujeito a empenhar o protagonismo da ação. Continuando, apoiado na janela da casa perguntamos se posso entrar e o Sr. Antonio diz que podemos entrar e comunicamos a ele que lá dentro está escuro para fazer a gravação. Havia alguns minutos deste de suas atividades laborais com os caixotes que já estávamos gravando, fazendo nossa descrição fílmica, mas ao falar da luminosidade acabamos por enfatizar novamente que tratava-se de uma gravação. Essa intenção ao expor pelo discurso oral do pesquisador características favoráveis a uma gravação de qualidade, como no caso da luminosidade, foi de reforçar a produção que já estava em andamento, acreditamos que com essa postura metodológica invariavelmente ele se deixasse dominar pelo efeito câmera – sabemos que a câmera por si só já tem essa capacidade. Dominação não como aprisionamento, mas sim como

motivação à sua participação, neste sentido um convencimento de incluí-lo no processo com as cartas abertas, em outras palavras pode se auferir como uma redundância pró-ativa – entre o sujeito já se perceber sujeito filmado e reforçamos verbalmente “você está sendo filmado”. Poderíamos enquanto escolha simplesmente avaliarmos que não havia luz lá dentro e sugerir que fizessemos em outro lugar, mas ao revelar a deficiência luminosa tivemos a oportunidade de abrir (novamente) o processo, torná-lo conjunto, discutimos onde iríamos gravar, se lá dentro da casa ou não, ponderando ainda retomamos no diálogo que se caso fosse poderíamos gravar lá dentro mesmo. Em seguida nos direcionamos a porta de sua casa e avançamos dois passos a frente, pedimos licença e entramos. Sua esposa estava na cozinha, não tínhamos a visto naquele momento da gravação e ela responde “-boa tarde”. Estamos na porta da casa e o Sr. Antonio Jorge está a nossa frente vestindo os sapatos enquanto continuamos a gravação, ele nos direciona o olhar e diz: “-vou por no pé que tá feio”. Aqui recebemos não a primeira, considerando que a mise en scene dele se dá e se deu desde o início da gravação, mas uma resposta a nossa sutil provocação ou ênfase sobre estarmos gravando quando falamos da luz. A nós nos parece que ao dizer que está feio ficar descalços que ele quer se revelar para a gravação usando sapatos, ele está se preparando, entendemos nós com o nosso vocabulário para a sua mise en scene, no caso para o momento da entrevista que combinamos. Nos sentimos mais reconhecidos neste sentido. Os papéis estão colocados. Vamos gravá-lo na entrevista (e já estávamos) e ele será gravado e concederá uma entrevista. Saimos de costas da casa tentando manter o foco nele e ele nos alerta cuidados dizendo que poderíamos cair de costas dado o declive e degrau na entrada. Essas respostas e atenção que recebemos são importantes no que diz respeito ao fazer junto e ao comprometimento dele com a pesquisa. Parece que não era interessante que tivéssemos caído e nos machucado, e tampouco danificado o equipamento. Localizamos novamente neste ato o interacionismo simbólico, pois a um reforço no meu self de pesquisador e videomaker quando ele nos diz que vamos cair. Tivemos através dele, mesmo que ele não tenha dito expressamente “você está gravando”, mas por sua preocupação com

nosso equilíbrio em função de que realizávamos a gravação naquele momento, que éramos o pesquisador que gravava, o mesmo que realizaria com ele a entrevista. Então, ele sentado no sofá se levanta e diz: “-vamos!?”. Ele sai de sua casa de pau-a-pique e nos direciona paralelamente 4 metros adiante para um banco posicionado na lateral da casa de alvenaria construída pelo projeto do CDHU que estava pronta mas que ainda não havia sido entregue. Ele senta, nós sentamos, lado a lado, no banco. Enquadramos seu rosto no canto direito da tela e deixamos a margem esquerda como horizonte do seu quintal. Mais uma descrição, uma saturação que quer enquadrar o sujeito e seu ambiente natural, e não somente as paredes de tijolo em que se apóia que poderia restringir a beleza do território. Nos mantemos em silêncio focalizando seu rosto, ele também se mantém em silêncio. Neste momento notamos que ele esperava pacientemente que iniciássemos a discussão com alguma pergunta, mas queríamos, era essa a nossa meta, colher o frescor do seu depoimento, o silêncio serviu como um provocador de discurso, inquietante, visto que ele já estava sendo gravado e ao vestir os sapatos estava preparado para uma primeira pergunta. Com esse silêncio posto embora momentâneo era interessante para nós saber sobre o que o Sr. Antônio abordaria de imediato, entendemos que normalmente numa entrevista aquilo que você começa pautando primeiro pode ser aquilo que se julga de mais importante ou que seja a introdução de um caminho para aquilo que se julgue mais importante, pertinente de ser contado. Nesse silêncio que permaneceu por alguns segundos nos sentimos eticamente no ato da palavra de sua espera e reforçamos: “tá gravando já” e ele respondeu assimilando “já ta gravando!” e ele esboça dizer “já pode” e nós falamos por cima da última sílaba da sua palavra dizemos: “o sr. fica livre, sinta-se a vontade, eu não...” e ele logo toma conta do discurso e diz: “bom eu vou começar a contar a...” então ele respira e retoma “meu nome é Antônio Benedito Jorge”. Esta passagem para nós é de extrema importância, entendemos e estávamos preparados para isso, atentos, que no momento em ele ia começar a contar da comunidade e que ele para, respira e retoma para se auto-afirmar com o seu nome próprio que estamos diante de alguém cuja identidade tem algo a revelar. Refletimos “Quem é

Antonio Benedito Jorge?”, “Seria Antônio Benedito Jorge um sentinela do seu tempo?” Nos sentimos cativados, aquilo que Ecléa diz que sacode a nossa indiferença, pois não fazemos uma escuta passiva e sim atenta. Esta mesma sensação e postura ocorreu conosco em outros momentos desta e de outras entrevistas. Algumas geraram perguntas imediatas, outras iguais neste caso, geraram questionamentos internos (ou anotações para formulações futuras) mas que poderiam ter sido feitas naquele momento, não era uma regra. Nosso objetivo primeiro é que a nossa entrevista no “fazer documentário” fosse além de eficaz e qualitativa não muito indutiva, não muito fechada. Na conclusão e apontamentos finais vamos retomar essa discussão, mas adiantamos que durante esta etapa de aproximação tornou-se interessante – denota uma escolha que fizemos, um método, ou seja, privilegiamos este tipo de abordagem, para nós ouvir o que eles tinham a dizer a partir de questões e preposições mais abertas do que ir direto “no olho da realidade”. Em nosso exame de qualificação dessa dissertação a professora titular deste departamento Marília Franco nos orientou que em meio a vasta discussão do que é, do que pode ser, ou do que não é documentário, de que em suma documentário é o filme de não ficção e ponto e que caberia a nós ir no olho da realidade para fazê-lo. Evidentemente que esta orientação e solução se deu após uma discussão dos meandros teóricos a cerca do tema, mas foi de muita preponderância para nós. Esta visita ao campo que descrevemos se deu em momento anterior a qualificação e a orientação da professora. Nesta descrição e análise do material percebemos que embora tivéssemos ido ao olho da realidade, coisa que fizemos, que preferimos afirmar melhor dizendo: que estamos fazendo em idas e vindas na comunidade o nosso percurso delimitado junto a comunidade ao olho da realidade. Nos parece que se estivéssemos apenas fazendo um documentário influenciado pelas teorias e repertório fílmico do cinema documentário que talvez pudéssemos ter alcançado um ritmo mais veloz neste percurso ao olho da realidade, todavia sem esquecermo-nos das etapas metodológicas de construção documentária, neste sentido o tempo final entre um modo e outro poderia até ser o mesmo, mas dentro de cada etapa o modo de dispor os elementos e acima de tudo de conduzir as atividades pode

se dar em velocidades distintas. Com isso acreditamos que carregados sob influências teóricas da comunicação, do documentário, da antropologia visual, da iconomia, nos vimos mais propícios aos cuidados do fazer junto, na preocupação e métodos de atuar em processos de produção coletiva, colaborativa de iconografias, de conhecimentos. De certa forma alongamos o nosso percurso mas almejando qualidade científica, constitutiva, próprio do nosso sujeito de pesquisa, melhor dizendo, próprio do nosso desafio de pesquisa que sob a égide do imbricar das disciplinas teve seu espectro estendido, mas que também nos parece que esse modo de fazer é solução na medida que podemos sempre revisitar os arquivos afim de encontrarmos aspectos que nesta análise por ventura possam estar mal considerados ou pouco enfáticos. De toda maneira imaginamos que isso também torna-se válido para os destinatários próximos ou longínquos, tal qual os definimos anteriormente. Continuemos a nossa descrição da entrevista do Sr. Antonio Benedito Jorge. Na conclusão e apontamentos retomaremos com maior propriedade, todavia, iniciamos esta discussão por aqui para também posicionar o nosso nome próprio, reforçar nosso self pesquisador sobretudo no que diz respeito ao procedimento de campo, de modo que não vamos nas próximas linhas exaurir analiticamente todos os instantes e tomadas de decisão, consideramos para tanto que questionamentos, interferências e escolhas por nós e pela comunidade participante e participativa atribuídos estão imbuídos deste lograr: da personalidade que pensamos ter assumido e da personalidade que eles parecem ter demonstrado assumir para com a pesquisa, cogitamos inferir reconhecimento dado por uma interação estabelecida. Nos permitimos uma descrição “mais solta” daqui em diante, já temos o nosso denominador comum, ressaltando: eu faço, eles fazem!, mas não é de todo mimético como essa frase sugere, e sim uma troca mútua, com diferenças, estranhamentos, identificações, soluções coletivas, etc. Todavia justificativas e ponderações podem surgir dada a especificidade daquilo que estivermos descrevendo e pretendemos analisar. As imagens como recursos disponíveis que podem ser revisitados, não só por nós mais acessíveis para o

entendimento da pesquisa, é complementar a essa descrição verbal, obviamente. E não só, por objetivo se presta a isso.

Fragmento 4 : Entrevista com Sr. António Benedito Jorge

Percurso: Partindo da residência do sr. Antônio até a plantação de quiabo.

Iconografias produzidas:

Pesquisador → produção de vídeo da entrevista.

Comunidade → Maicon e colegas produzem fotos dos ambientes e das pessoas - incluindo o pesquisador, o líder da comunidade, e uns aos outros.

O início da entrevista com o senhor Antonio Jorge percorre um histórico da comunidade de Remanescentes de Quilombos de Pedro Cubas. No papel de liderança ativa da comunidade, decorre sobre o que é ser quilombola, o que é quilombo, sua formação, seu sistema de trabalho. Para ele quilombo não é somente negro e sim fruto de uma miscigenação. Afirma que se reconheceram Remanescentes de quilombos na medida em que grileiros se apossaram de suas terras. Tiveram que se organizar e reivindicaram seus direitos. Embora ele não diga isso neste momento do plano pesquisamos com eles que a reivindicação é feita com o auxílio do Instituto de Terras do Governo do Estado de São Paulo, o ITESP, e também por decisões do INCRA. O INCRA precisa desapropriar as terras dos grileiros e fazendeiros, os terceiros como alguns moradores os classificam, para que o ITESP possa fazer o trabalho de reconhecimento das comunidades, e depois a expedição do título de propriedade, o que demanda tempo, ações políticas, confrontos locais, ameaças e outras fatalidades. Continuando sr. Antonio afirma que muitos pistoleiros já quiseram matá-los. Neste período até, que entendemos ser entre o final da década de 1970 e a década de 1980, o sr. Antonio Jorge conta que foi morar em São Paulo, capital, que trabalhou de segurança no Banco do Bradesco, na caixa econômica. Quando as decisões sobre tudo sobre a titulação das terras foi melhor definida, ou estava em vias de uma definição em um encaminhamento mais positivo ele pediu a conta na firma e voltou pra suas terras. Esse período aproximadamente dá conta do final da década de 1980 e início de 1990, período coincidente com a lei de 1988 que ortoga aos quilombolas o direito às terras, as consideradas devolutas. Continuando, ele

reforça essa ligação com a terra, diz que luta por ela, e quando parece que vai dizer “é a nossa sobrevivência” fazendo alusão as terras ele faz uma aglutinação das palavras e emenda “é nossa sobreexistência”. Ele diz que tem 63 anos, conta sua rotina, de estudos, conta que hoje em dia ele faz faculdade na cidade de Eldorado, na faculdade metodista. Diz que estas iniciativas que faz dependem da sua força de vontade, força de espírito, sempre batalhando. Afirma que está sempre lutando por seus direitos. Luta por telefone, luta por internet e reforça que o grupo que luta por aquilo que quer a tendência é conseguir. Ressalta a força do grupo. Também fala sobre o ritual recomendação das almas, que passa para a família, que é uma relíquia dos antepassados e que quer dar continuidade, com isso fala sobre o valor de sua cultura. Faz uma critica a televisão, diz que a elite inventou e programou os programas de televisão, como um meio de ganharem muito dinheiro e sendo bem empregados as custas de um pessoal que não tem um certo conhecimento. Sua posição é que a comunidade e principalmente os jovens deixem de banda aquilo que os outros inventaram para manter o que é de sua cultura. Logo em seguida diz que também vai fazer uma produção, especificamente relata que vai escrever um livro, e que já está fazendo, contando a história de sua vida. Neste momento ele não diz, mas nos procedimentos de pesquisa ele nos revelou que já tem muita parte deste livro escrito na forma de um caderno. Logo após o momento daquela entrevista perguntei a ele onde estava o caderno com a historia de sua vida e ele disse que tinha revelado sobre essa sua prática, sobre seus escritos, lá na Universidade Metodista em que cursa Ciências Sociais na cidade de Eldorado e que a obra estava nas mãos de uma professora, que possivelmente estaria digitando, e de certa forma acreditamos nós, editando aquele material. Nós agora, não falando sobre o plano realizado, mas fazendo uma ponderação verbal no corpo deste texto frente a essa revelação do sr. Antonio Jorge nos sentimos muito motivados, o que quer dizer que optamos e estamos afirmando aqui esta opção metodológica de, para em uma próxima etapa, produzir uma cena documental que de conta de registrar o sr. Antonio Benedito Jorge lendo em voz alta, através de seu discurso oral o seu próprio caderno de anotações,

que se quer um livro um dia, desta maneira imaginamos que estaríamos trabalhando no transito das linguagens, entre aquilo que ele sistematizou do discurso oral próprio dos costumes tradicionais de sua comunidade (que em parte é o modo como ele nos revela neste plano que estamos descrevendo, portanto já produzido) para a linguagem verbal escrita. Fazendo a leitura para nossa câmera estaria de novo resgatando para o discurso oral aquilo que escreveu e acreditamos que provavelmente sobre uma frase ou outra poderiam surgir ineditismos de comentários que reforçassem o próprio texto, em formas de justificativas, “bom isso eu disse porque...”, “e também nessa parte eu queria lembrar que....” e neste sentido quanto a gravação estaríamos neste transito sistematizando as dimensões envolvidas para a linguagem visual e sonora vislumbrando o formato final documentário. Enquanto recursos poderíamos no processo de captação produzir takes da sua caligrafia no caderno, e takes de seu rosto (bocas, olhares, expressões faciais) e também closes de suas mãos folheando o caderno durante o ato de leitura do livro. No processo de montagem poderíamos alternar a exibição dessas imagens visuais mantendo a guia de áudio preservada como condutora do discurso. Percebemos que neste privilégio que assumimos, que planejamos, permitiríamos uma flexibilidade para as imagens visuais e de certo modo uma continuidade mais assídua para o discurso oral o que vale dizer que neste sentido estaríamos próximos de executar um procedimento de pertinência dentro do documentário. Adiante vamos posicionar melhor esse procedimento. Voltemos a descrição do plano da entrevista. Em seguida o sr. Antonio remonta um pouco a historia de seus antepassados. Conta que seu tataravô Gregório Marinho veio para a terra que estamos para a fundar Pedro Cubas fugido das terras de Caiaganga - fazenda de um dono que ele descreve como sendo severo de nome Miguel Antonio Jorge. Segundo sr. Antonio um homem muito rico e muito ruim, que batia no pessoal. Descreve uma situação em que os escravos eram colocados no fundo da canoa para fazer o transporte de alimentos, segundo nossa interpretação essa agressão tinha a ver com algo relacionado a não decodificação no caminho como um todo até o transporte de canjica das fazendas ate Iguape e Cananéia, mas não temos muita certeza,

deixamos que a interpretação de cada um do plano remonte esse histórico. Em seguida o sr. Antonio conta também sobre a morte de Miguel Antonio Jorge. Nesse contar acaba por descrever procedimentos de estrutura do caixão para o enterro e também remonta conosco que a cidade hoje conhecida como Eldorado naqueles tempos chamava-se Xiririca. Neste momento do plano também faz uma análise interessante sobre o que é o inimigo, considera essa noção ao revelar que o Miguel Antonio Jorge tinha muitos inimigos, por isso que ele era rico. Também acaba por revelar algumas situações peculiares em torno do caixão enterrado do Miguel - mais precisamente que brotou um pé de bananeira de dentro do caixão e que o corpo não teria sido encontrado, ou que não estava mais lá. Foi o que interpretamos do seus dizeres. De todo modo para nós esse ponto também é muito significativo no que diz respeito ao formato do documentário que queremos conformar. Retomemos agora a discussão acima iniciada sobre o procedimento de montagem da continuidade da guia de áudio no intercalar das imagens. Evidentemente que enquanto registro documental o que temos deste presente ato de registro é o depoimento do sr. Antonio Jorge, mas se quisermos acessar as imagens que ele narra cairemos, nós intérpretes de sua fala, numa visualização individual. Gostaríamos de citar em especial dois documentários que nos servem de referências para esses procedimentos, são eles o documentário “Pequeñas Voces”(1999) e “Animated Minds” (2003). *Pequeñas Voces*³³, também traduzido comercialmente como “Little Voices”, dá conta de um documentário produzido com crianças vítimas de violência na Colômbia, sua estrutura de montagem opera da seguinte maneira: a guia de áudio dos depoimentos das crianças serve de fio condutor da história enquanto os desenhos, em próprio punho, que fizeram sobre a interpretação desta mesma história que narraram foi digitalizado e animado com o recurso de computação gráfica 3D pelos produtores de pós produção do documentário. Já *Animated Minds*³⁴ dá conta de depoimentos colhidos dentro de um hospício inglês, sua estrutura opera da seguinte maneira: depoimentos colhidos dos enfermos, deficientes mentais de diferentes naturezas, geralmente esquizofrênicos, narrando as sensações dos

³³ Disponível em <http://www.locombia.net/voices> online em Outubro de 2009.

³⁴ Disponível em <http://animatedminds.com> online em Outubro de 2009.

seus traumas, enquanto as imagens que narram foram produzidas pela equipe de pós produção através do uso de computação gráfica. Salientamos que tivemos conhecimento destes documentários através da palestra do crítico Michel Renov³⁵. Sobre os documentários Renov chamou atenção para o uso destes recursos dentro do documentário e enfatizou essa possibilidade como válida, de modo que para Renov a hibridização era pertinente na medida em que a algum elemento daquele discurso tinha a sua origem de certa forma preservada, entendemos nós, fidedignas. Na ocasião da palestra na ECA o professor Henry Gervaiseau sentado na primeira cadeira do auditório a despeito de *Animated Minds*, logo após a exibição de alguns trechos do documentário, traçou um dialogo com Renov argumentando que primeiramente achava muito interessante tudo aquilo e aquelas ponderações sobre o hibridismo de linguagem, enfatizou que o que era importante notar era essa capacidade da guia de áudio, palavras do professor Henry “de evocar a realidade do que simplesmente querer mostrar ou demonstrar.” (grifos nossos). Essa assimilação para nossa pesquisa foi providencial e muito substancial. O híbrido como linguagem nos sugere muitas possibilidades. Estamos lidando com jovens, crianças, idosos em uma comunidade rica historicamente, pensamos que de alguma maneira podemos muito mais do que somente colher seus depoimentos mas incluí-los na construção desta lacuna que se abre, principalmente quando falam sobre o passado. Poderíamos, como em “Pequena Vozes” planejar algum trabalho de desenho com as crianças e jovens sobre algum determinado aspecto e depois dar movimento na edição de computação gráfica? Essas noções para nós estão ainda muito abertas, sobre qual a melhor maneira de produzir um novo sentido para completar possíveis lacunas, mas passamos considerá-las como possibilidade afim de enriquecer nosso discurso. Partindo do princípio que tradicionalmente estamos numa comunidade oral essas articulações poderiam se dar não com desenhos, mas sim com as vozes da comunidade, uma edição dos depoimentos na forma de algum “joguete”, seja produção de *ring tones* (para além dos objetivos desta

³⁵ O crítico de documentário Michel Renov participou do 8 Festival Internacional de Documentário em abril de 2008 no SESC Paulista. Na ocasião também participou de uma palestra na ECA com o nome (completar aqui este dado)

etapa em questão) ou mesmo para compor a trilha em algumas passagens do documentário. Nossas pretensões estariam neste sentido muito mais próximas de “Pequena Vozes” do que de “Animated Minds” uma vez que em “Pequenas Vozes” a participação com esse primeiro aspecto visual vinha, dizendo a grosso modo, do punho destas crianças e só posteriormente havia o trabalho da pós produção, enquanto em “Animated Minds” o aspecto visual de saída já era uma interpretação dos animadores sobre os depoimentos. Em nossa pesquisa confabulamos por exemplo, uma re-encenação de algum aspecto do passado, usando eles mesmos enquanto atores: a tomarmos como guia este depoimento da relação dos antepassados escravizados por Miguel Antonio Jorge na fazenda Caiaganga. Na montagem poderíamos manter a guia do áudio original enquanto as imagens visuais dessem conta da re-encenação. Lembramos também que em “Cabra Marcado para Morrer”(1984) de Eduardo Coutinho tivemos um “primeiro cabra marcado para morrer” (1964) dentro do filme que tinha esse intuito mais, digamos, ficcional. Para nós a re-encenação poderia tanto vigorar enquanto recurso de registro para uma produção ficcional – neste sentido para além dos objetivos desta pesquisa em questão, como vigorar, nosso intuito, a revelar outras facetas do nosso sujeito de pesquisa a interpretar seus antepassados, além do propósito primeiro enquanto recurso de construção de discurso. Essas noções podem implicar em uma discussão ficção X realidade que não vamos abordar na totalidade agora, mas que também não deixamos escusa, e de certa forma já antecipamos nossa posição ao considerar o híbrido como linguagem possível. Voltemos a descrição do nosso plano. Sr. Antonio então faz uma ponderação que para nós é muito importante e justifica nosso planejamento, nossos métodos, diz que a historia deles, da sua comunidade e das adjacentes é uma história muito longa, que seria necessário muitas fitas para a gravação e que em termos de duração dois ou três dias seria muito pouco tempo para essa escuta e registros. Mais uma vez podemos notar nessa passagem o comprometimento do sr. Antonio para com a pesquisa. Na continuidade do diálogo pergunto sobre a casa de alvenaria que estamos encostados, sobre qual era a história daquela casa. E ele diz que era a casa era uma maneira do Estado e diz ele do Governo

Federal dar alguma coisinha para eles em vista do sofrimento que seus antepassados e eles mesmos sofreram até os dias de hoje, em 500 anos de história. Alguns dados nos parecem um pouco imprecisos, podem revelar que existem aspectos que para eles, através da figura do sr. Antonio Jorge, não estão totalmente assimilados. Assinalamos isso pelo rigor histórico, evidentemente que em linhas gerais seu depoimento se conforma muito próximo daquilo que conhecemos - por sermos apenas entusiastas históricos também não conhecemos na totalidade, mas que possam estar descritos com maior propriedade em registros históricos. Pergunto se o sr. Antonio possui algum sonho e ele reafirma noções que já estavam presentes na entrevista, diz que tem sonhos de mudanças, de ficar melhor. Mudar sempre pro bem do futuro de sua comunidade, pondera que talvez não alcance tudo mas que tem um desejo de que seus descendentes possam ter uma convivência melhor do que eles tiveram. Sobre a atualidade conta sobre o retorno de São Paulo, e acaba contando também sua ida para lá. Em Eldorado a partir desse retorno teve a possibilidade de estudar, concluir os estudos do colégio. Enquanto conta que se tivesse ficado em São Paulo não teria tido tempo de concluir os estudos porque ficava trabalhando integralmente e também não tinha dinheiro para pagar a escola. Sorrindo afirma que hoje ele estuda e está fazendo faculdade, e também se vangloria ao afirmar que valeu a pena essa batalha porque para ele aquilo que parece muito fácil é complicado também, interpretamos no sentido valorativo que posicionou suas conquistas. Notamos neste instante do plano que Maicon faz fotografias pelo quintal do terreno, se aproxima de nós (sr. Antonio e eu) e nos retrata. Enquanto pesquisador temos a certeza que pouco a pouco está produzindo um número de considerável de fotografias dando pertinência aos nossos propósitos. Continuando, sr. Antonio conta que tem o desejo de cursar a faculdade de Direito em São Paulo, conta que passou no vestibular na São Francisco só que por falta de comunicação perdeu a bolsa. Interpretamos que ele quis dizer do telefone, modo de se comunicar, prazos, etc. E continua que se Deus permitir ele ainda vai cursar. Traz para esse momento aspecto de crenças, que a partir dele, podemos notar presente também nos outros moradores da comunidade. Continuando relata que a

esposa estuda na comunidade. Na pesquisa soube que existe uma atividade na escolinha local, que no período da manhã e tarde funciona para as crianças mais novas, entendemos como pré-escola, e no período noturno para os idosos ensinando-os a ler e a escrever. Pergunto se na Universidade Metodista que cursa existem outros alunos quilombolas e ele diz que uns sim, mas a maioria não, também revela que a Dona Diva, liderança da comunidade também faz faculdade, que estão na mesma classe, portanto fazem o mesmo curso, recapitulando – Ciências sociais. Pergunto a idade dele, se a idade dos alunos regula com a dele, e diz que não, que a maioria são mais novos, e que só Dona Diva regula com sua idade, ele 61, ela 63. Continuando o Sr. Antonio reforça essa capacidade dos estudos, diz que é muito importante esse seu papel dentro da comunidade, afirma que ele e dona Diva, e também aponta seu filho Carlinhos, pai de Maicon, como um detentor de conhecimentos, de certo modo carregam a comunidade afim de que, entendemos nós, após o seu falecimento, a comunidade saiba administrar seus bens, que isso é muito importante. Reforça o papel do conhecimento cultural para ele e seus contemporâneos locais, que estão sempre ensinando para as crianças e jovens, desde fatores históricos, como uso de plantas medicinais, tudo aquilo que eles também aprenderam com seus antepassados. Reforça o papel da cultura oral. Me mantenho em silêncio novamente como uma estratégia de continuidade, e também como um momento de assimilação sobre o que ele disse, em outras palavras, um entendimento mais avançado de quem eles são, como são, a partir do que ele me relata. Neste momento toca o telefone. Passado o momento de elaboração pergunto o que ele acha que pode ser capaz de superar as injustiças. Quando termino de perguntar Maicon que atendeu o telefone chama o Sr. Antonio. É o orelhão da Telefônica que tocou e que fica dentro de seu terreno – localizamos na região do centro da comunidade, local foco por onde nos fixamos, que existem apenas dois orelhões, um este descrito, outro em frente ao barracão no ponto médio entre a igreja e a escolhinha. Revelando nossas formas de comunicação gostaríamos de ressaltar que todos os contatos que fizemos (Sr. Antonio e eu) durante o curso da dissertação se deram por meio deste orelhão de seu terreno. Outros

contatos mantivemos via e-mail, redes sociais (mais precisamente com os jovens, a citar os principais, Maicon e Juliana). Continuando, sr. Antonio começa refletir, olha para o Maicon que está no telefone atendendo alguém – mais adiante na entrevista o sr. Antonio releva que no telefone é o rapaz do frete que contratam, e continuando ele me responde que o que pode ser capaz de superar as injustiças é a organização, para ele quando a família é bem organizada a tendência é decidir os problemas e não deixar os problemas passar por cima deles. Maicon, enquanto caminha em nossa direção, chama o sr. Antonio novamente para atender o telefone. Pergunto se o sr. Antonio não quer atender, fazendo uma alusão de que podemos, obviamente, parar a entrevista para ele atender. Ele se levanta e vai atender, mantenho a câmera parada por um motivo técnico de entrada e saída de cena para a hora do corte na montagem, quando me dou conta Maicon está ao meu lado sorridente me fotografando, giro a câmera para a esquerda e faço um take do seu clique e finalizo a gravação. Caminho até o orelhão e registro sr. Antonio no telefone. Ele conversa sobre a parcela que depositou. Giro a câmera para a direita, Maicon faz novas fotografias deste pesquisador e também do seu colega (tomamos este colega que aparece como um jovem, um pré-adolescente morador da comunidade contemporâneo ao Maicon, do mesmo modo que ele apareceu no decorrer da gravação ele partiu. Caberia a nós resgatar o seu nome, mas infelizmente falhamos neste sentido, mas não deixamos de o considerar por não revelar seu nome, muito mais que isso o incluímos na transpor da atividade e agora nesta descrição). Pergunto ao colega de Maicon que aparece sorrindo no quadro do plano se Maicon está emprestando a máquina para que ele também possa fazer as fotografias. Enquanto método fizemos essa pergunta para tornar claro a vontade de que Maicon seja o catalisador de outros jovens, do que apenas exclusivo do equipamento, e o jovem responde que sim. Maicon torna a fazer fotografias do jovem. Direciono a câmera para o Sr. Antonio que está se despedindo no telefone. Retorno a câmera para o Maicon e pergunto o que eles iam fazer com essas fotografias e ele me responde que vão colocar no blog, a seu modo usa a expressão “ponhar” – que consideramos correta no sentido que faz parte do modo de falar

da comunidade e conseguimos entender perfeitamente. Surpreendente com a resposta pergunto se eles tem um blog e ele me diz que sim. Pergunto quando eles fizeram e ele diz hoje cedo. Evidentemente que eu já sabia que eles tinham, a partir de então, um blog. Metodologicamente fiz essa pergunta para reforçar com ele, e eles, incluindo seu colega, a continuidade das atividades. O que combinamos é que as fotos que fizéssemos iríamos disponibilizá-las na internet como uma maneira de publicizar a pesquisa afim de atrair a atenção de novos interpretantes competentes a agregar aos nossos objetivos. Não muito distante disso e mais fortemente com o uso do argumento técnico propus ao Maicon e aos outros jovens na atividade matutina que fizemos no InfoCentro que essa nossa atividade tinha também um caráter experimental, que dispunha de poucos equipamentos e financiamento, e que seria interessante coletivamente produzirmos conteúdos para que pudéssemos batalhar por produções mais amplas – o que para nós caberia dizer, quantidade e qualidade de equipamentos – câmeras, máquinas fotográficas, luz, computadores, ilha de edição, etc. e o blog seria esse ambiente que usaríamos para chamar essa atenção. Também, por um outro caminho de proposta, o blog seria uma maneira deles mostrarem suas fotos para seus colegas na e em outras comunidades quilombolas. Voltando ao plano, viro a câmera levemente para a direita e o colega de Maicon está me fotografando, ou seja, eles estavam produzindo as fotos juntos. Isso significa que quando formos demonstrar essas fotografias não temos a noção exata sobre quais fotos foram produzidas pelo Maicon, quais foram produzidas por seu colega, a não ser aquelas que se tornarem de evidente distinção. O sr. Antonio desliga o telefone, focalizo seu rosto, mantenho um certo silêncio e ele diz “...é isso aí...”. Entendemos que o diz enquanto continuidade de discurso àquilo que havia relatado na entrevista antes da interrupção, o que por consequência revela sua contínua participação com a pesquisa. Nos perguntamos dentro daquela discussão ficção ou realidade se enquanto mise en scene se este “...é isso aí...” não seria uma mise en scene “mais fidedigna” ao seu jeito de ser, ou em outras palavras, ao seu jeito de ser no trato com o pesquisador que trabalha em sua comunidade? Para nós esta sua fala tem grande capacidade de evocar esta característica.

Mais ainda, especulamos se momentos como este na variedade dos planos que produzimos na pesquisa, que são aparentemente fugidios para um intérprete desatento, se não poderiam estar mais ou igualmente carregados de sentido em relação a outros que reconhecêsemos sendo mais objetivos? Em última análise percebemos que momentos como este também nos parecem reveladores da objetividade da pesquisa na avaliação do processo, principalmente porque depois que ele diz isso ainda continuo alguns segundos em silêncio, mas logo formulo minha questão e pergunto o que eles produzem na comunidade. Ele começa a responder, diz que produzem quiabo, maracujá, rama de mandioca, banana, etc. Pergunto se ele pode me conduzir até a produção e ele diz que sim, que a mais próxima dali é a plantação de quiabo. Ele começa a caminhar na minha frente, o sigo, ele caminha mais velozmente. Maicon e colega estão logo atrás de mim e ao meu lado, pelo registro do áudio notamos que eles estão em constante produção com as fotografias, entretidos. Duas garotas cruzam a entrada do terreno do sr. Antonio, são elas Fabyana e outra colega. Maicon grita pelo nome de Fabiana, não vemos, mas possivelmente ele mostra a máquina fazendo referencia de que iria fotografá-las. Notamos isso pela resposta de Fabyana que se nega e responde “ah, moleque” e continua andando. Os dois, Maicon e colega saem em disparate, me ultrapassam e ultrapassam o Sr. Antonio, saem do terreno antes que nós e o colega de Maicon fotografa as garotas. Elas se negam a tirar a foto, mas o colega faz a foto mesmo assim, os dois comemoram e correm até elas para exibir-lhes o registro. Entro em dissonância no enquadramento, quero ao mesmo tempo continuar gravando o sr. Antonio Jorge no nosso percurso estabelecido, como gravar o encontro dos garotos com as garotas envolvidos com as fotos, faço a segunda opção grosseiramente, mas consigo registrar um pouco da cena em linhas gerais. Retomo o enquadramento para o Sr. Antonio, percebemos que ele está cada vez mais a vontade com a gravação. Caminho ao seu lado, dois passos a frente para focalizar seu rosto em um plano médio. Ele fala sobre a condição climática fazendo alusão ao ritual Recomendação das Almas – naquela noite nós iríamos participar do ritual, inclusive no qual ele é o condutor. Mais adiante, em seu devido lugar, vamos qualificar o que é e

como ocorre esse rito. Mas por hora já pergunto quantos quilômetros vamos caminhar no ritual e ele antecipa que serão 10 quilômetros, para ir, e depois para voltar do cemitério. Como ele falou sobre o tempo pergunto o que aconteceria se acaso chovesse e ele me responde que iríamos da mesma maneira. Chegamos a plantação de quiabo. Ele fala que no dia seguinte vão colher e traz aquela explicação do que eram as caixas e conta também com quem estava falando no telefone – como já havíamos adiantado aqui. Ele fala então onde estão as outras produções nos referenciando por aquele local que estamos. Ele fala do frete, que eles gostariam de ter transporte próprio. Estamos saindo do terreno da plantação e estamos na rua central da comunidade. Pergunto para ele sobre a terra, a questão das terras, das ONGs. Ele fala sobre o ISA, o ITESP, o CDHU. Pergunto para ele como se deu essa construção das casas. Um caminhão passa por nós, observando que na caçamba tinham algumas pessoas me permito registrar, no que faço o movimento para acompanhar o caminhão acabo por registrar Maicon, o colega e as garotas entretidos com as fotos. Percebemos na análise do material que produziram que do momento que desci até a plantação de quiabo com o sr. Antonio até o retorno a rua principal, Maicon e colegas não pararam de fazer as fotografias. Retomando o depoimento do sr. Antonio ele diz que o critério de construção das casas próximas tem a ver com a facilidade de implantação técnica de energia e de telefones. Cita a empresa Anatel como envolvida no processo e almeja telefones residenciais pro futuro. Um pouco antes dele concluir este pensamento novamente entre em dissonância, não sei se continuo gravando o sr. Antonio ou Maicon que está 2 metros atrás de mim fotografando as garotas que seguiram no horizonte da estrada. Viro e registro o Maicon fazendo as fotos. Completamos o que ele diz pelo áudio registrado. Maicon grita para as meninas que não adianta elas irem embora, que ele tinha conseguido fazer mais uma fotografia delas. Nos dizeres dele “já era, tirei”. Um colega de Maicon, outro pré-adolescente, entra no campo visual da gravação andando de bicicleta e se aproxima de nós. De certo se sentiu atraído pelo nosso movimento. Pergunto para o sr. Antonio se ele gostaria de dizer mais alguma coisa, como uma espécie de proposta de fechamento para aquela

entrevista que ao nosso ver já tinha dado conta de muitas dimensões importantes, e também porque nosso equipamento tinha uma bateria capaz de gravar somente por 200 minutos e naquela noite ainda faríamos a Recomendação das Almas. Do ponto de vista do método técnico para a gravação queria preparar a câmera: recarregar a bateria e preparar as fitas. Em resposta sr. Antonio fala sobre o sonho deles na comunidade, que é ter a iluminação. Durante a pesquisa percebemos que embora as casas tivessem energia elétrica, a rua por sua vez não tinha, e não tem até hoje, o que quer dizer que depois das 18 horas é tudo escuro. O que percebemos daqui em diante é que o sr. Antonio, dada a intencionalidade de fechamento que aplicamos ao dizer “tem mais alguma coisa que o sr. queria dizer”, passou a se direcionar para a gravação em uma postura mais reivindicativa. Metodologicamente, embora em parte nossa preocupação fosse mais técnica, vimos que esta “última coisa a dizer” acabou surtindo esse efeito sobre o sujeito pesquisado. Enquanto resposta de pesquisa pensamos que poderemos utilizar esse recurso outras vezes, de maneira mais programada, afim de ter esse efeito. Se até então ele estava falando das batalhas e conquistas, neste momento, ele passa a dizer sobre as batalhas que estão em andamento, e por vir, e faz uma prospecção daquilo que ele, enquanto líder da comunidade quer que mude. Fala sobre a iluminação, sobre a necessidade de deixar a estrada em melhores condições para transportar os alunos, fala da necessidade de ter um carro principalmente no que diz respeito ao socorro de possíveis enfermos, vez que a ambulância de Eldorado demora muito pra chegar, isso quando consegue chegar e analisa que com um carro poderiam chegar mais próximos até da próxima ambulância, ir ao encontro dela. Na continuidade faço uma pergunta em um tom mais provocativo - ostentando certa duvida: “o sr.acredita?” fazendo alusão sobre a possibilidade destas mudanças. E ele confiante responde que acredita que vai acontecer e diz que se há cobrança há mudança. Maicon e o colega nos circundam e continuam fazendo fotografias, incluindo a mim e o sr. Antonio. Sobre a crença nas mudanças o sr. Antonio começa a partir de então a traçar um panorama das conquistas da comunidade e a importância da cobrança, diz que tudo aquilo que vi construído na

comunidade foi fruto da cobrança, da reivindicação. Diz que se cobrar um dia a coisa acontece. Diz que se ficar de braços cruzados nada acontece, mas se cobrar acontece. Diz que a luta é assim, se não for assim não acontece. Pergunto se eles estão satisfeitos, ele diz que sim, que há muita coisa para mudar ainda, mas que por hora estão satisfeitos. A entrevista dá tons de encerramento, o sr. Antonio começa a caminhar pela rua, ou estrada de terra, melhor colocando. Maicon está ao meu lado, focalizo-o, ele está fazendo fotografias e fica em silêncio. Retomo aqui, em uma ordem metodológica para a pesquisa, se ele presta atenção naquilo que seu avô diz, se ele também vai agir daquela maneira no futuro. De certa forma tento localizar com ele aquilo que o sr. Antonio diz sobre passar os conhecimentos pros seus descendentes. Nosso interesse, por isso posicionamos a questão enquanto método é saber essa capacidade do Maicon enquanto um aprendiz, saber mais sobre sua atenção. Percebemos não só nesse contato mas em outros ao longo da pesquisa que Maicon é mais tímido, fala pouco diante das câmeras. Mas em relação a minha pergunta, mesmo que de maneira mais sucinta, ele confirma as expectativas do seu avô e diz que sim, que presta atenção e que pensa igual ao avô. Aparentemente o sr. Antonio não ia falar mais e depois da conversa com o Maicon iríamos parar a gravação, mas o sr. Antonio me chama e começa a falar sobre o plantio na comunidade, fala sobre a participação do ISA no manejo das sementes e cultivo das matas ciliares. Fala também da Fundação Florestal e do papel do palmito para a comunidade, de legislação e meio ambiente. Também fala de uma projeto que eles tem com o Banco Real no incentivo de 20.000 mudas para recuperação de área desmatada e decorre sobre a questão da camada de ozônio. Em seguida o sr. Antonio começa falar sobre energia e água. Do valor que atribuem para a água, da importância que ela tem. Revela nesses dizeres um conhecimento muito significativo: aborda com propriedade a guerra do petróleo e projeta a guerra da água, conclui revelando o zelo que eles tem. Como falava sobre a água, já emenda e aborda a questão da construção da represa no Rio Ribeira de Iguape. Se posiciona como contra, afirma que a barragem não traz benefício para eles, que geralmente os empregadores já trazem seus funcionários de outras regiões e

que mesmo se contratassem os daquele local, incluindo eles, que aquilo não resolve nada, porque segundo seus dizeres o que resolve para eles é eles terem as suas próprias terras, trabalho e água potável. Retomo com ele a questão da construção da empresa e pergunto sobre a posição deles. Pelos seus dizeres já tínhamos deduzido que eles eram contra, inclusive porque ele tinha dito que eles já tinham brigado por isso, mas como é uma temática significativa na região quis aprofundar um pouco mais. E ele respondeu que o rio corre livre e tem que continuar correndo livre. Disse que todas as comunidades vizinhas são contra e revelou que o IBAMA teria dado alguma liberação positiva para a construção da hidrelétrica, mas que os moradores da região e líderes deste movimento se reuniram e fizeram campanha no escritório do IBAMA. Cessamos o discurso oral, me mantenho na descrição fílmica. O sr. Antonio aperta o arame farpado da porteira, enquanto Maicon realiza muitas fotografias.

Fragmento 5: atividade de produção iconográfica com as crianças

Percurso: Partindo do InfoCentro até terreno ao lado da cozinha comunitária.

Iconografias produzidas:

Pesquisador → produção de vídeo das crianças envolvidas na atividade de fotografia

Comunidade → Crianças e jovens produzem fotos da comunidade e depois colocam no blog da pesquisa.

A atividade com os jovens e crianças quer ampliar a primeira experiência de produção coletiva, que tivemos com Maicon e colegas durante a entrevista do sr. Antonio Jorge, para um grupo maior. No retorno da entrevista com o sr. Antonio Jorge nos direcionamos para o InfoCentro no propósito de preparar o equipamento para a gravação da Recomendação das Almas. Chegando lá, no entanto, nos deparamos com um número grande de crianças e jovens brincando defronte ao InfoCentro e nas muretas do centro de saúde. Não nos contivemos e vimos ali uma possibilidade tamanha de realização para a pesquisa. Nosso sujeito estava propício para nossos objetivos. Fizemos uma escolha: deixar para preparar o material, que incluía carregar a bateria mais

para a noite, confiantes do excito. Adiantando, tudo foi positivo. Antes do início das atividades procedemos da mesma maneira que fizemos com Maicon, incluindo inclusive o seu exemplo como ilustração, explicamos para as crianças que isto era uma pesquisa da Universidade de São Paulo, da produção de um documentário e que em suma a atividade consistiria em realizar fotografias da comunidade, e que a regra era que todos eles que estavam ali tivessem a oportunidade de tirar pelo menos uma fotografia. Explicamos também que depois da atividade de fotografia a segunda etapa do processo seria aprender como passar a fotografia para o computador e acima de tudo como colocá-las na internet. Vale lembrar que essa experiência não se dá do zero, no sentido que o ISA já realizou atividade com alguns deles, inclusive sobre blogs. O que constatamos na pesquisa também é que muitos destes jovens já possuem Orkut, e fazendo o upload de fotos para seu perfil. Explicamos também que naquela manhã com o auxílio de Maicon havíamos construído, isto quer dizer, feito um registro, um domínio na internet, de um blog para a comunidade e que a construção do blog se daria com a ajuda de todos eles. Que era interessante não somente Maicon manipular o blog, mas sim, todos eles, em uma ação conjunta. No início e no decorrer da atividade de fotografias deixamos por conta deles o manuseio da máquina, inclusive no que diz respeito a ordem, mas naturalmente se dirigiam a nós para saber de quem era a vez. Enquanto processo metodológico encontramos neles a vontade de participar, de contribuir com a pesquisa, ou se for mais correto analisar, a vontade de fazer fotos, e a disputa foi tamanha. Na tentativa de organizar retornávamos para eles as perguntas que nos faziam. Se alguns recorriam para perguntar de quem era vez, em outros momento perguntávamos para o grupo de quem era a vez naquele momento e em uníssono ouvíamos “sou eu”, o que gerava muita descontração e bagunça. Esse aparente caos no entanto gerava entre eles também uma certa disputa pela vez e sobre o que fotografar. Tivemos retornos também, com algumas crianças que se aproximavam para nos contar que foto elas tinham feito, se era do rio, de um pássaro, de uma árvore. Outras queriam contar que já tinham feito mais que as outras. Naturalmente durante a atividade o Carlinhos, filho do sr. Antonio e pai de Maicon, se prontificou na organização

da ordem para fazer a fotografia. Novamente gostaríamos de destacar um ganho da pesquisa, mais um personagem se fazia ativo e participativo. E para nós de muita relevância que baseando-se no núcleo familiar tínhamos avô, neto e agora o “filho do avô” e o “pai do neto”. Isso nos dá como chave de atuação muita credibilidade principalmente de continuidade das atividades, antropologicamente este é um procedimento favorável inclusive, qualitativamente. Carlinhos não só dava noções de espera como também ajudava-as a escolher o que fotografar, em especial, isso aconteceu quando sua filha Larissa foi fotografar e ele a orientou sobre qual foto ela podia fazer. Nesta atividade também tivemos contato com Juliano, 18 anos, garoto surdo e mudo. Foi uma experiência muito interessante. A todo momento ele também requisitava a máquina e apontava para onde gostaria de bater a foto. Demoramos um pouco para compreender que ele queria fazer a foto de um ninho um pássaro chamado João de Barro, mas não por seus gestos enfáticos e olhar comunicativo, mas sim por falta de referente de leitura para identificar o que era aquele ninho. Tentamos traçar um diálogo com o Juliano, equivocadamente falamos com ele, mas logo em seguida tentamos fazer gestos na intenção de perguntar se ele queria fazer fotos e ele compreendendo disse que sim. Nossa aproximação se deu por cumprimentos e sinais de positivo. Juliano, quando chegou a sua vez, como muito sinalizou, fez a sua fotografia da árvore que estava alojado o ninho de João de barro. E em seguida quis fazer uma fotografia nossa com as crianças. Durante a atividade também conduzimos o trajeto entre a primeira etapa, de tirar as fotos, para a segunda etapa, passar para o computador e “subir” para o blog. Era comum notar algumas crianças que não saíam de perto de nós que estávamos portando a câmera, aproveitando-as em nosso lado focalizávamos e conduzíamos as atividades. Logo descobrimos o que elas queriam, de uma maneira muito simples, pelo pedido que nos faziam para não só fotografar com a máquina mas sim para gravar, com a câmera. Outro momento especial se deu em uma estratégia que utilizamos. Afim de atrair a atenção dos jovens viramos a tela LCD da câmera para eles, nossa escolha privilegiava a possibilidade de que pudessem assistir em tempo real aquilo que estávamos gravando, enquanto

nós fixávamos nosso olho no finder da câmera, o que tornava possível gravá-los e eles assistirem. Isso teve muito impacto principalmente com as crianças, funcionando de certa forma como um espelho elas se sentiram muito atraídas e durante a atividade o garoto Hudson, 4 anos, manifestou esse desejo e realização ao nosso encontro, no momento em questão ele nos conta que esta vendo o boné dele naquela tela. De certa maneira ingenuamente reconhecemos ser um boné do personagem *Batman* e perguntamos para ele se o boné é do *Batman*, que naturalmente discorda. Terminada a primeira atividade nos direcionamos para o InfoCentro para realizar a segunda etapa da atividade, colocar as fotos no blog. Localizamos nessa atividade também o colega de Maicon, que havia participado da primeira experiência conosco, de certa maneira nesta atividade ele funcionou como um catalisador, ou se não alcançou essa implicância pelo menos teve a oportunidade de vivenciar um pouco mais a experiência. É preciso notar também ao longo das atividades que os adultos estavam sempre de prontidão e ao redor, acompanhando a pesquisa.

Fragmento 6: Ritual Recomendação das Almas

Percurso: Partindo da residência da Dona Cassilda e Sr. Adão até o cemitério em Bananal.

Iconografias produzidas:

Pesquisador → produção de vídeo de acompanhamento do ritual

Comunidade → Maicon e Juliano registram o ritual com a máquina fotográfica.

A Recomendação das Almas tem grande importância para nossa pesquisa, primeiro por ser um ritual que mantém as tradições de origem africana, segundo porque ocorre apenas uma vez ao ano, e no ano de 2008 fomos os únicos pesquisadores convidados, participantes. No ano anterior, em 2007, a historiadora Gabriela Paes, recém titulada no Programa de Pós Graduação em Historia Social pela FFLCH-USP, participou e produziu sua dissertação sobre este ritual no quilombo Pedro Cubas. Em vista disto, antes de fazermos as descrições e análises de nossas experiências vamos recorrer ao texto da professora afim de uma contextualização histórica e precisa. O

trecho que ela decorre sobre o ritual em Pedro Cubas compreende uma lauda e não vamos modificá-lo, preferimos citá-lo na íntegra:

“Embora não possamos afirmar quando a “Recomendação das Almas” foi introduzida na região de Ivaporunduva e no sertão de Pedro Cubas, essa tradição foi praticada até aproximadamente a década de 50 do século XX em várias comunidades desta região. Com o passar do tempo, foi deixando de ser realizada e, atualmente, acontece apenas em Pedro Cubas. Nesta comunidade, nos dias atuais, acontece durante a quaresma, em um número ímpar de noites, mas a noite mais importante é a da sexta-feira Santa, na qual o grupo deve ir ao cemitério. Nesta noite, os devotos reúnem-se na casa de um dos participantes, devendo estar todos reunidos e em frente desta casa às 22 horas. Neste momento, vários cânticos são entoados em louvor aos parentes e amigos falecidos. Logo após, inicia-se uma caminhada de 10km rumo ao cemitério, na qual o grupo deve permanecer em silêncio. À meia-noite, o grupo deve chegar ao cemitério, ponto alto da procissão, e o horário que os mortos chegam ao mundo dos vivos. Neste local, velas são acesas e outros cânticos são entoados. Na volta, devendo ser percorrido mais 10 km, o grupo deve parar em cinco, sete, nove ou onze (um número ímpar determinado pelo capelão) pontos significativos para a comunidade, como casas de conhecidos ou casas existentes no passado, taperas e encruzilhadas, onde novamente cânticos são entoados. O grupo deve andar nas laterais da estrada para que o caminho fique livre para as almas, e também para não serem levados por elas, e o capelão, acompanhado de uma matraca, deve estar à frente do grupo. Os cânticos são oferecidos para as seguintes almas: do purgatório, do cemitério, dos necessitados, de pai e mãe, dos afogados, da encruzilhada, dos ofendidos (mortos devido à picada de cobra), do sertão, dos atirados (mortos à bala), e da tapera (casas habitadas no passado). Implora-se por misericórdia, e é solicitada a intervenção de São Miguel, Santo Antônio, Jesus e Nossa Senhora tanto em favor das almas do purgatório quanto em favor dos próprios participantes, pedindo para que no momento que chegarem ao pé da porta

divina, esta seja aberta para alcançarem o reino da glória eterna.”³⁶

Feita essa contextualização vamos partir para as descrições de nossas experiências:

No dia da procissão partimos da casa do Sr. Antônio Jorge com destino a casa de Dona Cacilda e o Seu Adão, esta é uma linha do itinerário. Todos os anos os moradores tem como ponto de partida a residência do casal. A distância da casa do sr. Antonio até a casa do casal é de 1 quilômetro. Lá muita conversa entre os mais jovens, muitos deles em pares de namorados e em grupos. Na sala, as 21 horas, a televisão permaneceu ligada na “novela das 8” da Globo e o Sr. Antônio Jorge pediu a atenção de todos e tomou a palavra pronunciando seus ensinamentos, em especial pronunciou que as jovens meninas deveriam ter atenção com os cânticos. A fala dele informa que todo mundo tem que aprender a cantar, porque o canto não é só obrigação dos mais velhos, mas de todos. Neste instante percebemos que o Sr. Antônio Jorge põe em prática a postura de comandante da procissão e de líder da comunidade ao estabelecer os valores tradicionais ao grupo e principalmente por direcionar a sua fala aos mais jovens. Notamos que o senhor Adão percebendo nossa presença com a câmera e pediu a palavra para nós requisitando que fizéssemos uma entrevista com ele. Neste trecho ele conta parte de sua história de vida, sobre os filhos que a vida dispersou. O tema da procissão nos pareceu levar a todos a pensar nos entes queridos distantes, nos mortos, ou naqueles que por algum motivo não fazem mais parte de nossas vidas, inclusive nós mesmos nos vimos nessa situação. A temática estava revelada. Em relação ao depoimento do Adão percebemos o quanto isso se fez presente, embora os filhos dele não tenham falecido e sim perdido contato com ele (que de certa maneira podemos encarar enquanto uma morte simbólica, um desaparecimento) a história que ele diz revela que sua esposa morreu no parto e que ele não teve condições de ficar com os filhos, deixando-os com a enfermeira. Logo após a fala de Adão, o sr. Antônio deu início a procissão, conduzindo todos ao lado externo da casa, no rumo da estrada. Durante o acompanhamento da procissão a chuva se fez presente em demasia. Foi uma

³⁶ “A Recomendação das Almas na comunidade de remanescentes de quilombos de Pedro Cubas”
Gabriela Paes. Pós graduação, historia social. FFLCH-USP.2007

chuva forte e contínua e o vento que soprava acentuava a sensação de frio, mas sem desistência lá chegamos, depois de 2 ou 3 horas de caminhada, ao cemitério de Batatal. Longa distância. Lá os cânticos ganharam a noite e o ritual chegou ao seu momento de êxtase. Ficamos sabendo por eles, e pelo texto da historiadora Gabriela que velas deveriam ser acesa neste momento, porem como a chuva era muito forte, foi impossível. Só conseguimos fazer as gravações porque uma das jovens, a Edna, nos emprestou o guarda chuva dela. Em relação aos jovens, Maicon e Juliano, combinamos com ele que eles fariam fotografias do ritual, e assim foi feito conforme poderemos conferir no arquivo, todavia, registro também limitado por conta da chuva. Na porta do cemitério fizemos a maior parte de nossas imagens, podemos notar os semblantes e a ligação que eles realmente alcançam, isto é, há um envolvimento muito grande com o que estão fazendo, de uma força que preferimos que as imagens descrevam muito mais do que as palavras aqui possam alcançar. Esse é um trecho em que a descrição fílmica acaba tendo, pelo menos assim entendemos, um valor maior de descrição do que a palavra verbal. Existem detalhes, sonoridades, expressões que só se dão no registro. Na retorno paramos em 5 pontos estratégicos para cantar e louvar os mortos. É impossível não cantar também. Posteriormente, em conversa com a pesquisadora do ritual, Gabriela Paes, como citamos, nos contou que geralmente são números impares, conforme sua dissertação nos revelou. Retornamos até a casa de Dona Cacilda. Lá foi servido um café, chá e uma bebida alcoólica preparada com umas ervas. Pretendemos para uma próxima etapa colher registros, depoimentos, daqueles que participaram deste ritual tão complexo e peculiar, afim de que na edição podemos contextualizar de forma mais completa os procedimentos envolvidos, sensações, etc. Gostaríamos de fazer um comentário. No mesmo dia deste Ritual membros da Igreja Evangélica de São Paulo estiveram na comunidade, chegaram exatamente naquela tarde, no momento em que estávamos fazendo a entrevista com o sr. Antonio Jorge eles chegaram. No horário da Recomendação das Almas agendaram um culto com seus fiéis. Dona Diva, líder de Pedro Cubas de cima, estava lá, ela segue essa religião. E pelo que soube, é muito aceitável que

cada um siga sua religião, seus valores e crenças. A religiosidade abre muitas questões para a compreensão desse grupo, sobre seu significado, a função dessas igrejas na comunidade, enfim, coisas que podem também serem melhores exploradas. Então nosso entendimento é de que, sim o ritual Recomendação das Almas entre outras coisas, por todas as orientações e envolvimento do grupo funciona além de fazer o culto as mortos, mas para unir os vivos, reforça-os enquanto descendentes de quilombos. Já enquanto remanescentes percebemos que parte segue o ritual, parte segue, por exemplo o culto. Esse é um ponto da análise que podemos explorar melhor nos próximos registros, inclusive entrevistando a historiadora Gabriela, o sr. Antonio, a Dona diva, os membros da Igreja Evangélica.

8.7 CAMPO 3

Abril de 2008

Fragmento 7: Casamento de Kelly e Elias.

Iconografias produzidas:

Pesquisador → Registro da preparação da festa, do casamento e da festa do casamento.; Colhe depoimentos.

Comunidade → Crianças produzem fotografias do casamento e da festa.

Em relação ao casamento gostaríamos de destacar a preparação da festa, logo no início da tarde. O bolo é confeitado em equipe, a arrumação do barracão, a preparação do churrasco, a disposição das mesas, a parte elétrica, equipamentos de som, ou seja, tudo para a festa é feito pela comunidade e nossas imagens acompanham estes afazeres. Depois, no fim da tarde, percebemos a chegada dos convidados transportados pelo ônibus escolar, que em dia de festa assume essa função para facilitar o trajeto e chegada a igreja. A igreja também é preparada por todos. O casamento conta com cantoras da igreja que acompanhadas por uma gravação em CD acionada em um som cantam na entrada da noiva. Notamos que os noivos, Kelly e Elias são novos, entendemos assim. Ela tem 16 anos e ele tem 21 anos. Depois do casamento tem uma grande festa no barracão que foi preparado especialmente, o churrasco e a bebida são compartilhadas. O som que toca vem do

equipamento de som, não tem nenhuma banda tocando, mas sim um CD de forró que todos parecem gostar muito. Notamos também as diferentes faixas etárias nesta festa, todos se divertem, crianças, jovens, e os mais velhos – principalmente. Deste trecho gostaríamos de destacar o depoimento do sr. Adão em que fala sobre seus desejos de transformação na comunidade, do desejo que tem em fazer a gravação de suas músicas e de venda delas, principalmente para reformar a igreja local, que ele considera obra fundamental. Entendemos que o sr. Adão revela sua religiosidade, bem como, sua atuação de manutenção dos equipamentos sociais da comunidade, porque além da igreja ele cita a reforma da quadra para as crianças, e também rememora que em tempos mais remotos tudo era muito diferente. Seu depoimento acaba tendo essa função mais memorialista e também reivindicativa. Outro trecho que gostaríamos de chamar atenção é para o depoimento de Dona Cassilda que animada com nossa presença se emociona e revela a alegria que ela está passando com o casamento de seu filho Elias. Durante o casamento fizemos a atividade de fotografia com as crianças, a máquina fotográfica passou nas mãos de muitas delas, mais de 20 crianças, não tivemos nem como catalogar, mas realmente elas se envolveram muito e o resultado é um conjunto de fotografias bem expressivo, qualitativo a desvelar muitas facetas e momentos dessa cerimônia. O casamento foi uma experiência relevante para a pesquisa porque nos mostrou o envolvimento da comunidade junto a seus familiares e amigos das comunidades vizinhas. Uma integração. Mas nem tudo foi harmonia, destacamos também um outro ponto em que dona Cassilda pede o microfone da festa e diz que naquela comemoração ninguém ia brigar, isto porque alguns apaixonados por Kelly estavam instigados em bater no noivo, Elias, filho dela. Neste momento notamos também a força do discurso oral das lideranças, que em posse do microfone conseguem impor a ordem local. Demais dimensões deixamos por conta dos registros filmicos e fotográficos.

Fragmento 8: Atividade de registro com as crianças

Percurso: Movimentos com a câmera defronte a igreja

Iconografias produzidas:

Pesquisador → produção de vídeo das crianças envolvidas na atividade de fotografia

Comunidade → Maicon faz fotos das crianças.

As crianças brincando defronte a igreja, no gramado, em sua comunidade. São 14 crianças que expressam os elementos da infância, a brincadeira, o lúdico. Dão estrelas, plantam bananeira, correm, dão muita risada e pontapés. Nos aproximamos com a câmera, algumas se afastam, outras se aproximam. Uma menina diz para a outra que já decorou alguma coisa, revela um segredo, quando nos aproximamos em posse da câmera elas riem e fogem. Maicon se aproxima e começa a fotografar as crianças brincando. Neste momento dividimos nossa atenção com a de Maicon que com sua presença conduz a experiência. Por conta disso podemos nos afastar e aproximar na medida em que a ação vai ocorrendo. Aos poucos as crianças vão ficando mais próximas de nós e pedindo para ver as imagens. Utilizamos o recurso de gravar com o view finder (tela LDC) virada para elas, de modo que como elas estão se vendo no view finder da câmera se sentem mais atraídas por esta noção especulara. Aos poucos se aglomeram em nossa, com isso podemos realizar dois movimentos, um horizontal completo sentido horário e depois um anti-horário somando 270 graus e retornando para o movimento horário. Foi uma experiência muito rica, cheia de detalhes, sorrisos e emoção. Acreditamos que a descrição fílmica será capaz de descrever muito mais o que em palavras não conseguiríamos, ou pelo menos, não alcançaríamos com tanta propriedade. O envolvimento das crianças com a pesquisa fica revelado, confirmado.

8.8 Campo 4

Setembro de 2009

Fragmento 9: Devolutiva

No retorno a comunidade, no mês de Setembro do ano de 2009, 17 meses depois das atividades de Abril do ano de 2008, nos preparamos para que fizéssemos a exibição dos vídeos no InfoCentro. Neste meio tempo, exatamente em novembro de 2008 enviamos por correio alguns trechos principais da produção no formato DVD endereçado para a casa do Carlinhos e Maicon, conforme havíamos combinado com eles – entre outros motivos porque eles tinham o aparelho de DVD.

Para o retorno preparamos a entrega aos quilombos de Pedro Cubas cópias em CD de todas as fotos produzidas durante a pesquisa. Vale lembrar que no momento das oficinas todas as fotos (mais de 400) já foram descarregas em todos os computadores do InfoCentro. Ou seja, teoricamente eles já tem as fotos, mas levá-las em CDS seria uma maneira de ter outro tipo de armazenamento, pessoal, um número aproximado de 20 a 30 CDs foi suficiente para ser objetivo. Nem todos tem DVDs para ver as fotos, o que também pode ser feito no InfoCentro. Todos os websites produzidos durante a pesquisa já foram divulgados e foram novamente divulgados. Produzimos camisetas com as estampas das fotografias, entendemos que essa seria uma ação muito interessante para o retorno e de certo surtiu efeito. A estratégia é que diferente dos CDS as camisetas servem de reconhecimento da pesquisa, bem como divulgação de sua ocorrência junto aos novos pesquisadores, atores sociais e amigos dos quilombolas de Pedro Cubas.

Não deixamos de produzir. Ao mesmo tempo em que gravamos estas reações Maicon fez fotografias, numa estratégia nossa de aproveitar a devolutiva para dar continuidade prática à pesquisa. Nos registros conseguimos ver Maicon fazendo estas fotos, bem como, no STOA temos acesso as fotografias que ele produziu.

Com este esquema funcionando fizemos a exibição dos fragmentos no Infocentro, foi muito interessante avaliar as reações que tiveram, sobretudo

quando assistiram ao ritual Recomendação das Almas e o casamento. Muitos davam risada, outros ficam mais introspectivos. Realmente tocou a emoção; os registros poderão revelá-las. No momento seguinte a exibição, aproveitando a emoção borbulhante, nós colhemos os depoimentos de avaliação do processo. Vamos a elas:

Sr. Antonio Jorge:

O sr. Antonio Jorge avaliou o lado positivo e negativo da pesquisa. Positivamente disse que o trabalho é importante porque não se encerra naquele momento, mas que o trabalho vai longe, que eles estão sendo reconhecidos com isso, e nós também. A parte negativa, segundo ele, foi nossa dificuldade em acompanhar o Ritual Recomendação das Almas. Que embora não tenhamos ainda avaliado isso, no retorno passamos muito mal, fisicamente. Avaliou que gostaríamos de incluir mais pessoas da comunidade nas atividades, mas que isso foi uma deficiência da própria comunidade. Todavia, nós achamos que a limitação técnica também influenciou neste aspecto. Se tivéssemos uma estrutura maior teríamos condições de atrair mais pessoas, e não sentimos essa mesma dificuldade que ele relatou, entendemos que o numero de pessoas que se dispuseram a participar para esta etapa foi suficiente, mas não descartamos sua avaliação, que a nós é muito positiva. a atenção para a organização. O sr. Antonio agradeceu a troca de conhecimentos, de aprendizados. Relatou a experiência que tiveram com as ONGS e ressaltou o tesouro de suas terras. Também exaltou o papel de líder ao enfatizar suas ações juntos aos jovens da comunidade.

Sr. Adão:

Perguntamos para o sr. Adão sobre o trabalho, nos referindo a avaliação da pesquisa, mas ele interpretou que perguntamos do trabalho na roça, o que foi muito positivo enquanto resposta porque ele pode dar uma noção boa de como andam as atividades de campo. Em relação a pesquisa ele avaliou positivamente e demonstrou que tem expectativa de reencontrar os filhos com a exibição da nossa gravação. Também reiterou o desejo que tem de construção, no caso, reforma da igreja local, que gostaria de gravar um cd com as suas musicas, vende-lo e com o dinheiro fazer essas reforma. Durante este

trabalho acabamos não revelando, mas participamos do edital DOC TV da TV cultura, e para concorrer fizemos uma carta de intenções em que Adão seria nosso personagem principal, perguntamos a ele porque o escolhemos e ele respondeu porque ele era o mais bonito da comunidade e que não esperava esta escolha, mas ressaltou que tudo mundo o reconhece como Adão Rolin Dias, o mais bonito do Vale do Ribeira, e o mais mentiroso. E depois ressaltou que ficou muito contente com nossa presença. Também avaliou que por volta de 30 pessoas puderam assistir aos vídeos, e que, deixamos de colher os nomes daqueles que estiveram presentes. Neste momento Adão nos dá um retorno metodológico que falhamos, e ele se lembrou. Na sequência ele detalha características de sua época jovem e perguntamos para ele o que ele gostaria de ensinar e aprender nesse contato com a Universidade, e ele responde que gostaria de ensinar os jovens a tocar música, porque ele é compositor, músico, mas acha que os jovens atualmente não tem muito interesse nisso. Avalia que as crianças e jovens conseguiram aprender alguma coisa durante nossa pesquisa, e acha importante, porque acha que as crianças poderão dar continuidade em nossas atividades, porque ganham oportunidade de acesso.

Dona Diva:

Dona Diva avalia que foi um trabalho que ajudou bastante todas as gerações principalmente no modo que eles mesmos se vêem e que essa nova percepção pode ajudá-los a melhorar quaisquer limitações. Avalia também que os líderes da comunidade exigem que haja uma troca entre os pesquisadores que chegam na comunidade com intenção de estudá-los, e entende que nossa pesquisa atingiu essa expectativa. Diz também que querem participar de um mundo desenvolvido, que querem esquecer o passado em que eram só explorados, que aceitam abrir suas portas, querem ter parceiros, desde que realmente o desenvolvimento cheguem até eles, nesta relação posta: trocas.

Cassilda:

Avalia que a pesquisa foi produtiva, que conseguimos registrar o casamento de seu filho, que não teriam dinheiro para contratar um jornalista. Reforça o papel de memória que o vídeo tem para ela, de recordação. Avalia

também a relação de troca, de conhecimentos. Ela interrompe a entrevista para chamar atenção dos jovens que faziam barulho ao lado da nossa gravação, este momento é aquele que mais esperamos em relação ao documentário, aparentemente ela se liberta de quaisquer barreiras e age de acordo com a educação de seu berço, com seus valores mais enraizados. Avalia, quando retorna do momento de atenção aos jovens, essa relação entre sua geração e os mais novos, que os mais jovens estão perdendo a educação, que ela considera um valor fundamental. Perguntamos se agora, ao contato com a Universidade, se ela tivesse a oportunidade de estudar o que ela gostaria de aprender e ensinar. E ela diz que gostaria de estudar para trabalhar com creche ou assistência social. Diz que mesmo que seja uma luta, que ela gosta disso, de trabalhar com as crianças, e pondera que mesmo que não tenha tido oportunidade de estudar que se sente uma pessoa feliz por aquilo que ela já tem. Avalia também que aos jovens falta um acompanhamento maior, por isso que eles não tem a educação que ela considera ideal. Avalia que no dia da Recomendação das almas estava doente e talvez nem fosse, mas que prometeu a Deus que enquanto ela tiver de pé a cultura da comunidade ela não deixa cair, porque é uma cultura muito bonita. Ressaltou novamente a preocupação com os jovens, que eles estão deixando aos poucos isso partir e que não pode acontecer. Novamente ressaltou esse conflito geracional. Que nosso cantado que fazem na igreja da pra contar nos dedos os números de jovens presentes. Avalia que essa falta de interesse é coisa dos jovens mesmo, não tem influencia com outras culturas, ou com aquilo que assistem na televisão. Nos parece muito mais um conflito geracional que entendemos que pode acontecer em todas as culturas. Ressalta também que gostou de conhecer nossa mãe, que no momento da devolutiva ela nos acompanhou, e pelos dizeres de Dona Diva, percebemos que foi muito relevante esse encontro.

Dona Leide:

Avalia que o retorno foi muito produtivo, que teve uma troca. Perguntamos o que ela tem vontade de aprender com a Universidade, ou se pudesse dar continuidade aos estudos, e ela diz que gostaria de aprender a ler,

conta que já faz um curso na escola da comunidade, mas que é só duas vezes por semana, que ela acha pouco. Quando aprender a ler ela gostaria de ler as rezas para acompanhar as missas. Avalia que foi importante assistir a Recomendação das almas, que antes, eles conseguiam ouvir as gravações das cantorias, mas que ver as imagens é muito diferente, que é importante.

Bertolino Silvério:

Avalia que foi bom as atividades da pesquisa, principalmente pela oportunidade de conhecimento, de trocas. Notamos que ele se sentiu prestigiado.

Dona Maria Rita Silvério da Costa:

Avalia que a pesquisa é muito importante pela troca de conhecimentos, que nosso retorno anima a todos pois estamos mostrando que as atividades estão tendo continuidade, e ela acha isso positivo. Pedimos para ela cantar algum trecho da recomendação das almas, mas ela muito animada diz que prefere cantar junto aos demais.

Carlinhos:

Carlinhos nos conta que a pesquisa foi muito positiva. Diz que seu filho Maicon se interessou bastante por fazer fotografias, mexer no computador. Diz que logo em seguida matriculou seu filho em um curso de informática na cidade de Eldorado. Perguntamos se a pesquisa teve alguma relação e ele disse que seu filho já gostava disso, mas com a pesquisa ficou mais motivado, e também aquilo que aprendeu conosco pode ensinar aos demais jovens da comunidade. Disse também que para ele não adianta só o pesquisador vir e ensinar alguma coisa, mas que é preciso que a comunidade possa dar continuidade aos aprendizados e que no que depender dele que ele vai investir em seu filho nesta área, porque considera que ele revelou certa aptidão. Perguntamos para ele a reação que tiveram quando receberam os vídeos da pesquisa pelo correio e ele disse que gostou, que não estava em casa e quando chegou seu filho Maicon estava em posse do DVD nas mãos animado para mostrá-lo. Avalia que a exibição da pesquisa pode ser interessante para a visibilidade da comunidade. Perguntamos se ele considera importante que haja continuidade de pesquisas da Universidade na comunidade e ele diz que sim, avalia este

tipo de relação sempre se dará em base de troca, que o pessoal da comunidade está aberto a aprender, mas também a ensinar. Pergunto o que eles podem nos ensinar, e ele reforça que são os aspectos da cultura local, descreve por exemplo construção de casas de madeira, que tipo de madeira escolher e também até o próprio sistema de criação deles, citando a habitação, considera que é importante a distância entre uma casa e outra. Na sequência pergunto sobre o pesquisador Martino, um italiano, estagiário do ISA que conhecemos no dia da devolutiva, e que era o mais novo pesquisador na comunidade, pergunto quais são os afazeres dele na comunidade e ele descreve o repovoamento da mata ciliar. Podemos notar que Carlinhos tem em seu discurso um linguajar adquirido dos atores sociais que frequentam a comunidade, especialmente do ISA e do ITESP, desta relação com a preservação ambiental, que consideramos de muito valor.

8.9 Campo 5

Será o momento da segunda devolutiva compreendendo este texto escrito formatado enquanto dissertação finalizada da pós graduação, bem como, dos vídeos restantes, referentes as entrevistas realizadas na primeira devolutiva que levaremos em formato DVD. Imaginamos que se dará em janeiro de 2010.

9 CONCLUSÃO

Ao longo do texto da pesquisa fizemos encaminhamentos de alguns pontos que consideramos relevantes no decorrer do processo e que seriam rediscutidos nesta etapa da conclusão, portanto vamos retomá-los.

Nos primeiros capítulos fizemos referencia a internet e o papel que esta desempenha em nossa pesquisa - mais especificamente como possibilidade de produção colaborativa, armazenamento e visibilidade, entretanto ponderamos a manipulação dos códigos presentes na rede como um dos fatores fundamentais para que escolhêssemos os servidores da Universidade de São Paulo como suporte – criação de nossa conta nos servidores datadas de março do ano de 2008. Contudo, antes do entendimento mais amplo destas noções do código, e em paralelo a este entendimento, utilizamos um servidor proprietário do Google, mais especificamente, do *blogspot*.³⁷

Construímos neste servidor proprietário, a partir de outubro de 2007, nosso caderno de campo digital. Neste primeiro ano produzimos 8 postagens. No ano de 2008 produzimos 159 postagens, e no ano de 2009 até a presente data produzimos 23 postagens. Considerando que os destinatários longínquos podem ser todos aqueles que se interessam pelas bordas dos temas que percorremos o servidor proprietário mostrou-se eficaz para este propósito e pode ser que em alguma medida tenha alcançado destinatários imediatos.

Reafirmamos que aos nossos objetivos tanto nesta etapa bem como para a continuidade da pesquisa o nosso interesse maior foi o de alcançar destinatários imediatos – aqueles considerados por nós enquanto nossos pares, ou seja, pesquisadores das bordas teóricas que percorremos. Designamos como já adiantamos ao longo do texto, que os servidores da Universidade de São Paulo adquirem a função que julgamos mais eficaz aos nossos objetivos, justamente porque são ambientes onde trafegam em maior número estes destinatários que queremos alcançar. A descrição das

³⁷ www.etnologocineastaseosquilombos.blogspot.com Disponível em Outubro de 2009.

plataformas que faremos nas próximas linhas procurará justificar esta nossa escolha.

Ao longo da pesquisa, mais especificamente no capítulo dos Resultados, já havíamos revelado que os servidores são STOA e IPTV-USP, no entanto vamos descrevê-los no próximo parágrafo com maior propriedade assim como vamos divulgar nossos endereços afim de que toda produção iconográfica da pesquisa possa ser acessada. Queremos asseverar que esta pesquisa não acompanha nenhum outro veículo de divulgação das visualidades, atribuímos a alocação dos conteúdos nos servidores porque em relação aos códigos consideramos que possam ter permanência preservada e livre de qualquer manipulação. Quaisquer formas de abordagens modificadoras de originais imaginamos que possam ocorrer desde que atendam aos protocolos contratuais. Nosso endereço no Stoa é www.stoa.usp.br/zevitor “O Stoa é uma rede social dos estudantes, professores, funcionários e ex-membros da Universidade de São Paulo (USP). Os objetivos do Stoa são promover uma maior interação entre os membros da comunidade USP, criar um espaço onde cada pessoa dentro da Universidade tenha uma identidade digital de fácil acesso, tanto para quem está dentro da USP, quanto para a comunidade externa, e fornecer um sistema de softwares que facilite aos professores a administração de seus cursos para os estudantes (...) a aprendizagem é um processo social, além de cognitivo. A convivência com os colegas e a inserção do aluno numa comunidade educativa é um aspecto importantíssimo na formação dele. Assim, a USP constrói espaços públicos como bibliotecas, lanchonetes, praças etc. para promover oportunidades de discussão e debate.

A infra-estrutura tecnológica da USP também deve promover a formação de uma comunidade de alunos e educadores. Visamos a implementação de um conjunto de tecnologias em apoio a este objetivo: além de salas de aula, praças públicas e stoas virtuais.”³⁸

Os arquivos – fotografias estão dispostos na pasta de armazenamento do Stoa em nossa conta no endereço www.stoa.usp.br/zevitor/files

³⁸ <http://www.iptv.usp.br/portavisualizarT/exto.jsp?midia=quemsomos> Disponível em Outubro de 2009.

Estão dispostas de acordo com os fragmentos de origem, ou seja, fragmento 1; fragmento 2; fragmento 3; fragmento 4, relacionados aos seus campos e devidamente identificados. Por exemplo: “Fragmento 2 (campo 2); fragmento 3 (campo 2)”

É importante notar que um determinado campo abrange um ou mais fragmentos devidamente numerados para que não haja equivoco. No caso do exemplo o fragmento 3 pertence ao campo 2, mas numerado em ser fragmento 3 não tem possibilidade de engano.

O ideal para nossa escolha seria que o próprio Stoa permitisse armazenar e compartilhar os conteúdos da nossa produção de campo, das visualidades compreendidas de fotografias e de vídeos, no entanto em relação aos vídeos a plataforma que se revelou mais apropriada foi o IPTV-USP. Existe uma possibilidade, em teoria, de se criar um *link* (código embed) do IPTV para o STOA, no entanto na prática os engenheiros nos informaram que por enquanto existem dificuldades técnicas nesses endereçamentos entre as plataformas, contudo, as fotografias produzidas na pesquisa estão dispostas nos nossos arquivos do STOA, enquanto os vídeos em nossa conta do IPTV. Sobre o IPTV:

Este serviço está à disposição da comunidade para divulgação de informações educacionais, científicas e culturais produzidas na Universidade de São Paulo. O objetivo principal é permitir acesso amplo a essas informações, democratizando o conhecimento gerado nesta instituição. No entanto, para preservar a exploração de imagens não autorizadas para disseminação ampla e interesses específicos, algumas produções são de acesso restrito a comunidade Uspiana, enquanto as demais são de acesso público.³⁹

Nosso endereço no IPTV é <http://www.iptv.usp.br/portal/videos.jsp?idAutor=110>

Neste endereço encontra-se os vídeos produzidos na pesquisa. Estão dispostos de acordo com os fragmentos de origem, ou seja, fragmento 1; fragmento 2; fragmento 3; fragmento 4, relacionados aos seus campos e devidamente identificados. Por exemplo: “Fragmento 2 (campo 2); fragmento 3 (campo 2)”

³⁹ <http://www.iptv.usp.br/portal/visualizarTexto.jsp?midia=quemsomos>

É importante notar que um determinado campo abrange um ou mais fragmentos devidamente numerados para que não haja equívoco. No caso do exemplo o fragmento 3 pertence ao campo 2, mas numerado em ser fragmento 3 não tem possibilidade de engano.

Teoricamente o papel que condicionamos à internet – entre servidores privados e públicos, tem sido atribuído por alguns estudiosos como uma forma etnográfica que poderia ser denominada de “(n)etnografia”, conceituação recente que atribui a internet este papel de lidar com conteúdos etnográficos em rede, sobretudo também na avaliação das relações de troca entre as comunidades virtuais, redes sociais, etc. Pode ser que tenhamos, em alguma medida, alcançado os princípios teóricos da (n)etnografia, no entanto preferimos afirmar que fizemos uma pesquisa do tipo etnográfica conforme conceituamos na metodologia, dispostas em rede, e, com certa redundância, afirmamos que a internet para nós tem o papel de atrair a atenção de outros pesquisadores e entusiastas, destinatários, a fim de que possam participar desta produção que se quer coletiva. Muito mais do que utilizar as plataformas para exibição dos vídeos como produto acabado, característica por nós não adotada, uma vez que optamos por não editar um vídeo final para esta etapa.

Da maneira que as seqüências estão compartilhadas, em forma de fragmentos, imaginamos que o conjunto das visualidades produzidas que compreendem os vídeos e as fotografias, possam instigar indagações, despertar curiosidade, criar desejos de interferência, acionar provocações, muito mais do que se nós apresentássemos uma solução acabada e determinista. Neste sentido acaba por cumprir os objetivos de abrir a pesquisa para novos olhares, para novas propostas e encaminhamentos que poderão ser dados por nossos pares, sem prescindir, no entanto do intuito original do autor de construir um documentário, um ícone documental.

Outro encaminhamento importante feito no texto diz respeito a nosso vetor de processo teórico, empírico, audiovisual, da tríade constitutiva entre mostrar, fazer, mostrar, como revelamos em nossa carta de intenções.

O “primeiro mostrar” atribuímos ao CAMPO 1: etapa em que fizemos nossa primeira carta de intenções, apresentada e formatada como proposta

para a comunidade. Tivemos a aceitação e assim pudemos dar prosseguimento.

O “fazer” relacionamos a parte prática da pesquisa, de aplicação dos métodos, da produção material das visualidades encaminhadas de forma colaborativa, portanto, período ainda coincidente com esta etapa que estamos, ou seja, até o término desta primeira fase, deste primeiro fazer composto pelo texto da dissertação e da produção de campo. Fase que se encerra academicamente com a entrega do texto e das produções. O que produzimos até aqui é fruto das possibilidades e das restrições de tempo e condições postas para o trabalho. Metodologicamente nos encontramos entre a fase de pré-produção e produção documentária. Evidentemente para esta etapa o tempo regular do programa não corresponde ao tempo requerido para a construção de um documentário finalizado, mas ainda assim, o resultado como dissemos não nos parece insuficiente para as nossas proposições acordadas com a orientação. Alcançamos uma produção coletiva e a construção do vínculo, e assim as entendemos como uma conquista da maior pertinência estratégica do nosso trabalho. O vínculo construído e os fragmentos ordenados, as pistas, as interrogações e os achados, as análises preliminares, deixam sem sombra de dúvida abertas as possibilidades para a continuidade da pesquisa, Reiteramos que esse resultado foi favorecido por meio da aplicação da própria metodologia e consequentemente pela interação entre pesquisador e comunidade registrados nos testemunhos fílmicos e na produção fotográfica.

O “segundo mostrar” atribuído como a soma dos termos “fazer” e o “primeiro mostrar” nos parece válida para esta pesquisa e será de fundamental importância para que possamos completar os resultados a partir do modelo que apresentamos no capítulo da Iconomia.

Retomando a questão por nós iniciadas no capítulo da Iconomia e depois retomadas também nos Resultados, mais especificamente no campo 2 bloco 2, sobre o nosso nome próprio, percebemos que nosso *self* de pesquisador foi demasiadamente carregado pelas influências da Cidade do Conhecimento e os conteúdos das aulas de Iconomia. Tínhamos uma

predisposição para realização documentária, no entanto naturalmente nossa *persona* de pesquisador foi acionada e nos vimos muito cativados para realizar um projeto com estratégias que contassem com objetivos da inclusão digital, da geração de renda, etc. Nossas atividades em campo revelam não só a finalidade documentário mas processualmente um meio de inserção social, de troca mútua, de aprendizados, e acima de tudo de intensidades – intelectuais e emocionais. Entendemos que nossa formação, que em parte cumprimos nesta pós-graduação, reflete as contingências de um programa que até então apresentava alguns limites, sobretudo técnicos, cuja dimensão vimos agora alargadas pelas mudanças que estão a implantar. O novo modelo contempla oficinas de fotografias, oficinas de vídeo com ilhas de edição, oficinas de iluminação, exibição de filmes, ou seja, tudo aquilo que deve estar acoplado ao fazer documentário, que pode enfim propiciar o protagonismo dos sujeitos de pesquisa. Para nós não basta simplesmente fazer por fazer, entendemos ser primordial que a prática documentária de princípios iconômicos, como a entendemos, seja potencialmente agenciadora de transformação.

Não queremos, no entanto superdimensionar o poder do documentário. Muitas transformações estão atreladas às competências dos governos, do Estado e da mesma forma, se assim podemos dizer, outras cabem à sociedade organizada e aos próprios sujeitos sociais. Mas se nossa troca agregar estes sujeitos uma mudança de percepção ou consciência, consentida, que não necessariamente se dê pela prática documentária, mas que a partir dela confabule-se ou some a um novo fazer, já nos sentiremos gratificados, isto é, com nossos objetivos alcançados. Se a prática documentária for acionada e efetivada a este novo fazer nos sentiremos mais gratificados ainda.

É preciso notar que partimos de uma argüição de produção de documentário, que se daria individualmente (1 pesquisador ao encontro de uma comunidade), mas não por ingenuidade técnica, mas sim e muito mais pelo fator possibilidade. Nos preparamos da melhor maneira possível e fomos para a prática.

Existia uma opção muito delimitada que seria durante a pós-graduação percorrer apenas os caminhos teóricos das bordas na formatação do projeto,

procurar novos pesquisadores interessados em desenhá-lo e deixar para o doutorado o campo. Do modo que fizemos, teoria e campo, nós perdemos talvez, em aprofundamento teórico, porém ganhamos muito nas produções que fizemos, nos vínculos construídos, que consideramos essenciais para uma formatação mais adequada ao próprio campo e aos nossos objetivos. O nosso olhar para um novo fazer também foi transformado.

A nossa especulação sobre equipe esta reformulada. Queremos sim atingir novos pesquisadores, destinatários, como defendemos durante o texto, porém a conjugação nossa equipe para nós passou a ser a vontade de estabelecer uma sede de produção no próprio campo. Queremos a partir desta construção verbal – desta dissertação, e das produções iconográficas formatar um programa conciso a fim de que possamos concorrer em editais que contemplem tais demandas.

Entendemos que nossa pesquisa, pautada pelas características que descrevemos em nossa carta de intenções, alcançou respostas significativas. Compreendemos sobretudo que nossa postura ética, científica e atitudinal no campo engendrou a participação local e a produção de um documentário engajado. Não temos ainda o ícone concluído e o documentário finalizado, mas esta “obra em progresso”, tomando o termo do compositor e cantor Caetano Veloso para um trabalho seu em andamento, já possui uma característica singular e reveladora, e a partir dela nos sentimos mais maduros para avançar com o modelo iconômico que perseguimos. Seguramente vamos retomá-lo.

ENGENHARIA → CÁLCULO → TECNOLOGIA:

Compreendemos como as ferramentas, portanto:

audiovisual + internet

+

ICONOMIA → ECONOMIA → VALOR → PROPRIEDADE

Esse valor por ser associativo a outras dimensões e operações como descritos na teoria, para esta tentativa de solução fica em aberto, mas localizado. Entendemos que esta dissertação e toda produção e movimento que dela decorre agregue valor a este fator. Afirmamos que o documentário se processa por um viés de engajamento. Esta é uma noção que tem implicância

neste fator. Um aspecto de valor intangível. Com o documentário finalizado, ícone, este aspecto pode ser fundamental para a mensuração, para a “iconometria”.

+

COMUNICAÇÃO → CONTRATO SOCIAL:

Pesquisador credenciado na Cidade do Conhecimento José Vitor Marchi Palma e Silva da ECA - Universidade de São Paulo, pós graduando em Ciências da Comunicação no estudo dos meios e da produção mediática do departamento de Cinema, rádio e TV na relação com a: Comunidade de Remanescentes de Quilombos de Pedro Cubas, no município do Vale do Ribeira – SP.

=

ÍCONE →

visualidade (material) + visibilidade (imaterial, intangível)

Visualidade, fator material, tangível: produções iconográficas: vídeos, fotografias; camisetas da devolutiva com as fotos da pesquisa; dissertação da pós graduação ; internet: compartilhamento dos arquivos na plataforma IPTV-USP , Stoa, *blogs* da pesquisa.

Visibilidade: fator imaterial, intangível.

Adiantamos que diversas vezes fomos procurados por pesquisadores interessados na pesquisa, tanto através de postagens nos *blogs*, como por e-mails e contatos presenciais. Aspecto de difícil mensuração necessariamente condiciona esta pesquisa aos próximos afazeres. Não é um calculo fechado, é um fator dinâmico.

Vamos ao parágrafo final. Conclusivamente,

[...] nenhum indivíduo sozinho pode investigar a totalidade do campo das atividades humanas; mesmo numa pequena comunidade não terá tempo e nem oportunidade de observar os hábitos da vida cotidiana de ambos os sexos e de todas as idades, todas as atividades econômicas, rituais, recreativas; todas as leis, costumes e instituições. Cada investigador se interessará, provavelmente, por algum aspecto especial. Será guiado por suas predileções, treinamentos, capacidades e pelas ocasiões de estudo que lhe enseja a comunidade particular. (guia pratico antropologia, p. 50)

Por tudo posto podemos notar a partir das descrições e análises de campo que nosso fazer documentário contém por princípio a capacidade de evocar aspectos fundamentais para a compreensão da comunidade. Entendemos que resta-nos dar continuidade, da maneira que clarificamos junto à própria comunidade e demais pesquisadores, ao aprofundamento de um ou mais temas para alcançarmos um documentário com edição final. Queremos partir, isto é, através deste programa, para uma produção que classificamos como mais “profissional”, atendendo aos requisitos técnicos e qualitativos que implica essa classificação. Formatos, equipes, equipamentos, etc.

Em relação as temáticas imaginamos que muitas são as possibilidades abertas. É possível produzir um documentário unicamente sobre a Recomendação das Almas, ou produzir um documentário sobre a história do Adão; ou ainda um documentário sobre a história de militância na cidadania ativa de Antonio Jorge; a produção de um documentário com as crianças e jovens da comunidade. Abre-se ainda como uma possível escolha a produção de um documentário que contemple cada uma destas temáticas anteriores, porém centrado na própria formação e no destino comunitário histórico de Pedro Cubas. Entre todas essas possibilidades o “fazer junto” estaria por nós designado, desde a formulação da “carta de intenções”, passando por todas as etapas de produção de um documentário profissional.

Acreditamos que do olho da realidade já temos as pálpebras abertas, já temos observações em planos fechados e muitas panorâmicas, o nosso plano médio está renovado e nosso plano sequência pré-determinado, intencionado, porque

(...) o cinema é obra-aberta , inacabada, presta a múltiplas interpretações, uma hermenêutica do sentido, uma pluralidade instável e indeterminada que, a todo tempo, cria brechas e dissipações, que propiciam ao sujeito-vidente encarar de frente os paradoxos do tempo presente, para tentar, na medida do possível, regenerar sua própria existência, direcionando-o para a busca de novos níveis de significação, sejam eles individuais, sociais e planetários. (CARVALHO, 2008: 140).

REFERÊNCIAS

BENEDIKT, América Adriana. **Em busca das verdades do cinema:** documentando e ficcionalizando a potência da realidade. São Paulo: ECA-USP, 2006.

Brasil. Governo do Estado de São Paulo. **Projeto quilombos vivos.** São Paulo, 2006.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lillia Dias de (Org.). **Comunicação audiovisual:** gêneros e formatos. Porto Alegre: Sulina, 2007.

FRANCE, Claudine de. **Cinema e antropologia.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

FRANCE, Claudine de. **Do filme etnográfico a antropologia fílmica.** Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

GALENO, Alex et al. **Brasil em tela:** cinema e poéticas do social. Porto Alegre: Sulina, 2008.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GERVAISEAU, Henri Pierre Arraes de Alencar. **Reflexões sobre fragmentos de uma obra em processo.** São Paulo: ECA-USP, 2008.

HABERMAS. **Consciência moral e agir comunicativo.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade.** São Paulo: Editora DP&A, 2007.

ITESP. **Negros do Ribeira:** reconhecimento étnico e conquista do território. São Paulo: Secretaria de Justiça e da defesa da cidadania, 2000.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MACIEL, M. I. E. **A pesquisa-ação e Habermans**: um novo paradigma. Belo Horizonte: Uma Editora, 1999.

MARCHI PALMA E SILVA, Juliana. **A TV segmentada e os grupos urbanos**. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Comunicação Social, PUC, São Paulo, 2003.

Matrizes: revista do programa de pós graduação em ciências da comunicação da universidade de São Paulo. São Paulo: ECA-USP, v. 1, n. 1, jul./dez. 2007.

Matrizes: revista do programa de pós graduação em ciências da comunicação da universidade de São Paulo. São Paulo: ECA-USP, v. 1, n. 2, jan./jun. 2008.

MELUCCI, A. **Challenging codes**: collective action in the information age. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da senzala**: quilombos, insurreições, guerrilhas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Amir (Org.). **O Cinema do real**. São Paulo: Cosacnaify, 2005.

NAVARRO, Raul Fuentes. Fontes bibliográficas da pesquisa de pós graduação em comunicação no Brasil e no México: uma aproximação da análise comparativa. **Matrizes**, São Paulo, n. 1, p. 165 176, 2003.

NEVES, V. F. A. **A pesquisa-ação e etnografia**. São João: Caminhos Cruzados, 2006.

PAES, Gabriela Segarra Martins. **A “Recomendação das Almas” da comunidade remanescente de quilombo de Pedro Cubas**. Dissertação de mestrado - História Social, São Paulo, USP, 2007.

RAMOS, Fernão Pessoa (org.). **Teoria contemporânea do cinema**: documentário e narratividade ficcional. São Paulo: Editora Senac, 2005.

REAL INSTITUTO DE ANTOPOLOGIA DA GRÃ BRETANHA E DA IRLANDA.
Guia prático de antropologia: preparado por uma comissão do Real Instituto de Antropologia da Grã Bretanha e da Irlanda. 2 ed. São Paulo. Cultrix, 1973.

SAMAIN, Etienne; SOLHA, Hélio. Antropologia visual, mito e tabu. **Caderno Rio Arte**, Rio de Janeiro, v. 07, p. 96-99, 1987.

SANTOS, Sandra Regina do Nascimento. **Vozes do Quilombo:** história e narrativas contemporâneas. Tese de Doutorado – Curso de Jornalismo, São Paulo,. ECA, 2006.

SCHATZMAN, L.; STRAUSS, A. L. **Field research:** strategies for a natural sociology. New Jersey: Prentice-Hall, INC., Englewood Cliffs, 1973.

SCHWARTZ, Gilson. **A definição de Emancipação Digital na criação de um modelo e inclusão sócio-econômica mediada por artefatos de certificação digital.** São Paulo: USP, São Paulo: 2006.

SCHWARTZ, Gilson. **O valor do invisível.** 2008. Disponível em:
<<http://www.abopbrasil.org.br/arqs/Documento84.pdf>> Acesso em 10 fev. 2009.

SCHWARTZ, Gilson. **Princípios da Iconomia.** Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2006. Disponível em:
<<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/110/109>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo.** Bauru: EDUSC, 1999.

SILVA, José Vitor Marchi Palma e. **Janelas suburbanas:** a mediação da T.V. do cotidiano da periferia urbana. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Comunicação Social, PUC, São Paulo, 2005.

SOUZA, Helio Augusto Godoy de. **Documentário, realidade e semiose: os sistemas audiovisuais como fontes de conhecimento.** São Paulo: FAPESP, 2001.

SPRADLEY, J.P. **Participant observation.** New York: Holt, Rinehart and Winston Ed., 1980.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 2000.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)